



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO
Especialização: Ética Teológica

MARIA FERNANDO PANGUANA

**O Evangelho e a promoção da mulher
moçambicana**

A ação das Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário

Dissertação final
sob orientação de:
Prof. Doutor Jorge Teixeira da Cunha

Porto
2021

RESUMO

No presente trabalho abordamos a situação sociocultural e eclesial da mulher em Moçambique. À luz dessa discussão, a principal inquietação que nos acompanhou ao longo do estudo e reflexão, foi a tentativa de encontrar o lugar justo que ela ocupa, na família, sociedade e na comunidade cristã.

As mulheres são duplamente oprimidas pela tradição cultural e pela sociedade. Contudo, acreditamos na sua dignidade e capacidade de transformar a vida familiar, consequentemente, a sociedade, com a sua coragem e determinação. Pois acreditam em si e na sua força interior, quando muitas vezes assumem o papel de serem «chefes de família», colocando-a sempre em primeiro lugar. A mulher é mãe e geradora de vida, independentemente da sua condição social, cultural ou religiosa, junto daqueles que necessitam do seu calor materno.

Nós, as Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário, pretendemos contribuir para a identificação do lugar e missão da mulher, na consciencialização da sociedade e na sua promoção integral, nos diversos setores sociais, apostando e promovendo a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.

Para Deus, todos temos valor, pois em cada ser, há maravilhas e sinais do criador. Quando as mulheres se dedicam em diversos ministérios eclesiais, vivendo o serviço desinteressado em favor dos outros, manifestando assim o mandamento do amor, captam a presença de Deus, nas pequenas coisas e serviços comunitários. A ação pastoral das Missionárias Dominicanas, tem como objetivo não só a evangelização, como também a promoção integral da mulher moçambicana.

Palavras-chave: Moçambique, mulher, tradição cultural, geradora de vida, dignidade, ministerialidade, Missionárias Dominicanas do Rosário.

ABSTRACT

In this paper, we address the socio-cultural and ecclesial situation of women in Mozambique. Considering this discussion, the main concern that accompanied us throughout the study and reflection was the attempt to find the right place for women in the family, society and in the Christian community.

Women are doubly oppressed by cultural tradition and society. However, we believe in their dignity and ability to transform family life, and consequently, society with their courage and determination. For they believe in themselves and in their inner strength, when they often assume the role of being «heads of the family», always placing it first. Women are mothers and generators of life, regardless of their social, cultural, or religious condition, alongside those who need their maternal warmth.

We, the Dominican Missionary Sisters of the Rosary, intend to contribute to the identification of women's role and mission of women, in the awareness of society and in their integral promotion, in the different social sectors, by investing in and promoting equal opportunities between men and women.

For God we all have value, for in every being there are wonders and signs of the Creator. When women dedicate themselves to various ecclesial ministries, living selfless service on behalf of others, thus manifesting the commandment of love, they grasp the presence of God in small things and community services. The pastoral action of the Dominican Missionaries is aimed not only at evangelization but also at the integral promotion of Mozambican women.

Keywords: Mozambique, women, cultural tradition, life-giving, dignity, ministeriality, Dominican Missionaries of the Rosary.

«Só fazemos bem às almas na medida em que as amamos»¹.

¹ Pensamento de Ascensión Nicol.

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação foi realizada com o incentivo e a motivação do Professor Doutor Jorge Teixeira da Cunha, da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Agradecemos o seu empenho e dedicação, por nos ter ajudado na elaboração e concretização do mesmo.

Um caloroso agradecimento a Piedade Ferrão, Cátia Terra, irmã Juana Mary Ciriza Echeverria e irmã Mafalda Moniz, pelo apoio incondicional e dedicado na correção da língua portuguesa e nos questionamentos formulados, que contribuíram para clarificar e solidificar os nossos. Agradecemos, ainda, à Ana Freixo pela tradução para o inglês. Para todas, o nosso eterno agradecimento. A todos os professores que, ao longo das aulas, contribuíram para interiorizar e reencontrar o verdadeiro sentido de sermos cristãos no amor, o nosso muito obrigado.

A Dom Cláudio Dalla Zuanna, arcebispo da Beira, pelo auxílio prestado na localização e envio de algum material de apoio, vai o nosso agradecimento.

Às minhas irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário da Província de Santa Catarina de Sena e da Vigararia de Moçambique, que nos estimularam a realizar o curso, para o bem da nossa missão e do nosso crescimento humano e espiritual, a nossa eterna gratidão.

Aproveitamos o ensejo para homenagear todas as mulheres moçambicanas, incansáveis lutadoras do quotidiano, pelo esforço que fazem para cuidar da vida e dos seus. Para elas, o nosso profundo agradecimento pelo empenho e dedicação em prol da existência.

DEDICATÓRIA

A Deus, pelo dom da vida, sobretudo pela graça do amor e paciência que tem manifestado em nós, em todas as circunstâncias da vida.

À nossa querida mãe, que Deus a tenha, por todo o esforço, dedicação e apoio manifestado ao longo da existência.

A todas as minhas irmãs da Congregação, pela sua valentia e coragem na luta pela dignidade dos seres humanos, em particular das mulheres mais desfavorecidas.

A todas as mulheres que sofrem, pelo simples fato de serem mulheres, às anónimas e esquecidas. Queremos enaltecer a sua tenacidade, a superação no trabalho diário e a promoção da vida feita com persistência e determinação.

Terminamos, manifestando o nosso reconhecimento e agradecimento a todos aqueles/as que, direta ou indiretamente, prestaram o seu contributo.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AMETRAMO: Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique

At: Atos dos Apóstolos

Cor: Coríntios

Ex: Êxodo

Gn: Genesis

IEME: Instituto Espanhol de Missões Estrangeiras

Is: Isaías

Jo: João

Lc: Lucas

LG: *Lumen Gentium*

Mc: Marcos

MDR: Missionárias Dominicanas do Rosário

Mt: Mateus

Rom: Romanos

RPA: Razões para Acreditar

Rt: Rute

Sl: Salmos

STV: Soico Televisão

INTRODUÇÃO

Falar do lugar sociocultural e eclesial da mulher em Moçambique é um grande desafio. Apesar de ser um tema muito explorado, em várias vertentes, no âmbito da teologia é muito pouco abordado na sociedade moçambicana. Parece que estamos perante um estribilho, que todos entoam em várias tonalidades, mas temos a sensação de não estar afinado e pronto para o concerto. É uma realidade complexa, tornando-se numa situação sensível e, por vezes, polémica, do ponto de vista social, cultural e, até mesmo, eclesial. Por isso, tem suscitado muitos debates, inclusive suscetibilidades e reivindicações do espaço feminino, em várias esferas da vida humana.

Se um determinado assunto é objeto de muitas conferências, debates, publicações, é sintomática a sua existência e prevalência, e, por sua vez, pertinente e relevante a sua abordagem e aprofundamento. É um tema que pode ser visto em diversos ângulos e perspetivas, pois mostra-se complexo, inesgotável e sempre atual.

Este modesto trabalho, tem como objetivo contribuir para a consciencialização da promoção da mulher em Moçambique. Procura identificar um lugar mais justo da mulher na família, na sociedade e na Igreja moçambicana. Serviram de base para a nossa pesquisa, os seguintes questionamentos: Qual é o lugar sociocultural da mulher em Moçambique? Qual é o seu enquadramento justo e devido na vida social, cultural e religiosa? Afinal quem é a «nossa mamã»?

Feitas as interrogações, surgiu o tema da dissertação: «O Evangelho e a promoção da mulher moçambicana. A ação das Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário». Focaremos situações concretas e reais de algumas mulheres, que narram na primeira pessoa, as suas experiências de luta, busca e sofrimento silenciado, mas também as pequenas vitórias alcançadas no seio de uma sociedade marcadamente patriarcalizada.

No primeiro capítulo da tese, abordaremos os caminhos de vida e itinerários dos fundadores do Instituto, Ramon Zubieta e Ascensión Nicol, as suas origens com forte espiritualidade Dominicana, que culminaram com a fundação da Congregação das Missionárias Dominicanas do Rosário. Posteriormente, a sua expansão pelo mundo, com a chegada e implantação da Congregação em Moçambique. Por último, destacaremos a

fundação das comunidades e missões das irmãs nas províncias da Zambézia e de Maputo, onde desenvolvem a sua ação evangelizadora.

Ao longo do segundo capítulo, refletiremos sobre a situação sociocultural da mulher. Iniciaremos por definir o termo «cultura» de uma forma geral. Revisitaremos o rito cultural do nascimento de uma mulher e o que a sociedade espera da sua vida. Exporemos igualmente o significado e implicações do *lowolo*, na vida da mulher, segundo a tradição. Procuraremos, também, expor o lado mais sombrio de alguns aspetos culturais sobre a mulher. Por último, apresentaremos o apoio e o contributo das irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário no Centro Social Flori. Promovem a mulher na zona das Mahotas, em diversas áreas: alfabetização, formação humana, microcréditos, *xitique* e através da pastoral de escuta. Fomentam a realização dos seus sonhos e uma integração plena na sociedade.

No terceiro capítulo, concluiremos a nossa pesquisa, identificando o lugar e a missão das mulheres nas nossas comunidades cristãs, através da ação pastoral. Num primeiro momento, abordaremos, de forma breve, exemplos de vida de algumas mulheres ao longo da história do cristianismo. Pessoas que nos inspiram com o seu testemunho de vida, inclusive mulheres que frutificaram África com o seu martírio, entre elas, figuram quatro mártires da nossa Congregação no Congo e um grupo de catequistas do Guíua em Inhambane. Abordaremos, igualmente, a voz profética de Catarina de Sena no seio da Igreja. Por último, destacaremos o sentido da ministerialidade da Igreja em Moçambique, depois do Concílio Vaticano II, vincada pela necessidade de uma evangelização participativa em diversos serviços. Destacaremos, particularmente, a fundação de algumas comunidades cristãs que, com o contributo dos missionários, nos arredores de Maputo, fazem a formação dos leigos, onde se destaca a preciosa colaboração das mulheres, com a dimensão da *koinonia* em diferentes ministérios.

Para alcançarmos a sua efetividade e participação, é necessário irmo-nos descalçando de vários preconceitos e estereótipos, da herança tradicional e cultural, subjacentes na memória coletiva, de que a mulher é e está, naturalmente, sujeita à procriação e ao cuidado doméstico e privado da família.

O trabalho não pretende indicar, na totalidade, o lugar sociocultural e religioso da mulher, nem pretende ser uma solução definitiva dos inúmeros obstáculos e desafios sociais que afetam as mulheres. Mas sim, uma tentativa de reflexão, sistematização e

compreensão de quem é a mulher e como vive. Qual é verdadeiramente a sua missão e que lugar ocupa ou deveria ocupar na família, na sociedade e na Igreja? E como a Congregação das Missionárias Dominicanas do Rosário tem contribuído para a promoção da dignidade da mulher, em Moçambique.

Não obstante, deparámo-nos com algumas dificuldades no decorrer do nosso trabalho, principalmente no respeitante à localização da bibliografia relacionada com o tema. Não foi fácil encontrar obras de carácter teológico produzido em Moçambique, sobre o assunto em análise, especialmente segundo a perspectiva moçambicana. Contudo, apesar da sua grande escassez, fomos conseguindo um ou outro material de apoio.

Citaremos, no decorrer da pesquisa, alguns textos da Sagrada Escritura, que servirão de iluminação à nossa reflexão. Ressaltamos a nossa fragilidade, ao não fazermos uma hermenêutica aprofundada sobre os textos bíblicos, uma vez que não tivemos a oportunidade de estudar as línguas bíblicas. Daí, a nossa limitação em compreender, com a profundidade original, o sentido e a interpretação das palavras e textos.

Recorremos para as referências bíblicas à Bíblia de Jerusalém, nova edição, das Edições Paulinas. Queremos, também, destacar o uso do método «prático da pastoral de escuta», de conversas e partilhas feitas, por confiança, de algumas mulheres que, ao longo da missão e acompanhamento, tivemos a graça de acolher, escutar e respeitar em diversas comunidades, onde desenvolvemos a nossa pastoral.

Seguimos a norma de citação e notas de rodapé, para melhor fundamentação da nossa argumentação e exposição do tema. Usaremos igualmente palavras na língua local materna, sobretudo no segundo capítulo, para especificar alguns termos próprios de uso local. Para a realização da atual dissertação, utilizamos o novo acordo ortográfico.

CAPÍTULO I

AS ORIGENS DE UM INSTITUTO PARA OS MAIS VULNERÁVEIS

O primeiro capítulo debruça-se sobre a origem e a missão da Congregação das Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário (MDR). Começamos por apresentar os fundadores, Ramón Zubieta e Ascensión Nicol e o contexto em que surge a Congregação. Num segundo ponto, abordamos a expansão do Instituto para os quatro cantos do mundo, nomeadamente a sua presença no continente africano, e especificamente, a inserção em terras moçambicanas.

1. Fundação e Carisma da Congregação

O Espírito Santo é quem suscita os carismas dentro da Igreja, num contexto histórico concreto e, por sua vez, ajuda a discernir a sua vontade segundo o lugar e as circunstâncias do tempo e do espaço. Ao longo da história da Igreja, houve sempre homens e mulheres que seguiram as pegadas do Mestre, entregando as suas vidas na humanização e transformação da sociedade, ao serviço do Reino. Conforme esclarecem as primeiras Constituições de 1926 das Missionárias Dominicanas do Rosário:

«A Congregação das Missionárias Dominicanas do Santíssimo Rosário tem como fim especial a evangelização dos infieis; não só do Vicariato de Santo Domingo de Urubamba e Madre de Dios para qual foi criada, mas também poderão estender-se para outras regiões. Poderão, além do fim principal, dedicar-se-á à educação cristã [...] preferindo sempre os povos que mais necessitam dela»².

² I. MARTÍN-TESORERO, *Historia de las Misioneras Dominicanas Del Rosário, Identidad (Primeira Parte: 1918-1944)*, Grafinat, Madrid, 1999, 185.

A Congregação surge para dar resposta a uma necessidade concreta da sociedade e da Igreja, num contexto assombrado pela primeira guerra mundial e com as consequências provocadas globalmente, a nível político, económico e social.

Os missionários dominicanos da Prefeitura Apostólica de Santo Domingo de Urubamba e Madre de Dios, no Perú, viram a necessidade de incluir na sua missão os nativos, construindo escolas e internatos para a sua formação integral e Igrejas para a sua evangelização.

Para efetivar este propósito, Frei Ramón Zubieta, dominicano espanhol, missionário nas terras do Perú, sentiu a necessidade de convidar um grupo de religiosas para completarem a árdua missão da evangelização dos nativos, sobretudo das mulheres, no seio dos habitantes da selva da Amazónia.

1.1. Quem foi o Pe. Ramón Zubieta?

Ramón Zubieta foi frade da Ordem dos Pregadores, nasceu em Arguedas, povoação ribeirinha de Navarra-Espanha, a 31 de Agosto de 1864. Desde criança, a sua vida orientou-se para o sacerdócio com uma forte inclinação para ser Dominicano. Tinha um amor muito especial pela Virgem do Jugo, padroeira daquela pequena povoação³. Enquanto criança costumava visitá-la com regularidade na sua ermida, situada a escassos quilómetros da aldeia.

Com a grande ajuda da Virgem e da sua tia Catarina Lés, religiosa Dominicana de clausura, sua confidente e conselheira, o jovem Ramón decidiu não dar mais tréguas ao seu desejo de ser religioso. E, aos dezassete anos, tomou o hábito como Frade da Ordem dos Pregadores.

Desde tenra idade, Ramón sentiu um forte ardor missionário, de tal forma que, sendo ainda diácono, mas de acordo com o seu desejo, fez parte de um numeroso grupo de jovens dominicanos destinados às missões das Filipinas. Na época, era a «terra de missão» para onde enviavam os que se distinguiam pelas suas qualidades e espírito missionário, para o ministério que iriam desempenhar naqueles lugares de missão.

³ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Monsenhor Ramón Zubieta e Lés, ao serviço da Igreja Missionária*, tradução de Armindo de Carvalho, O.P., MDR, [s.d.], 4.

Chegou às Filipinas no início do ano de 1886, diretamente para Manila, onde foi ordenado presbítero a 16 de Março de 1889, com apenas vinte e quatro anos de idade. Sendo, depois, assignado à missão de Solano, na Província de Nueva Vizcaya⁴.

Os seus superiores ficaram de tal modo satisfeitos com a seriedade dos seus deveres de pastor, que o nomearam Vigário de Diadí, no dia 10 de Março de 1890. Foi o primeiro missionário na missão de Sto. António de Moyoyac, em O'Dena. Quando chegou, foi imediatamente visitar e conhecer as pessoas dos povoados que rodeavam a missão⁵.

Nos finais do século XIX, os autóctones das Filipinas começaram a rebelar-se contra o domínio da colónia espanhola e, em Agosto de 1899, a missão de Sto. António em O'Dena caiu sob domínio dos rebeldes filipinos. Ramón Zubieta, juntamente com oito companheiros, foi feito prisioneiro na guerra de 1898, a chamada «desastre do 98». Espanha perdeu, assim, os últimos resquícios do seu império colonial nas Filipinas. A confusão estende-se por toda a colónia e os missionários ficam privados de liberdade. Foram longos dezoito meses de insultos, açoites, bofetadas, ameaças de fuzilamento e de fome. Em suma, de uma grande indignidade para um ser humano. Infelizmente, muitos missionários acabaram por morrer no meio do conflito⁶.

Depois de inúmeros dissabores e sofrimentos houve uma mudança de rumo, e Ramón com o seu carácter impulsivo, organizador e empreendedor não se deixou acomodar no mesmo lugar. Em 1901, um ano após ser libertado, recebeu uma carta do provincial com a nomeação, como Prefeito Apostólico de S. Domingo de Urubamba e Madre de Dios, na selva amazónica do Perú⁷.

Quando chegou ao Perú, com o objetivo de conhecer a história do país, passou longas horas a estudar a cultura dos seus habitantes e a geografia da selva. Aproveitou-se dos avanços técnicos da revolução industrial, para entrar no coração da selva amazónica. Melhorou caminhos, dirigiu a instalação de linhas telefónicas, levantou mapas de territórios desconhecidos, defendeu os direitos dos nativos, estudou o seu idioma,

⁴ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Monsenhor Ramón Zubieta e Lés, ao serviço da Igreja Missionária*, 4-6.

⁵ Cf. C. VALBUENA, *O Nosso Fundador Mons.- Ramón Zubieta y Les*, MDR, Madrid, 1996, 4-5.

⁶ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Monsenhor Ramón Zubieta e Lés, ao serviço da Igreja Missionária*, 7-8.

⁷ I. MARTÍN-TESORERO, *Historia de las Misioneras Dominicanas Del Rosário, Identidad (Primeira Parte: 1918-1944)*, 66-72.

projetou escolas para ensinar juntos, os filhos dos caucheiros e abastados e os nascidos nas tribos do interior. Como escreve Aurora Lapiedra:

«Ramón Zubieta também era firme nas suas decisões, para ele o importante era a Missão e as dificuldades não o detinham: pobreza, maus caminhos, perseguições, questões jurídicas e institucionais[...] Empreende novos projetos com muito apoio material e pessoal. Passa por resolver os problemas de comunicação com os nativos, explora os leitos dos rios, os caminhos da floresta que nenhum missionário jamais tinha pisado»⁸.

Valoriza o papel da mulher, considerando-a a base da sociedade e da família. Ramón não recuará até levar ao coração do seu território, religiosas missionárias que se encarreguem dessa educação. Padre Zubieta estimou e valorizou de forma positiva tanto as mulheres, da selva como as missionárias, sobretudo Ascensión Nicol, porque encontrava nela uma pessoa capaz de levar avante a missão, com ou sem a sua presença⁹.

Em 1912 um novo acontecimento muda a vida de Ramón Zubieta. O vale de Madre de Dios converte-se num novo Departamento Administrativo do Perú e a sua Prefeitura é promovida a Vicariato Apostólico, ao aceitar a Santa Sé, o pedido apresentado pelo governo do Perú. Na mesma petição, solicitava-se que Ramón Zubieta fosse nomeado Vigário Apostólico. Assim é sagrado bispo por Pio X, a 4 de julho de 1913, em Roma. Foi um momento providencial, pois conjugaram-se os interesses do Prefeito Apostólico, permitindo-lhe concretizar o sonho de levar religiosas para as missões da selva amazónica. Com esta missão rumou do Perú até ao Convento de Santa Rosa, em Huesca, Espanha, no ano de 1913, com o grande objetivo de expor o seu plano de trabalho para as missões e solicitar o apoio das irmãs no serviço da evangelização¹⁰.

Para Ramón Zubieta o labor missionário para ser completo, exigia a formação e a evangelização de todos, especialmente das mulheres e das crianças. Como ele dizia: «só elas poderiam penetrar na alma dessas mulheres e conscientizá-las da sua própria dignidade». Sublinha Isabel Martín-Tesorero ao descrever o primeiro contacto que o missionário teve com as irmãs, em Espanha:

⁸ A. LAPIEDRA, *Reciprocidade Fundacional, Ascensión Nicol e Ramón Zubieta*, MDR, Madrid, 2020, 3.

⁹ *Ibidem*, 5.

¹⁰ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Monsenhor Ramón Zubieta e Lés, ao serviço da Igreja Missionária*, 24-25.

«Sou um padre missionário do Perú e venho falar das missões com as religiosas. E desta forma o P. Ramón Zubieta e Lés pôde expor às religiosas o motivo da sua viagem»¹¹.

Segundo o testemunho da irmã Isabel Martín-Tesorero, o padre missionário vindo do Perú não era de muitas palavras¹². Contudo, conseguiu persuadir, entusiasmar e tocar o coração das religiosas, de tal modo que se ofereceram como voluntárias cinco irmãs: Madre Ascensión Nicol, Madre Paz Velasco, Madre Visitación Iruretagoyena, Madre Candelaria Cebollero, Sor Aurora Ardanaz e sor Angela Cereza.

Tenhamos presente que as religiosas pertenciam a um Convento de semiclausura e, só com as palavras e o fervor do padre missionário, aceitaram o desafio de seguirem viagem ao encontro dos mais vulneráveis, na selva peruana, lugar para elas completamente desconhecido.

A vida de Ramón Zubieta culmina com a fundação das Missionárias Dominicanas do Rosário, como veremos um pouco mais adiante. Foi para junto de Deus, com a sensação de missão cumprida, como a de Paulo, apóstolo das gentes: «ainda que livre fiz-me o servo de todos a fim de ganhar o maior número»¹³. Morreu com apenas cinquenta e sete anos de idade, a 19 de Novembro de 1921, em Huacho, Perú, três anos após fundar a Congregação¹⁴.

1.2. Ascensión Nicol Goñi, itinerário de uma vida

Ascensión Nicol é natural de Tafalla, uma pequena povoação do norte de Espanha, onde nasceu a 14 de Março de 1868. Recebeu uma educação característica de seu tempo e, desde muito cedo, demonstrou a arte de congregar à sua volta amigas e vizinhas. Era uma criança com forte capacidade de iniciativa, segundo o testemunho de quem teve a sorte de conviver com ela. Perdeu a sua mãe muito cedo, com apenas quatro anos de

¹¹ I. MARTÍN-TESORERO, *Madre Ascensão Nicol Goñi. Pioneira na promoção da mulher*, tradução de Armindo Carvalho, O.P., MDR, Lisboa, [s.d.], 12.

¹² Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Madre Ascensión Nicol, Cofundadora de la Congregación de las Misioneras Dominicanas del Rosario*, Grafinat. Madrid, 2001, 21.

¹³ 1Cor. 9,19.

¹⁴ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Monsenhor Ramón Zubieta e Lés, ao serviço da Igreja Missionária*, 28-31.

idade. Contudo, sempre recebeu muito carinho e estima do seu pai, das suas três irmãs e da sua madrastra¹⁵.

Concluídos os estudos na escola oficial da terra, o pai e a madrastra resolveram mandá-la para um colégio de religiosas, para se formar como uma boa mulher e dona de casa, segundo a mentalidade da época. Foi escolhido o Colégio das Dominicanas de Huesca, onde ingressou aos quinze anos como aluna interna¹⁶.

A disciplina neste colégio era muito rigorosa, só para citar alguns exemplos: não podiam sair à rua e tinham férias só no fim do ano letivo. As irmãs de Huesca notavam em Ascensión Nicol um grande sentido de responsabilidade e inteligência, era uma excelente aluna. Possuía também um enorme espírito de ajuda, para quem precisasse dela. Procurava apresentar-se bem e as irmãs diziam que era um pouco vaidosa¹⁷.

O ambiente de silêncio e de oração, proporcionado pelas irmãs do Convento de Huesca, despertou-lhe o desejo de seguir, fielmente, o Senhor e o zelo pela salvação das almas. Deus esperava-a dentro da sua clausura e a Ele se entregou com toda a sua juventude e entusiasmo. Ascensión Nicol tinha um carácter forte e tenaz e com o fervor do seu coração apaixonado, vestiu o hábito da Ordem Dominicana como noviça, a 22 de outubro de 1885, em Huesca. Foi dispensada das etapas anteriores de formação, porque as irmãs já conheciam o seu carácter e aptidões¹⁸.

No convento de Huesca fez o curso de professora, dada a sua capacidade de organização e porque gostava muito de crianças, que passavam a vida à sua volta.

A vida interior de Ascensión aspirava mais, queria dar-se a Deus numa entrega mais completa, alcançar a união total através da contemplação e do sacrifício. Porém, a vida, para ela, nem sempre brilhou. As superiores acharam que seria necessário pô-la à prova, passando por uma espécie de «castigo». Por esta razão, foi destituída dos seus cargos e aconselhada a deixar de dar aulas no colégio, passando a exercer apenas tarefas domésticas. Nomeadamente ajudar na cozinha, limpar as celas das doentes e trabalhar na lavandaria.¹⁹ Estas tarefas eram consideradas inferiores naquela época e exercidas

¹⁵ Cf. N. CAMPIÓN, *Uma mulher que fez história*, Tipografia Vitória, Porto, 1990, 7.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, 7-9.

¹⁷ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *M. Ascensão Nicol Goñi. Pioneira na promoção da mulher*, MDR, Lisboa, [s.d.], 6-7.

¹⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁹ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Madre Ascensión Nicol, Cofundadora de la Congregación de las Misioneras Dominicanas del Rosario*, 12.

somente pelas irmãs de obediência²⁰. Todavia, Ascensión realizava-as com grande alegria e não se sentia rebaixada por as exercer. Ao longo da sua vida religiosa nunca constituiu para ela, problema algum, participar nas tarefas domésticas.

Ao fim de dois anos voltou ao ensino e, posteriormente foi nomeada Diretora do Colégio Externato. Preparava as crianças para a Primeira Comunhão e ocupava-se também da formação integral das internas.

Um novo «amanhecer» acontece na vida de Ascensión. Situamo-nos nos finais do XIX e inícios de século XX, onde predominava uma espiritualidade muito voltada para a pessoa (intimista), vivida pelo caminho das mortificações pessoais, como forma de almejar a perfeição. Mas, Ascensión vivia a sua consagração com um sentido de entrega a Deus e ao serviço dos outros. Oferecia as suas penitências pelas necessidades do mundo, calamidades e missões.

No entanto, surgiu um acontecimento que vai provocar uma mudança de paradigma na sua vida. O itinerário de Ascensión Nicol começa a delinear-se noutra direção com a chegada a Huesca de Monsenhor Ramón Zubieta. O bispo missionário no Perú, conhecedor das simpatias das irmãs de Huesca pelas missões, visita o convento na esperança de conseguir apoio das mesmas para as suas missões. A decisão das irmãs de Huesca foi favorável. Ascensión Nicol com mais cinco religiosas formam o primeiro grupo expedicionário para o Perú²¹.

A 30 de Dezembro de 1913, surge um novo marco na vida das irmãs. Juntamente com Mons. Ramón Zubieta a primeira expedição chega ao Perú de barco, numa viagem cheia de ricos, incertezas e sacrifícios. Como disse posteriormente Ascensión Nicol: «Não senti grande entusiasmo, mas uma força irresistível me levou a oferecer-me»²². Estamos a falar de uma viagem arriscadíssima, nos meios de transportes de então, feita de barco, de canoa e até de mula.

²⁰ O voto de obediência na vida religiosa, até ao Concílio Vaticano II, era vivido com uma relação de dependência em relação à autoridade. Havia duas «classes» de irmãs, as denominadas de coro que se dedicavam ao serviço do canto no coro da igreja, ao ensino e algumas como superiores. E as irmãs de obediência, menos aptas às tarefas de ensino ou de canto e elas cabiam as tarefas domésticas como: cozinhar, lavar a roupa, cuidar dos doentes, etc.

²¹ Cf. N. CAMPIÓN, *Uma mulher que faz história*, 11.

²² Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Madre Ascensión Nicol, Cofundadora de la Congregación de las Misioneras Dominicanas del Rosario*, 22.

Podemos afirmar que o Deus da História que caminha com o seu povo, ouviu o seu clamor, na medida em que as irmãs aceitaram deixar para trás o conforto e a vida estável do seu convento, porque o desígnio de Deus as impulsionava para uma nova realidade e missão.

Ascensión Nicol ao fazer-se missionária, juntamente com outras religiosas, funda a primeira comunidade no Perú, em plena selva amazónica em Porto Maldonado, em Julho de 1915. Maldonado está situado na confluência de dois grandes rios Madre de Dios e Tambopata, através dos quais se fazia toda a comunicação. É a sede do Vicariato de Urubamba e Madre de Dios, pequena povoação de casas de colmo e palha, perdida no verde da floresta²³.

Ascensión nunca pensou ser fundadora de um novo instituto religioso, nem Monsenhor Zubieta tinha esse propósito, quando chegou com as primeiras missionárias ao Perú. Porém, os factos que foram sucedendo compeliram-nos a organizarem-se adequadamente e, para realizarem com efetividade o trabalho de evangelização, foram «obrigados» a fundar uma nova Congregação.

Nesta nova família religiosa Ascensión Nicol foi eleita Superiora Geral do Instituto. A partir dessa altura, inicia um longo caminho de vinte e dois anos, sem descontinuidade, à frente dos destinos da nova Congregação das Missionárias Dominicanas do Rosário²⁴.

A fé de Ascensión leva-a a uma permanente abertura aos sinais dos tempos e a estar atenta à vontade de Deus. A sua partida para a missão foi uma saída na fé e na confiança, deixando para trás a sua terra com o intuito de abraçar o novo projeto divino. O seu itinerário pessoal põe em evidência que são experiências vitais, como esta, as que vão transformando a nossa fé e a nossa vida respondendo com criatividade aos desafios que vão surgindo no decorrer da missão.

Ascensión Nicol foi Superiora Geral da Congregação até ao dia da sua morte, Deus chamou-a à sua presença a 24 de Fevereiro de 1940. Três meses mais tarde, as Constituições das Missionárias Dominicanas do Rosário obtinham a aprovação definitiva

²³ Cf. N. CAMPIÓN, *Uma mulher que faz história*, 13.

²⁴ Cf. *Ibidem*, 41-46.

pela Santa Sé²⁵. A Igreja propô-la como modelo de santidade e de vida cristã com a sua Beatificação em Roma, na Basílica de S. Pedro, a 14 de Maio de 2005²⁶.

1.3. Fundação do Instituto

A Congregação das Missionárias Dominicanas do Rosário é, como o seu nome refere, de origem missionária. Os Fundadores Ramón Zubieta e Ascensión Nicol, seguindo as pegadas do Espírito, rumaram até à selva do Perú, ao encontro de «Deus pobre e esquecido», nas margens do rio Maldonado, em plena selva Amazónica. Privilegiaram a evangelização dos mais pobres, particularmente da mulher indígena e da criança, habitantes da selva. Segundo relatam os documentos da Congregação, sobre Ascensión Nicol:

«Os grandes sacrifícios desta nova vida, não têm importância, em comparação ao gozo e alegria que a sua vida missionária lhe proporciona»²⁷.

O lugar da primeira missão da Congregação foi Maldonado, em plena selva. Foi entre a gente mais marginalizada da sua época, que germinou e cresceu a Congregação. O caminho que as irmãs tiveram que empreender e o lugar onde se inseriram, seria um sinal concreto, um símbolo da nova vida que começava.

Dada a situação difícil e complicada de então, agravada pelo conflito da Primeira Guerra Mundial, havia uma dificuldade acrescida nas comunicações com as outras partes do mundo e, também, com a casa mãe de Huesca, donde tinham partido as irmãs. E, encontrando-se na selva, sem muitas condições habitacionais e sem grandes recursos materiais, próprio do começo de uma nova realidade, as missionárias são obrigadas a tomar uma decisão. Foi precisamente o Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, Frei Luís

²⁵ Cf. I. MARTÍN-TEJORERO, *M. Ascensão Nicol Goñi. Pioneira na promoção da mulher*, 36.

²⁶ Cf. PAPA BENTO XVI, *Carta Apostólica do Sumo Pontífice sobre a beatificação de duas servas de Deus*, Libreria Editrice Vaticana, 14 de maio de 2005. Pdf https://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_letters/documents/hf_benxvi_apl_20050514_beatificationsgoni-cope.html. [Consultado a 15-11-2020, às 14.15h].

²⁷ MISSIONÁRIAS DOMINICANAS DO ROSÁRIO, *As Raízes: O Fundamento da vida*, MDR, Madrid, 2003, 16.

Theissling de passagem por Lima, quem as aconselhou a criar uma nova Congregação e a erigir umas novas Constituições que, se ajustassem às normas do Novo Direito Canónico e que velassem pela vida e apostolado das irmãs em Maldonado e Tahumanu²⁸.

Dentro dessa conjuntura de situações adversas, as missionárias não recuaram um passo na sua missão. O espírito missionário que as impregnava levou-as a constituírem uma nova Congregação, já não dependente de Huesca. No dia 5 de outubro de 1918, véspera da Santíssima Virgem do Rosário, nasce a Congregação das Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário²⁹. Segundo testemunha o Carisma congregacional:

«EVANGELIZAR OS POBRES NAQUELAS SITUAÇÕES MISSIONÁRIAS ONDE A IGREJA MAIS PRECISA DE NÓS, quer porque a evangelização ainda não se iniciou, quer porque a comunidade autóctone ainda não se encontra com vitalidade suficiente para satisfazer as suas necessidades. Esta é a nossa identidade essencial como Missionárias Dominicanas do Rosário»³⁰.

Desde a sua fundação, o Instituto MDR tem na sua essência a promoção dos mais necessitados, o que implica uma abertura a todos, a doação de si em prol dos outros, a fortaleza de espírito, de entrega e a simplicidade ao serviço do Reino.

Nas Missionárias Dominicanas de hoje, o espírito de entrega aos mais pobres mantém-se presente e temo-nos espalhado por vários países do mundo. As três províncias primitivas converteram-se em dez províncias e das cinquenta religiosas que existiam em 1940, somos, atualmente, cerca de seiscentas irmãs, espalhadas pelos quatro continentes.

2. Expansão e atualidade

Hoje, somos uma Congregação Missionária formada por mulheres crentes e unidas no mesmo ideal. Inspiramo-nos no sonho de Jesus, de viver uma humanidade reconciliada em comunidades inseridas, no coração dos povos mais pobres e nos lugares onde a Igreja mais necessita. Somos enviadas a anunciar a Boa Notícia de Jesus e a proclamar a Bondade de Deus, que liberta de toda a escravidão e opressão.

²⁸ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Historia de las Misioneras Dominic Del Rosário, Identidad (Primeira Parte: 1918-1944)*, 39-42.

²⁹ Cf. N. CAMPIÓN, *Uma mulher que faz história*, 32-36.

³⁰ *Constituciones de las Hermanas Misioneras Dominic del Rosário*, Berguio, Madrid, 1986, 14.

Com a graça e força do Espírito, as Missionárias Dominicanas temo-nos multiplicado, demonstrando universalidade, solidariedade e compromisso com os mais pobres da terra. Encontramo-nos espalhadas por quatro continentes, nomeadamente:

- Europa - Espanha e Portugal;
- América Latina - Perú, Bolívia, Chile, Equador, República Dominicana, Porto Rico, Guatemala, México e Nicarágua;
- África - Moçambique, Angola, República Democrática do Congo e Camarões;
- Ásia - Taiwan, Macau, Índia, Filipinas, Timor, China e Vietnam.

Por sermos uma Congregação dedicada às causas dos mais necessitados, abrimo-nos também a novas formas de apostolado. Criamos o voluntariado missionário para jovens e não só, que desejam realizar, por um tempo determinado, em alguma das nossas comunidades uma experiência missionária.

Sustenta a ideia Nieves Campi3n de que Ascensi3n Nicol «deixa muitos bra3os» para dar continuidade à miss3o³¹. Somos uma fam3lia que surgiu para a forma3o, educa3o e promo3o de todo o ser humano, mas com particular aten3o à mulher. Os nossos fundadores optaram pela educa3o da mulher nativa, como principal agente de transforma3o familiar e social.

Desejamos, hoje, continuar a ser a voz de tantas mulheres an3nimas, simples, corajosas e comprometidas com a vida. Elas s3o imprescind3veis e necess3rias na constru3o da sociedade, da qual todos fazemos parte, cada um com a sua singularidade e potencialidades. Somos chamadas a contribuir para a edifica3o de um mundo mais justo e fraterno. Continuamos a desenvolver a nossa miss3o entre os mais necessitados, priorizando a promo3o da dignidade humana, com particular aten3o à mulher. Faz sentido aqui mencionar o ditado africano: «Quem educa uma mulher, educa uma aldeia».

A tarefa evangelizadora deve seguir o exemplo de Jesus Cristo, o Verdadeiro Mission3rio, isso implica viver a mesma experi3ncia que Ele viveu, que nos remete para o texto program3tico da Miss3o de Jesus, presente nas Constitui3o3es da Congregação:

³¹ Cf. N. CAMPION, *Uma mulher que faz hist3ria*, 49.

«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor»³².

A Expansão da Congregação e o ideal dos fundadores chegaram até o continente africano. Hoje, somos fruto da semente caída na fecunda terra peruana, lugar da primeira missão, há um século atrás. Foi entre a gente mais marginalizada da época que germinou e cresceu a nossa Família Religiosa.

Passamos agora a nossa reflexão relativamente à presença e vida da Congregação em África, mais concretamente, em Moçambique.

3. Presença da Congregação em África

Não podemos esquecer que a Congregação nasceu num lugar pobre, daqueles que não contam. Isto é, dos descartáveis e esquecidos da terra. É na terra onde os mais pobres põem os seus pés, que nós, Missionárias Dominicanas, devemos colocar os nossos, dando o nosso melhor, em benefício dos que mais precisam de nós. Como realçam os documentos do Instituto:

«O Carisma exige de nós uma atitude de constante discernimento para uma melhor interpretação dos sinais dos tempos, para descobrir as novas situações e formas de pobreza e marginalização. Também esta atitude de discernir é reclamada pela mesma dinâmica de inculturação do Carisma em diferentes povos e culturas»³³.

Se olharmos para a vida de Ascensión Nicol, descobrimos nela uma Mulher de fé firme e de uma confiança absoluta em Deus. Como ela, ao longo dos cem anos da nossa existência, mulheres de fé, corajosas, arriscadas, continuam a espalhar a «semente do Reino». Nesta tarefa evangelizadora continuamos com o ideal de dar a conhecer Jesus e a sua mensagem libertadora, procurando descobrir, a partir das situações reais da vida dos mais vulneráveis, a presença amorosa de Deus. Jesus começa o Seu ministério messiânico, proclamando a proximidade desse Reino que é Boa Notícia para todos os povos. Quem se encarregará de difundir esta Novidade evangélica? Na mesma linha de

³² Lc. 4,18-19.

³³ MISSIONÁRIAS DOMINICANAS DO ROSÁRIO, M. Ascensión Nicol Goñi. *Reflexiones sobre su vida y misión*, Grafinat, Madrid, 2005, 20.

discipulado, as Missionárias Dominicanas do Rosário, tal como Maria Madalena e muitas outras mulheres desde a Igreja Primitiva, escutaram o apelo de Jesus e acolheram com alegria o envio missionário³⁴.

Depois da primeira missão na selva, a construção do Reino entre os mais débeis segue o seu caminho, nos «novos Maldonados». Como a semente caída em boa terra dá sempre fruto, segundo nos narra Mateus³⁵, o Carisma das MDR encontrou bom terreno no continente africano e em Moçambique, onde se insere o estudo da tese.

As Missionárias Dominicanas do Rosário chegaram a África em 1952, a 10 de maio do mesmo ano, à missão de Pawa, situada na República Democrática do Congo. Foi-lhes confiada a construção de um centro médico, pelo Bispo de Wamba, Mons. Wittebols, com o objetivo de lutar contra a lepra, uma doença da qual muitos congolezes padeciam. O centro médico foi construído e orientado pela Cruz Vermelha Internacional. Com o aumento de vocações, as irmãs sentiram a necessidade de alargar a sua missão evangelizadora para os Camarões, com uma fundação da casa em Semto, no ano de 1973. Esta Comunidade que pertence à Província de S. Martinho de Porres, a qual abrange República Democrática do Congo e os Camarões, até à atualidade³⁶.

Dois anos mais tarde, em 1954, abre-se a primeira comunidade em Angola. As primeiras irmãs chegaram a Cela, atual Wako Kungo, com o contrato de trabalharem nas aldeias de trabalhadores brancos, apoiadas pelo Governo Colonial Português. As irmãs aperceberam-se que existia uma separação entre brancos e nativos e começaram a atender toda a população. Progressivamente, foram incluindo os autóctones nas atividades que desempenhavam: catequese, atenção sanitária, apoio educativo e promoção da mulher³⁷.

É neste contexto de expansão do Carisma missionário e na sequência do desejo de radicar a Congregação em terras africanas, que devemos situar a sua presença em Moçambique.

³⁴ Cf. Mc. 16,10.

³⁵ Cf. Mt. 13, 8.

³⁶ Cf. MISSIONÁRIAS DOMINICANAS DO ROSÁRIO, *Breve historia de las Provincias*, MDR, Madrid, 1995, 83-85.

³⁷ Cf. *Ibidem*, 120-122.

4. Missionárias Dominicanas em Moçambique

A primeira fundação realizou-se no ano de 1959, a convite de D. Francisco Nunes Teixeira, primeiro Bispo de Quelimane, que solicitava a presença de religiosas para a sua Diocese. Para o efeito, entrou em contacto com as superiores da Congregação (Conselho Geral), para pedir religiosas que trabalhassem na missão de Milange, um povoado situado a 320 km de Quelimane, capital da Província da Zambézia. Ultrapassados os trâmites, foram escolhidas e enviadas cinco irmãs que fizeram parte da primeira expedição missionária a caminho das terras moçambicanas: Ir. Maria Caridad Goñi, Ir. Eufrosina Borea, Ir. Maria Florência Villarroel, Ir. Maria da Conceição Farinha e Ir. Maria Goreti Faustino³⁸.

A história pareceu repetir-se e estas mulheres aceitaram a aventura rumo ao desconhecido. Partiram de Lisboa a 11 de fevereiro de 1959, num grande navio, numa viagem de um mês através da costa africana. Depois da passagem por S. Tomé, Angola (Luanda), cidade do Cabo (África do Sul) e com uma breve estadia em Lourenço Marques (Maputo). Daí partiram em direção à Zambézia, destino da sua missão, onde desembarcaram no porto dos Bons Sinais no dia 12 de março de 1959. Contudo, a viagem ainda não tinha chegado ao fim. Empreenderam a última etapa de comboio, até ao distrito de Mocuba e, depois de um dia de repouso, apanharam o *machibombo* até à meta final, à povoação de Milange, onde foram recebidas pelos padres Capuchinhos italianos que já se encontravam na missão³⁹.

4.1. Vida e missão das MDR e a formação das comunidades em Moçambique

4.1.1. Missão de Milange

Descobrir ao longo da história a proximidade do Reino de Deus na missão com os mais pobres, é o que as primeiras irmãs fizeram com a sua estadia no povoado de Milange. Por isso, desde o primeiro momento, dedicaram-se ao contacto com os nativos.

³⁸ Cf. M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 anos de presença em Moçambique*, CIEDIMA, SARL, Maputo, 2008, 17-18.

³⁹ Cf. *Ibidem*, 18-23.

Arriscaram tudo ao enfrentarem as barreiras da língua, do clima, da gastronomia, que constituem particularidades de uma nova cultura. Mas o fervor da entrega pela causa do Evangelho, levou-as a superar as adversidades, como dizia Ascensión Nicol, sua fundadora: «Sofra o meu coração e seja Deus glorificado»⁴⁰.

As primeiras missionárias priorizavam a evangelização e a formação integral da mulher dessa zona empobrecida. Como relata Maria Auxiliadora Hernández, o desejo das irmãs no internato era formar mulheres boas e cristãs, construtoras de um futuro diferente, portador de dignidade e igualdade para si próprias e para todas as mulheres da missão⁴¹.

A evangelização, através da catequese para a administração dos sacramentos e a participação da Eucaristia, era realizada em simultâneo com a dos rapazes do internato masculino, orientado pelos Padres Capuchinhos. A irmã Maria Hernández descreve assim os primórdios da atividade missionária:

«O trabalho missionário consistia sobretudo, em visitar duas ou três vezes por ano as escolas-capelas das povoações rurais este modo de evangelizar baseava-se predominantemente na escolarização com a mentalidade concordatária e integradora que lhe estava inerente. Muito do trabalho ligado ao ensino rudimentar das povoações nativas»⁴².

Este testemunho ilustra como a iniciação cristã, aliada à educação, incrementou a promoção integral do povo e, sobretudo da mulher. Este modo de ser e de estar, esteve sempre presente no labor missionário das MDR, em Moçambique e em todo o mundo.

Os cuidados de saúde eram prestados numa palhota que servia de Centro de Saúde, onde as irmãs e um enfermeiro dessa localidade tratavam os doentes com dignidade, respeito e carinho. Além da atividade sanitária, elas dedicavam-se também à formação humana das pessoas, no que concerne ao desenvolvimento de hábitos de limpeza, organização do tempo, realização de trabalhos domésticos e de habilidades, para as mulheres serem boas donas de casa.

A Igreja em Moçambique, seguindo o emanado dos documentos do Concílio Vaticano II e sob a orientação dos Bispos da Conferência Episcopal de Moçambique, realizou a Primeira Assembleia Nacional de Pastoral na Beira, em 1977. A Assembleia

⁴⁰ Cf. I. MARTÍN-TESORERO, *Madre Ascensão Nicol Goñi. Pioneira na promoção da mulher*, 13.

⁴¹ Cf. M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 Anos de presença em Moçambique*, 44.

⁴² *Ibidem*, 23.

teve como principal objetivo implementar as orientações Conciliares, no que respeita às novas formas de viver o Evangelho com mais fidelidade, à luz da Igreja Primitiva, que passa por ser uma Igreja inserida no coração do povo e pela valorização dos ministérios e animação das pequenas comunidades⁴³.

As Irmãs da missão de Milange continuavam empenhadas na evangelização e, tal como toda a Igreja de Moçambique, procuravam seguir as orientações emanadas pelo Concílio Vaticano II. A Igreja da Diocese de Quelimane ganhou um novo impulso, implementando o modelo ministerial nas comunidades cristãs. Conforme descreve o texto a seguir:

«Fortalecidas por este sopro do Espírito vivido por todos na Assembleia, a Igreja Diocesana ganha um novo dinamismo a avança no novo modelo de evangelização das pequenas comunidades já existentes e na consolidação dos ministérios que paulatinamente vão surgindo, por ação do espírito e as necessidades de cada comunidade»⁴⁴.

A equipa missionária, constituída pelas irmãs e padre Capuchinhos, esteve sempre empenhada na formação a vários níveis, acompanhando cerca de trezentas comunidades espalhadas pela extensa missão. As irmãs escolheram trabalhar na formação da mulher, segundo a nossa identidade carismática, aculturando progressivamente, o rito de iniciação da rapariga e trabalhando com as mulheres mestras, as chamadas *alanguices*⁴⁵.

Enquanto decorrem os ritos de iniciação, que podem ir até um mês, as *alanguices* assumem o papel de educadoras e transmissoras dos valores culturais, iniciando as raparigas para a vida adulta. As irmãs trabalhavam na formação das *alanguices*, procurando valorizar o que era positivo do rito, mas também cristianizar alguns aspetos e purificar o menos positivo, num horizonte cristão de dignidade da mulher.

Os Missionários Capuchinhos, em colaboração com as Missionárias Dominicanas, estudavam a língua local para melhor se aproximarem do povo e também com o objetivo de fazerem traduções, para que os cristãos pudessem ter a possibilidade de ler e compreender a Palavra de Deus. Para uma maior inserção, fizeram as traduções

⁴³ Cf. ARQUIVO ARQUIDIOCESE DA BEIRA, *I Assembleia Nacional de Pastoral*, Beira, 1977, 1.

⁴⁴ M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 Anos de presença em Moçambique*, 81.

⁴⁵ Mulheres responsáveis, escolhidas e preparadas para orientar a cerimónia do rito de iniciação feminino e têm como papel, transmitir através de cantos, danças e conselhos os valores culturais e específicos de um determinado grupo étnico ou região.

da Sagrada Escritura, dos textos litúrgicos e das orações, catecismos e lecionário, para que os cristãos, na ausência dos missionários pudessem celebrar a fé em comunidade.

A missão evangelizadora em terras de Milange seguia o seu curso com normalidade, porém, o contratempo da guerra e das ocupações levaram a que a missão de Tengua fosse nacionalizada. Nessas circunstâncias, os missionários foram obrigados a abandonar a missão e passaram a viver na vila sede aconselhados pelo Bispo D. Bernardo Filipe Governo.

Nos finais dos anos 70, após a independência de Moçambique, a guerra civil recrudesciu fazendo com que a permanência das irmãs na casa da missão em Milange se tornasse insustentável. A guerrilha não mostrava sinais de trégua e encontrando-se as irmãs numa assembleia das Missionárias Dominicanas em Quelimane, em 1986, os guerrilheiros ocuparam a vila de Milange e elas já não puderam regressar à sua missão. Foi uma situação muito complicada, uma vez que a missão de Milange foi o «primeiro amor» para as primeiras irmãs enviadas para Moçambique⁴⁶.

A guerra terminou em 1992 e as irmãs, não perderam a esperança de um possível regresso à missão. Graças a Deus, em 2006, conseguiram regressar a Milange, local da primeira missão⁴⁷.

4.1.2. Missão na Comunidade dos Bons Sinais de Quelimane

A semente continuou a dar os seus frutos. Em 1962, depois da primeira fundação, as missionárias estenderam-se para outras latitudes, abrindo uma outra comunidade na cidade de Quelimane. As irmãs que chegaram a esta comunidade eram todas enfermeiras e foi-lhes pedido para assumirem a Direção dos Serviços de Enfermagem do Hospital Provincial, em colaboração com equipa médica e com o pessoal dos serviços sanitários.

Ao mesmo tempo, embora não trabalhassem diretamente na pastoral catequética e evangelizadora, partilhavam as preocupações, esperanças e projetos das diferentes missões do interior, que eram comentadas pelos missionários que as visitavam. Estas

⁴⁶ Depoimento da irmã Maria Elisa Faustino, Maputo, 2020.

⁴⁷ M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 Anos de presença em Moçambique*, 183-189.

partilhas frequentes geraram uma forte inquietação, sentindo a urgência de se inserirem numa zona rural, para uma melhor aproximação aos mais necessitados da periferia da cidade, comungando assim da sua vulnerabilidade.

Em 1986, as irmãs da comunidade de Milange foram incorporadas nessa comunidade, devido à guerra civil, e procuraram novos espaços de missão, em vez de ficarem todas «confinadas» ao serviço do hospital.

3.1.3. *Abertura da comunidade no bairro do Chirangano*

O Espírito de Senhor não para de surpreender, e como diz um dos pensamentos de Ascensión Nicol: «Somente se faz bem às almas na medida que as amamos»⁴⁸. Numa assembleia realizada em Quelimane, no ano de 1986, as irmãs contando com a presença da Superiora Geral, na altura Nieves Campi3n, discerniram sobre a pertin3ncia de abrir uma nova comunidade num dos bairros de periferia da cidade. Tinham como objetivo n3o s3o acolher as jovens que pretendiam conhecer e pertencer 3 fam3lia das MDR, como tamb3m, por ser um lugar de inser33o e de contacto com os mais necessitados, segundo as pegadas do Carisma. Como relata a irm3 Maria Hern3ndez:

«Quando as irm3s chegaram encontraram um bairro densamente povoado, mas numa zona insalubre, com prec3rias condi33es de habitabilidade pela sua radica33o numa regi3o pantanosa, o que criava muitas dificuldades para estabelecer uma rede de saneamento b3sico e provocava doen3as end3micas como a mal3ria, as doen3as gastrointestinais, entre outras. N3o havendo dentro do bairro, 3gua pot3vel»⁴⁹.

Como podemos constatar, esta comunidade encontra-se inserida num meio pobre, com in3meras necessidades e car3ncias. As irm3s estavam comprometidas com o desenvolvimento do povo e com as jovens vocacionadas. Desde o primeiro momento t3m um contacto direto com a realidade dos mais marginalizados, pr3prio do nosso Carisma, pois 3 indispens3vel que a forma33o se ofere3a no meio onde se desenvolva a miss3o⁵⁰. Para o efeito, as irm3s tiveram um longo tempo para refletir, auscultar ao povo, estudar a

⁴⁸ Cf. I. MART3N-TESOOREO, *Madre Ascensi3n Nicol, Cofundadora de la Congregaci3n de las Misioneras Dominicanas del Santisimo Rosario*, 213.

⁴⁹ M. HERN3NDEZ, *Mem3ria Hist3rica - 50 Anos de presen3a em Mo3ambique*, 127.

⁵⁰ Cf. MISSION3RIAS DOMINICANAS DO ROS3RIO, *Plano de Forma33o*, MDR, Lima, 1992, 5-6.

realidade circundante, para então estabelecerem prioridades, dado que as economias das irmãs eram também escassas.

Com algum apoio económico recebido, as irmãs conseguiram um terreno no próprio bairro e construíram um pequeno salão polivalente, que passou a chamar-se Centro do Chirangano, nome do próprio bairro⁵¹. Optaram por desenvolver a formação a partir do trabalho direto com as mulheres, as quais pediram inicialmente que as irmãs lhes proporcionassem uma aprendizagem em corte e costura. O desejo foi concretizado e as mulheres chegaram a constituir-se em cooperativa. O projeto funcionava tão bem que, depois da confeção do vestuário, vendiam os produtos e os rendimentos eram distribuídos equitativamente entre elas.

Importa referir que estas mulheres nunca tinham tido a oportunidade de fazer uma escolarização enquanto crianças e jovens. Mas, nunca é tarde para aprender, basta a determinação, força de vontade e dedicação. Por esta razão, as irmãs construíram salas para alfabetização de adultos, porque as próprias mulheres começaram a sentir a necessidade de aprender a ler e a escrever, para serem autónomas e gerirem a sua vida e os seus negócios. Neste contexto, foi oficializado o ensino de alfabetização de adultos com alguma facilidade, indo ao encontro da aposta do governo, que pretendia diminuir o índice dos iletrados em Moçambique, sobretudo das mulheres. As aulas eram lecionadas em regime pós-laboral, porque as mulheres durante o dia estavam ocupadas com o trabalho da *machamba* e outras obrigações caseiras. O projeto do Centro de Solidariedade do Chirangano, como passou a ser chamado, realça a dimensão do crescimento do Reino, como testemunha este documento:

«Esse Reino não se manifesta de modo aparatoso e espetacular, mas vai crescendo pouco a pouco. O Reino de Deus é uma realidade tão cheia de novidade e tão contraditória com a situação do pecado do mundo, que só os que vão lutando contra o mal e vão semeando amor, justiça e solidariedade, podem ir entendendo e saboreando, um pouquinho, o que é o Reino»⁵².

Paralelamente ao trabalho de formação humana desenvolvido no Centro, as irmãs participavam na vida das comunidades cristãs. Elas procuravam ser testemunhas da

⁵¹ Cf. M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 Anos de presença em Moçambique*, 129.

⁵² MISSIONÁRIAS DOMINICANAS DO ROSÁRIO, *A Terra: O lugar do pobre*, MDR, Madrid, 2003, 3.

mensagem cristã trazida por Jesus Cristo, partilhando a fé com aquele povo simples e generoso. Com o sentido de uma Igreja ministerial, os missionários nunca pretenderam substituir os leigos, mas sim estimular a sua participação nos diversos serviços comunitários. Esta zona não fugiu à regra, as irmãs participavam nas celebrações comunitárias e ou eucaristias nas comunidades cristãs dos bairros e, progressivamente, o trabalho pastoral foi-se concretizando através do acompanhamento de grupos de jovens, catequese de crianças e adolescentes e formação dos agentes da pastoral. Como «o grão lançado na terra não parava de crescer» as irmãs, no Capítulo de 1981, em Lisboa, debruçaram-se sobre a situação das comunidades em Moçambique, e sentiram a necessidade de alargar a sua missão evangelizadora, para a Província de Maputo⁵³.

4.2. Presença das MDR em Maputo

4.2.1. Começo da primeira comunidade em Namaacha

O local escolhido para a primeira comunidade na Província de Maputo foi Namaacha (faz fronteira com o atual Reino de Eswatini antiga Swazilândia). As irmãs selecionaram esta localidade por ser uma zona rural e pelas condições favoráveis que a mesma tinha para poderem exercer profissionalmente, como cooperantes, dado que o governo moçambicano não favorecia a entrada de missionários. Como nos relata Maria Auxiliadora Hernández:

«Foi uma decisão arriscada e implicava novidade em muitos aspetos, como é óbvio. No entanto, assumiu-se com algumas condições, como era a possibilidade de viver comunitariamente, de contar com o consentimento do Arcebispo, de trabalhar profissionalmente dentro das áreas de saúde e educação e de situar-se numa zona rural ou suburbana»⁵⁴.

O desejo tornou-se realidade e a 20 de fevereiro de 1982, deu-se abertura da comunidade de Namaacha. As irmãs trabalhavam profissionalmente, uma como professora e outra na área da saúde. Fazia, também, parte da comunidade, uma leiga missionária que trabalhava e orientava os internatos. Era uma tarefa complexa, pois

⁵³ Cf. M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 Anos de presença em Moçambique*, 120-126.

⁵⁴ *Ibidem*, 93.

oferecia um espaço aos alunos/as de escuta e acolhimento, para dirimir problemas e situações vividas dentro da escola. A irmã enfermeira tinha como missão visitar as diferentes escolas, coordenar os trabalhos de saúde nas mesmas e preparar os alunos que ajudavam nos primeiros socorros. Para além deste trabalho, atendia também casos difíceis que lhe eram apresentados conforme as circunstâncias que iam surgindo.⁵⁵.

As irmãs percorreram o caminho juntamente com o povo, na reconstrução nacional do país no pós-independência, no que concerne ao aumento da dignidade e humanização da sociedade. Apostavam na formação e consciencialização dos jovens, como agentes transformadores da edificação de uma sociedade justa e equilibrada. Contudo, devido à situação de instabilidade provocada pela guerra e pelos assaltos às residências, as irmãs e todos os estrangeiros que lá residiam, foram aconselhadas a deixar o local e o trabalho, pois o governo não assumia a segurança dos mesmos. É neste contexto de insegurança, que as irmãs optaram por abrir uma comunidade na cidade de Maputo.

4.2.2. Comunidade na cidade de Maputo

As irmãs quando saíram de Namaacha abriram uma comunidade na cidade de Maputo e foram convidadas para integrar um amplo projeto de trabalho nas cooperativas das Zonas Verdes da cidade. O projeto era dirigido pelo Pe. Prosperino Gallipoli, Capuchinho italiano, missionário, que tinha conhecido as MDR em Quelimane. Este movimento enquadrava mais de seis mil mulheres camponesas da periferia de Maputo⁵⁶.

Junto destas mulheres, as irmãs desenvolviam trabalhos de educação, na alfabetização de adultos e prevenção da saúde. Simultaneamente, acompanhavam a vida e pastoral nas comunidades cristãs. Nos dois últimos capítulos do trabalho será referida a sua incidência evangelizadora nesta zona.

A comunidade foi fundada, também, com o objetivo de dar resposta às inúmeras necessidades vividas na periferia de Maputo, inseridas no trabalho pastoral e social,

⁵⁵ M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 Anos de presença em Moçambique*, 92-95.

⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 99.

segundo o carisma congregacional. O facto de se situar no coração da cidade, com a possibilidade de vir a ser a sede da Vigararia e permitir às futuras irmãs moçambicanas, a possibilidade de frequentarem cursos e/ou fazerem formação superior, tiveram influência na decisão tomada.

4.2.3. Fundação da comunidade de S. Domingos das Mahotas

A novidade e a criatividade do Espírito ultrapassam tudo e todos. Assim, surgiu mais um discernimento comunitário em prol da nova inserção do Carisma nesta parcela do País. As MDR, fruto do contacto com a zona verde das Mahotas e da ação direta com as cooperativistas, sentem-se desafiadas a abrir uma comunidade formadora na zona das Mahotas, arredores de Maputo, no ano de 1991⁵⁷. A comunidade das Mahotas foi a primeira comunidade religiosa erigida na zona, com a intenção de ser uma comunidade inserida num meio rural e pobre. As irmãs pretendiam integrar no processo formativo das jovens formandas a dimensão de inserção, segundo o espírito do Carisma.

Como missionárias, para uma melhor inserção e compreensão do povo para o qual somos chamadas a trabalhar, sentimos que é fundamental compreender os costumes, valores e tradições, que potenciem uma maior inclusão e desempenho da nossa missão, em favor dos mais vulneráveis, em fidelidade com o Carisma da Congregação.

Após o caminho percorrido, sobre as nossas origens e a presença das Missionárias Dominicanas do Rosário em Moçambique, passamos agora a falar sobre a nossa missão com as mulheres no bairro das Mahotas.

No segundo e terceiro capítulo, procuramos apresentar a nossa ação missionária junto do povo da periferia de Maputo. Uma missão realizada na promoção integral de todos, com especial enfoque na mulher, epicentro da família. Mas quem é ela? Como é que a cultura, a sociedade e a Igreja a definem? Que lugar ocupa na família, na sociedade e nas nossas comunidades cristãs?

⁵⁷ Cf. MISSIONÁRIAS DOMINICANAS DO ROSÁRIO, *Breve historia de las Provincias*, 46.

CAPÍTULO II

O LUGAR DA MULHER NA CULTURA MOÇAMBICANA E O CONTRIBUTO DAS MDR NESTE CONTEXTO

Ao longo deste capítulo procuramos apresentar a realidade sociocultural da mulher do sul de Moçambique. Debruçar-nos-emos sobre o nosso entendimento em relação ao termo cultura, no seu sentido mais amplo.

Cada povo tem a sua própria cultura e é influenciado por vários fatores. A cultura moçambicana, é igualmente marcada por diversos ritos e práticas. Entre eles destacaremos: o rito de nascimento, o que se espera de uma mulher segundo a tradição cultural, a prática do *lowolo*, os casamentos prematuros e as evoluções recentes na cultura e na sociedade moçambicana. O último ponto apresenta a ação das Missionárias Dominicanas do Rosário no Bairro das Mahotas, principalmente junto das mulheres.

1. Conceito de cultura

A cultura, apesar de poder sofrer modificações no decorrer do tempo, diz respeito à maneira concreta e específica de viver e de estar de um determinado grupo de pessoas. Engloba uma série de comportamentos, crenças, valores, símbolos, ritos, arte, religião e manifestações próprias. É a maneira de sobrevivência de um determinado povo ou grupo. Adriano Langa, antropólogo e bispo moçambicano, define assim a cultura:

«A cultura é algo de muito particular num grupo humano que uma crítica honesta só é possível a partir de dentro, isto é, com o conhecimento de causa»⁵⁸.

⁵⁸ A. LANGA, *O “Lobolo”*, Coleção Cultura e Evangelização 1, [s.e., s.l.], 1990, 39.

A cultura aprende-se através da socialização dos indivíduos como entes sociais, na relação com os outros, vivendo num lugar específico, num determinado espaço de tempo. Porém, está sujeita a mudanças, enquadrando assim uma dimensão dinâmica, a partir de uma perspetiva sociológica do tempo e do espaço.

Cada cultura pensa e acredita que é melhor do que as outras. E, quando falamos de cultura africana moçambicana, estamos a evocar os grupos específicos deste lugar geográfico de África. Um povo com características comuns, determinantes e particulares no seu viver e existência, no que respeita aos seus valores, ritos, crenças, comportamentos ou idiomas. A mesma ideia é enriquecida por Allan Bloom, ao afirmar que:

«A cultura é aquilo que torna possível, um nível superior, a vida social rica que constitui um povo, os seus costumes, maneira de ser, gosto, festividades, rituais, deuses, tudo quanto liga os indivíduos num grupo com raízes [...] e determinam em geral com as pessoas uma unidade moral e com o indivíduo unido dentro de si mesmo»⁵⁹.

Podemos afirmar que cultura seria um conjunto de ações e características próprias, tido como padrão comum, aceites por um determinado grupo. Essas ações que facultam e propiciam o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo, como ser participativo, permitindo que seja feliz e se realize, como ser e pessoa humana, na sociedade. Miqueias Malôa define de forma mais específica o conceito:

«A Cultura é o conjunto de maneiras de ser, de pensar e de agir de um povo determinado em caminho na história. A Cultura de que falamos aqui é a específica, isto é, aquela maneira de como a nossa gente se expressa e se compreende através de usos, costumes, instituições, ritos, mitos e símbolos embora sujeita à prova da modernidade»⁶⁰.

Podemos concluir que a cultura é tudo aquilo que orienta o ser humano, homem e mulher, no conhecimento, costumes, práticas sociais e hábitos que o levam a distinguir o bem do mal. Passa também pelo tecer das relações interpessoais numa comunidade, povo ou região, resguardado por um conjunto de princípios e manifestações culturais diversas, inerentes àquele território favorecendo, assim, a própria coesão do grupo.

⁵⁹ A. BLOOM, *A cultura Inculta, Ensaio sobre o declínio da Cultura Geral*, prólogo de Saul Bellow, Publicações Europa-América, Lda., Mira-Sintra-Mem Martins, 1990, 3ª edição, 183.

⁶⁰ M. MALÔA, «Liturgia e Cultura», *Rumo Novo* Revista Católica de Inculturação e Reflexão Pastoral, Fagnani, Beira, 01 (1991) 25.

1.1. Sentido da pessoa na cultura bantu

Olhemos em primeiro lugar para o sentido da pessoa na cultura tradicional bantu. É importante ter presente que, para os africanos de origem bantu, a concepção de pessoa humana é diferente do conceito ocidental. A pessoa na cultura bantu é alguém que pertence a uma comunidade, clã ou grupo. Logo, não existe o «eu» tradicionalmente falando no sentido do *self*. O «eu» na cultura bantu é conceituado como relacional, comunitário⁶¹. Neste sentido afirma o antropólogo e teólogo Altuna:

«O banto valoriza mais a personalidade que a individualidade do homem. Esta pode ficar, frequentemente, diluída na comunidade e presa na sua solidariedade; mas a pessoa goza maior dignidade [...] Assim o antropocentrismo banto é comunitário, solidário, comunicativo e interativo»⁶².

O «eu» visto pelos outros é, simultaneamente, apto para criar e manter relações, na construção de si mesmo e dos outros, que passam pela «interferência», entendida como movimento de intercâmbio nas relações interpessoais.

O ser humano de origem bantu, não se realiza fora do relacionamento interpessoal. Está aberto ao outro e o outro pode interpelar a sua existência, na forma de agir e de crescer, na realidade de cada um, na medida em que se vai desvendando no relacionamento com outrem. Há sempre um «eu» e um «tu», na lógica de vida dos africanos. Porque o «eu» é juntamente com os outros, ou seja, cada um se interessa pela vida dos membros da comunidade. É um ser com os outros. Somos seres humanos, respeitando e vivendo com os outros.

Neste mesmo sentido e lógica, fazem parte do «eu»: os vivos, os que ainda não nasceram e os ancestrais. Todos eles nos acompanham e podem ser uma comunidade simbólica. Estão connosco quando nos tornamos membros de uma sociedade. Afirma Pasinya nesse mesmo contexto:

«A força vital que existe em cada ser dá lugar a uma incessante interação das forças de ser a ser [...] assim a força vital de cada membro do clã deve servir à proteção e ao

⁶¹ Cf. L. PASINYA, *O espírito comunitário africano*, edições formação, Maputo, 1991, 7.

⁶² R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, Edição do secretariado Arquidiocesano de Pastoral, Luanda, 1985, 254-255.

fortalecimento da que possuem os outros parentes próximos. Por este meio, a força vital está ao serviço da comunidade, ela alimenta e mantém o espírito comunitário em ordem ao pleno desenvolvimento de todos»⁶³.

A filosofia de base ocidental é entendida a partir do conceito cartesiano: «penso logo existo». Na cultura ocidental a pessoa humana é compreendida a partir da subjetividade, da individualidade e do uso da racionalidade; enquanto que, para os africanos, a filosofia de base assenta em «tenho parentes, logo existo». O «eu» existe na relação com os outros, com os que constituem a comunidade. Não é apenas o facto de ter o uso do pensamento, mas porque é vinculado pelas relações interpessoais, pois são elas que permitem a existência humana⁶⁴. Nessa mesma linha, argumenta Aristóteles no seu livro I:

«Nós entendemos por “auto-suficiente” não aquela existência vivida num isolamento de si, nem uma vida de solidão, mas a vida vivida conjuntamente com os pais, filhos e mulher e, em geral, amigos e concidadãos, uma vez que, o Humano está destinado, pela sua natureza, a existir em comunhão com outros»⁶⁵.

A pessoa humana bantu pertence a uma comunidade. Neste contexto acontecem relacionamentos estabelecidos, num laço e num tecer de relações entre as pessoas.

2. Raízes culturais tradicionais da mulher moçambicana, à procura da sua identidade

No segundo ponto apresentamos a situação da mulher no contexto cultural africano, mais especificamente no sul de Moçambique. Depois da nossa compreensão acerca do que é a cultura, voltemos ao tema em análise, sobre o aspeto sociocultural da mulher nesta região.

⁶³ L. PASINYA, *O espírito comunitário africano*, 7.

⁶⁴ Cf. R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, 53-54.

⁶⁵ ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, tradução do grego de António de Castro Caeiro, Quetzal Editores, Lisboa, 2015, 5ª edição, I, 10^a 15, 31.

2.1. O ritual de nascimento

Todo e qualquer nascimento do ser humano (homem e mulher) é motivo de grande e efusiva alegria, porque evoca uma característica de «mistério», pois constitui um valor inestimável e precioso da Criação. É o que sublinha o autor do salmo «E o fizeste pouco menos do que um deus, coroando-o de glória e beleza»⁶⁶. A natureza e a grandeza do ser humano é a de ser criado à imagem e semelhança de Deus. Por esta semelhança com o divino, o ser humano é o único que é semelhante, próximo e ícone de Deus, pois é da família e da raça de Deus.

Começamos por abordar a questão do nascimento da mulher, a partir da perspectiva tradicional. Porque evocamos aqui este rito? A resposta é simples e simultaneamente complexa. Segundo a tradição cultural, o nascimento de um menino ou de uma menina é motivo de júbilo. Todavia, quando nasce uma rapariga, há expressões próprias, que não se dizem só por dizer, mas que têm uma carga simbólica significativa, diferentes de quando nasce um rapaz. É uma expressão simples, porém, repleta de simbolismo. As mulheres dizem, em tom de receção e saudação, à recém-nascida: *hoyo-hoyo mati* (bem-vinda a água), na língua ronga, da qual sou proveniente⁶⁷.

É interessante observar que a família nesta comunidade, recebe uma menina como um «manancial», ao dizer «bem-vinda a água». A própria água brota da terra. Temos aqui dois elementos fundamentais: a água e a terra, que estão intrinsecamente unidos, pois da terra brota a vida e, por sua vez, a água é o elemento que fecunda a terra.

Dizer que a menina que acaba de nascer é água, mostra que ela é o lugar de onde dimana a vida, a existência. Ela assemelha-se à água, ou seja, é como uma nascente que transmite vitalidade e dinamismo.

Compreenderemos melhor as implicações que isto acarreta na vida da mulher, na família e na sociedade, mais à frente, quando falarmos sobre o *lowolo* (corresponde ao dote na cultura ocidental). Acompanhando esta expressão «*hoyo-hoyo mati*», existe uma outra manifestação cultural, igualmente referenciada aquando do nascimento de uma

⁶⁶ Sl. 8, 6.

⁶⁷ Cf. P. CHIZIANE, «Eu, mulher... por uma nova visão do mundo», in A. AFONSO, *Eu Mulher em Moçambique*, Editores: Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos, República de Moçambique, 1994, 14-15.

menina: «*atinguene tipondo*» (que entre dinheiro). Porque são estas duas manifestações dirigidas ao nascimento de uma rapariga? Oijamos o depoimento da escritora moçambicana Paulina Chiziane, no seu comentário acerca desta temática:

«O nascimento de uma rapariga significa mais uma força de ajuda a transportar água, mais dinheiro ou gado cobrado pelo lobolo. Na infância a rapariga brinca à mamã ou à cozinheira, imitando as tarefas da mãe»⁶⁸.

A menina é recebida como aquela que vai transportar a água. Sem água a natureza esmorece, morre e todos sentimos muito a sua falta. Imaginemos os habitantes do deserto sem o precioso líquido. Dificilmente aguentariam com o calor sufocante e abrasador de um descampado árido e, se faltasse a água, a vida complicar-se-ia ainda mais.

A água concede vida, a tudo rejuvenesce. A própria natureza vibra de alegria, com os tons de uma primavera radiante, numa vida que é despontada pela água. O nascimento de uma rapariga significa dádiva e revitalização da sociedade, porque a mulher é mãe, geradora e multiplicadora de vida⁶⁹.

Depois de nascer, o que é que a sociedade e a família esperam dela? Qual a sua futura missão na família e na sociedade?

2.2. O que se espera de uma mulher na cultura tradicional moçambicana

O nascimento de uma menina, como referenciava Paulina Chiziane é, em grande medida, uma força de trabalho no seio da família. Porque ela nasce para ser mãe e ser cuidadora da vida circunscrita dentro da família. A tradição africana confina a mulher a uma posição e a um estatuto doméstico. Isto é, para estar em casa a cuidar de tudo o que diz respeito ao âmbito familiar. Segundo a irmã Celeste Braz:

«Existe de facto uma forte pressão de fazer da mulher apenas uma doméstica e de cuidados maternos»⁷⁰.

⁶⁸ P. CHIZIANE «Eu Mulher...por Uma Visão do Mundo», in A. AFONSO, *Eu Mulher em Moçambique*,14.

⁶⁹ Cf. R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, 255-257.

⁷⁰ C. BRAZ, «A mulher no mundo do trabalho» *Rumo Novo Revista católica de Inculturação e Reflexão Pastoral*, Gráfica Fagnani, Beira, 01 (1991), 51.

Segundo o pensamento tradicional e cultural moçambicano, o que se espera de uma menina é que se case, faça a comida, vá a procura de lenha e de água, trabalhe na *machamba*. Mais ainda, que se ocupe de todas as tarefas domésticas e tenha filhos, ou seja, que o casamento produza frutos, isto é, garanta a descendência. Como aponta Altuna:

«Os povos banto encontram-se neste estágio. A mulher é agricultora-mãe-esposa-dona de casa. O homem é livre para caçar e sair de casa; pertencem-lhe os trabalhos que exigem força física e coragem»⁷¹.

Por isso, em Moçambique, muitas mulheres não tiveram oportunidade de frequentar a escola. Hoje, algumas querem recuperar esse direito que lhes foi negado, pela cultura predominantemente masculinizada, que restringe o que corresponde exclusivamente ao homem ou à mulher, com uma divisão do trabalho, na base dos sexos.

À mulher é atribuído o trabalho familiar como cozinhar, costurar, lavar a loiça e, sobretudo, tem a específica missão de cuidar do marido e dos filhos. Trazemos aqui o testemunho de uma mulher, na primeira pessoa:

«Fui uma moça sofrida [...] um dia, meu tio foi-me buscar à cama e disse-me que já tinha homem para casar comigo. Um homem muito mais velho, que trabalhava nas minas de ouro na África do Sul e que lhe daria um lobolo»⁷².

Mais um exemplo de como as mulheres estão sujeitas ao casamento e, por vezes, contra a sua própria vontade. Mesmo assim «o fogo» interior que as anima permite que sejam mulheres firmes, corajosas, semeadoras e multiplicadoras de vida e de mudança. Lutadoras do quotidiano, na procura de uma vida melhor e com sentido, representam a força motriz na família e na sociedade moçambicana. Asseguram, no mesmo sentido, os Bispos de Moçambique numa Carta Pastoral:

«Não teremos famílias dignas nem sociedade digna, sem o reconhecimento e o exercício efetivo da dignidade que radicalmente compete a cada homem e a cada mulher»⁷³.

⁷¹ R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, 165.

⁷² M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, CIEDIMA, SARL, Maputo, 2011, 113.

⁷³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE, *Família Cristã na Igreja de Moçambique*, Tipografia do Carvalhido, Porto, 1981, 14.

As mulheres procuram, a todo o custo e sacrifício, ultrapassar as barreiras e os condicionamentos que o padrão cultural e tradicional estabeleceu, com reflexo nos comportamentos sociais, inclusivamente institucionais, em Moçambique.

Todavia, ainda prevalece a ideia de que as mulheres são menos aptas do que os homens para certos trabalhos. Este argumento é usado para justificar ou impedir que assumam algumas atividades, ditas próprias para os varões⁷⁴. Tal como a construção civil, a condução de veículos, a mecânica-auto, com o risco de serem apelidadas com expressões como: «maria-rapaz» ou «parece um homem». Pois entende-se que não são trabalhos próprios para mulheres. Esclarece melhor o teólogo Altuna:

«A sociedade banto observa com rigor as tradições que impõem as divisões das ocupações e trabalhos por sexos. O homem, mais forte, foi sempre caçador, o guerreiro e o desbravador do terreno [...] A pastorícia exigia liberdade e a resistência masculina. Diante desta mobilidade masculina, a mulher encontrou sempre um campo mais restrito de atividade por causa das frequentes gestações, e do cuidado dos filhos»⁷⁵.

A realidade mostra que ainda hoje existe uma tendência de separação de papéis ou funções, específicas para homens e para mulheres. É uma situação que tende a mudar paulatinamente com a influência da sociedade ocidental. Nota-se uma certa evolução, pelo facto de haver mulheres que vão assumindo cargos, outrora reservados exclusivamente para os homens. No entanto, existe ainda a ideia de que a mulher nasceu para ser mãe (procriação), para velar pela vida doméstica, pelos filhos e pelo marido. Apesar do sopro de mudança, a ideia de que a mulher moçambicana foi educada só para ser mãe, todavia prevalece. Como forma de ir vencendo a exclusão imposta pela tradição cultural, fortemente enraizada que tende a favorecer a sua discriminação, é importante que as mulheres acreditem no seu próprio potencial e manancial, saindo assim do anonimato e fazendo a diferença, sem a pretensão de quererem igualar-se aos homens.

Passamos agora a descrever como decorre *o lowolo* segundo a tradição cultural, que põe em grande ênfase a mulher. Coloca-a no centro das atenções e dá-lhe um grande peso cultural.

⁷⁴ Cf. M. BERNARDO, *A mulher na sociedade e na Igreja*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1987, 16.

⁷⁵ R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, 164-165.

2.3. *Lowolo (thambi) e o seu significado*

Um dos caminhos que une as pessoas, cultural e socialmente no Sul de Moçambique, é o que chamamos de *lowolo*⁷⁶. Procuramos expor até que ponto a tradição do *lowolo* tem influência, no modo como a cultura e a própria sociedade entendem o ser mulher. Tudo o que acontece tem como objetivo principal a «indemnização» da família da noiva⁷⁷.

Versaremos sobre o seu significado na tradição cultural e como é que este é vivenciado na atualidade.

Segundo a definição de Adriano Langa:

«*Kulowola* é um acto de um noivo tirar algum valor (dinheiro ou outros bens) para dar à família da noiva adquirindo, assim, o direito de se casar com ela. Este facto é um dos passos decisivos e condicionantes para a realização do casamento e do direito de paternidade»⁷⁸.

É uma tradição cultural. Podemos dizer o quão é imprescindível a sua realização, se a olharmos do ponto de vista tradicional e cultural. É tão necessária que, nos dias que correm, se uma mulher mãe morre, sem que a família do marido tenha realizado o *lowolo*, algumas famílias não admitem a realização das exéquias, sem que, primeiro, tenha lugar a cerimónia do *lowolo*. Imaginem até onde se chegou! Fica o corpo à espera da regularização da tradição do *lowolo*, para poder ser sepultado.

Nos últimos anos verifica-se uma prática curiosa. Os filhos, na ausência dos pais, por estes terem falecido, procuram a família da mãe para a regularização do *lowolo*, caso este não tenha acontecido. Acredita-se que se este não for realizado a sua vida não correrá bem, a nível da saúde, trabalho e tranquilidade. Por isso, fazem de tudo para cumprir o procedimento ritual.

Além da intranquilidade acima referida, pode ainda ter consequências para a vida dos filhos. A consequência imediata é que, se não se regularizar a cerimónia, os filhos do casal passam a pertencer à família da mulher. Podem até perder o apelido paterno,

⁷⁶ Tradição cultural costumeira em que a família da noiva recebe um valor monetário, e outros bens, pela perda que representa o seu casamento e a sua saída para outra família.

⁷⁷ Cf. R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, 335-337.

⁷⁸ A. LANGA, *O “Lobolo”*, 5-6.

adquirindo, assim, o apelido da mãe⁷⁹. Não nos esqueçamos de que estamos perante uma cultura de linhagem patrilinear. Equivale a dizer que os filhos pertencem à família do pai, e não da mãe.

Como se procede, sobretudo, para a vida das mulheres? Segundo a definição do autor, acima citado, este ritual implica sempre duas famílias: a do noivo e da noiva. O procedimento é um longo processo de diálogo, de encontros e concertações entre ambas as famílias. Porque se estabelece uma aliança entre as duas famílias, envolvendo toda a comunidade, através daquela prova de união matrimonial. Engloba diversas dimensões: cultural, jurídica, social e religiosa (esta última liga-nos a Deus e aos antepassados). É um momento sério e emocionante e é tão significativo que não permite a presença de crianças⁸⁰.

Para os nossos irmãos ocidentais, parece que estamos perante uma dinâmica de compra e venda da noiva. Não. Neste sentido, na língua ronga, utilizamos outro verbo, o *kuxava*, termo para designar a lógica de compra e venda, adquirir algo, fazer negócio. Que não tem nada a ver com o verbo *kulowola*, a que nos referimos anteriormente.

Dito isto, existem procedimentos para se efetuar o *lowolo*. Não é um assunto apenas individual ou que diga respeito exclusivamente aos noivos, aliás, estes não têm nenhum papel no processo, embora seja fundamental o seu sim, isto é, o consentimento mútuo entre os noivos, perante os pais. A partir desse momento, os protagonistas são as personalidades tradicionais, que são os tios da parte do noivo e da noiva. Na falta destes, podem assumir este papel um primo ou um irmão mais velho, mas nunca pode ser uma pessoa de ocasião⁸¹. No dizer de Adriano Langa:

«Com muita antecedência a família, sobretudo os tios da menina, que vão conduzir a cerimónia do *lowolo*, consultam os pais, principalmente o homem, qual é a quantia que gostariam que constituísse o *lowolo* da filha. Esta cifra constituirá a base mínima aceitável»⁸².

É fundamental perceber que, tanto a menina como o rapaz não têm papel ativo no ajuste e fixação da quantia e das coisas a pedir, nem sequer opinam, pois é assunto dos mais velhos. Neste processo os noivos são agentes passivos, especialmente a mulher.

⁷⁹ Cf. A. LANGA, *O “Lobolo”*, 25.

⁸⁰ Depoimento da senhora Luísa Filipe Magaia, Mahotas, 2019.

⁸¹ Cf. A. LANGA, *O “Lobolo”*, 8-9.

⁸² *Ibidem*, 13.

Entendemos que o papel da mulher na família e na sociedade, o de «passividade», começa com esta cerimónia tradicional, enaltecendo somente o papel revelante do homem. Como descreve Adriano Langa:

«Ali as travessuras não eram admitidas a qualquer jovem e muito menos aos noivos, por isso, os dois são os que menos mexem e falam, sobretudo a menina que dificilmente olha e fala com o rapaz»⁸³.

É importante mencionar que a fixação do valor do *lowolo*, é tradicionalmente feita pela família da noiva, tendo em consideração a situação económica e social da família do noivo, de tal modo que no momento da negociação, não vão pedir nada fora das suas possibilidades, do que podem dar ou oferecer como «indenização» pela perda da filha.

Que outro aspeto essencial, além do valor monetário, sem exageros, consta no *lowolo*? Dependendo das circunstâncias da família, da época, do contexto e da própria evolução da sociedade moçambicana, tudo pode variar. Contudo, antes da entrada da sociedade moderna e do «progresso», poderia servir de matéria do *lowolo*, por exemplo, uma enxada, uma galinha... Paulatinamente foram substituídos por cabeças de bois ou por dinheiro, grades de cerveja ou refresco, roupas, terrenos e foi-se distorcendo o seu verdadeiro sentido tradicional. Como observa Raul Altuna:

«Se aparece esta cambiante ou se verifica esta triste realidade, é devido a abusos ou à corrupção dos costumes. No genuíno direito tradicional banto não aparece a noção de compra-venda da mulher [...] A mulher tem um valor tal, que nada se lhe pode equiparar»⁸⁴.

É também fundamental o local onde se vai realizar o *lowolo*. Não é em qualquer lugar, como acontece atualmente, como por exemplo em salões de festas. Deve-se respeitar a casa paterna da noiva, o lugar das origens, onde se deixou o cordão umbilical, que nos liga com toda a família, inclusive com os que já faleceram, pois participam da nossa alegria e existência. Portanto, o *lowolo* deve ser realizado na casa dos pais da noiva, dentro da palhota ou de material convencional, no lugar onde a menina nasceu. Nunca fora deste espaço.

⁸³ A. LANGA, *O “Lobolo”*, 10.

⁸⁴ R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, 328.

Chegado o momento do derradeiro *lowolo*, uma delegação encabeçada pelo tio do noivo, no dia e hora previamente marcado, dirige-se à casa dos pais da noiva, com todos os bens antecipadamente pedidos, mediante uma «pequena» lista (antes de todos os exageros a que se assiste hoje), porque se tratava apenas de bens simbólicos e tudo era revisto ao pormenor e ao pequeno detalhe.

A família do noivo é que tem a responsabilidade de preparar este conjunto de bens e, em troca, recebe um valor maior: o novo membro para a família: a mulher⁸⁵. Sendo ela mais valiosa que todas as coisas materiais, inerentes ao *lowolo*.

Para o africano bantu, o *lowolo* é um prévio laço de aliança matrimonial e social. Os pais da noiva, perante todos os presentes, perguntam à própria se podem ou não receber o *lowolo*. Esta pergunta é crucial. Significa que se ela aceita perante todas as testemunhas o compromisso que vai assumir, ao responder «sim», os seus pais recebem o dote (*lowolo*). Atenção, só recebem se ela der o seu consentimento.

Nos nossos dias esta prática apresenta uma enorme deturpação. O conceito individualista, o carácter mercantilista e a ganância de algumas famílias, minaram o entendimento, o sentido e a essência deste rito. Perdeu-se o seu valor moral, social e tradicional, pois verifica-se uma certa exploração à família do noivo. Se este for de uma família de posses, é maior o aproveitamento monetário e material, por parte da família da noiva, depois quem pagará a «fatura» será a mulher.

Desta forma, a mulher não se sente solidária com a família para a qual passa a pertencer, mas sim como se fosse uma «mercadoria». A sua liberdade fica bastante limitada e, às vezes, interdita a sua dignidade de mulher, por conta da adulteração e exagero dos costumes.

Está aqui plasmada a ideia de que a mulher se encontra sujeita ao marido em tudo, como se fosse uma «posse» ou na pior das hipóteses propriedade privada e exclusiva do marido. Sendo «propriedade própria», o marido sente-se no direito de fazer o que lhe apetece e quando lhe convém com a esposa. Testemunha uma mulher:

«Depois um rapaz começou a perseguir-me e eu aceitei. Ele mandou-me deixar de trabalhar e eu obedeci [...] então, ele falou com o meu irmão para saber do *lobolo*»⁸⁶.

⁸⁵ Cf R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, 327.

⁸⁶ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 33.

Nesse contexto cultural a mulher, perante o marido, tem uma posição de submissão, tal como foi também educada a sua mãe. O homem tem primazia em tudo na família, desde que tenha cumprido com o seu dever de fazer o *lowolo*. Esta atitude, por vezes, desemboca na forma menos honrosa que é a prática do adultério, pela via da infidelidade. Mas este é outro assunto. Chegando até à posse do corpo da esposa, porque dizem os homens «eu fiz o *lowolo*». Podemos afirmar que o *lowolo* legitima o matrimónio e as mulheres serão sempre fiéis ao homem, com o qual fizeram o vínculo matrimonial pela via do *lowolo*. Ela suporta as consequências que daí advêm, muitas vezes no silêncio, vivendo ano atrás de ano, num verdadeiro sofrimento. Seria indecente e menos honroso para estas mulheres deixarem os seus lares, que foram validados pelo rito do *lowolo*.

Porém, mesmo sofrendo, as mulheres bantu erguem a cabeça e batalham pela sua dignidade e pela vida da sua família. Existe na mulher moçambicana uma capacidade de resistência, apesar da subalternização constante sobre ela.

Uma mulher desabafava connosco dizendo-nos que o marido era o pai dos seus filhos e que não queria apresentar dois pais aos seus filhos. Subentende-se que prefere suportar a «humilhação», a submissão com aquele homem, seu marido, com a dignidade de uma mulher comprometida exclusivamente com um único homem. Como refere Paulina Chiziane:

«A educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem. A escola também ensinava a obediência e a submissão e preparava as raparigas para serem boas donas de casa, de acordo com o princípio cristão»⁸⁷.

Estas mulheres que a tradição cultural sempre procurou ao longo do tempo, manter na retaguarda e na posição de dependência e fragilidade, são-no de verdade? Temos dúvidas. A realidade mostra-nos outras características destas nossas «mamãs», a sua garra e vontade de vencer as adversidades, é maior. Conta-nos uma mulher na primeira pessoa:

«Passei fome, passei a morte dos meus dois filhos, a falência de vários serviços, a decadência do meu marido. Luto com tranquilidade, coragem, fé e esperança de vencer,

⁸⁷ P. CHIZIANE, «Eu, Mulher... por Uma nova Visão do Mundo», in A. AFONSO (coord.), *Eu Mulher em Moçambique*, 14-15.

para ser melhor! Eu quero ser uma mulher lutadora não só no negócio. O meu maior negócio é a minha vida»⁸⁸.

Dizíamos, no começo, que as mulheres nasceram para serem fontes dinamizadoras e transmissoras de vida. Acreditamos que transportam consigo o leito de rio, onde a água corre todos os dias e nunca é a mesma. Assim são as nossas «mamãs», as grandes geradoras, defensoras da vida no seu todo (uterina, familiar e social).

Há uns anos atrás começou-se a falar, em Moçambique, do dia do homem. Dia do homem! Repito. Sim, é interessante entender de que dia se trata. Qual é então o dia do homem? É a sexta-feira, início do final de semana. Os homens saem de casa, à sexta-feira e passam noitadas nas «barracas» (tabernas). Com quem? Eles é que sabem, mas certamente não estarão sozinhos. Esta mulher elucida-nos melhor, e desabafa, dizendo:

«Agora os maridos amanhecem nas barracas, com viúvas, mães solteiras, meninas [...] e esquecem-se que antes sofremos juntos e que agora sofremos sozinhas e mais!»⁸⁹.

Alguns só regressam a casa no domingo. E questionámo-nos: Quando chegará o dia da mulher? Elas ficam em casa, a cuidar de tudo e de todos, enquanto os companheiros ou maridos estão a gozar o «dia de homem» e a gastar o salário. São elas as sacrificadas para tomar conta dos outros e das coisas da casa, numa sociedade marcada por uma mentalidade machista e patriarcal. O dia delas é todos os dias e a todos os momentos, porque são chamadas a engendrar vida e sentido, a serem mães. Porém, esta atitude dos homens, dá azo ao surgimento de relações extramatrimoniais e/ou de poligamia.

Uma reportagem exibida por um canal televisivo em Moçambique, na STV (Soico Televisão), no dia 4 de maio de 2019, reportou a história de um homem que vive no interior do distrito de Mabote, na província de Inhambane, que tem sete esposas e quarenta e seis filhos, todos vivendo na mesma casa e em harmonia.

O jornalista, estupefacto com a situação, pergunta ao senhor Macuácuca: «Como é que o senhor consegue dar assistência às esposas e aos quarenta e seis filhos?». O homem responde-lhe, salientando a importância e o valor do trabalho no campo (*machamba*), onde produzem os alimentos e criam gado, como fontes de sustento da grande família. Todos trabalham, exceto as crianças que frequentam a escola.

⁸⁸ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 36.

⁸⁹ *Ibidem*, 65.

Questionado sobre a harmonia na comunidade familiar, respondeu que era da responsabilidade da esposa mais velha, a primeira, a matriarca da família. Ela tem a missão de reunir com as outras esposas, conversar e dar conselhos, com o intuito de que prevaleça naquele ambiente familiar, a paz e a harmonia entre todos. A primeira esposa tem muito peso e a palavra dada por ela tem muito significado para todos e deve ser cumprida por todos, incluindo o marido.

Queremos salientar duas coisas que nos parecem fundamentais. Estamos perante um caso de poligamia que é frequente em Moçambique, mas não iremos aprofundar este tema, porque não é objeto da nossa reflexão. Vamos sim olhar para o lugar das mulheres.

São sete esposas do mesmo marido e a última tem apenas vinte e quatro anos e cinco filhos. Para esta última, ser mulher é ter marido e garantir a procriação, sem se importar por compartilhar o marido com as companheiras. Esta mulher não conheceu outra realidade, senão aquela. Foi educada para ser mãe e boa dona de casa, garantindo a descendência⁹⁰.

Podemos concluir este tema, dizendo que a cerimónia tradicional do *lowolo* é fundamental para a cultura do sul de Moçambique, pois legitima o casamento e a proteção social da mulher na comunidade. Cabe também à mulher garantir a fecundidade e a prosperidade do clã e, ao mesmo tempo, ser força de trabalho para a família. Esta é a sua função, segundo o entendimento cultural e tradicional.

Por outro lado, com os exageros e as mudanças fruto da sociedade moderna, o *lowolo*, contribui para a exploração da mulher. A rapariga, ao chegar a casa do marido, passará para um lugar de «escrava», isto é, estará ao serviço do marido em tudo e não se sentirá com o direito a reivindicações, pois o valor pago pelo seu (dote) é incalculável, ficando assim, «pertença» do marido. Enfim, qual é o lugar que a mulher verdadeiramente ocupa na sociedade e na família?

Analisemos agora um fenómeno preconizado pelo costume da tradição, sobre o pagamento de dívidas com o auxílio de raparigas. Infelizmente é uma prática que ainda se verifica. Este fenómeno em nome dos costumes, medos e das ordens espirituais dos ancestrais proporciona esta prática, sobretudo nas zonas rurais, mais do interior.

⁹⁰ Cf. R. RUIZ ASÚA ALTUNA, *Cultura Tradicional Banto*, 165.

2.4. Casamentos prematuros, uma realidade de penumbra na vida das mulheres

Trazemos para o debate uma realidade relacionada com os casamentos prematuros ou forçados que, de certo modo, inviabilizam o desenvolvimento e o futuro das raparigas. Protagonizado por homens adultos ou curandeiros (médicos tradicionais), aliado à tradição na questão dos medos, do que possa vir a acontecer se não se seguirem os pedidos dos médicos tradicionais.

É muito frequente do ponto de vista cultural, os líderes comunitários (chefes) e os curandeiros terem mais do que uma esposa. Partilhamos o caso de um curandeiro que tinha na sua posse cerca de vinte mulheres e formava uma pequena aldeia, porque todas as mulheres tinham filhos.

Os curandeiros são outra complexidade em Moçambique. Pois existe a crença no imaginário coletivo de que eles recebem dos antepassados ordens espirituais e familiares, para terem esta ou aquela mulher, não para o curandeiro, mas para os «espíritos» dos seus ancestrais. Logo, a vontade não nasce do curandeiro, mas dos seus antepassados e das forças espirituais invisíveis. Como nos ilustra o antropólogo e teólogo Adriano Langa:

«Com efeito, para todo o africano tradicional os mortos continuam fazendo parte da família viva, a morte não significa a destruição dos laços entre os vivos e os mortos. Estes apenas mudaram a sua forma de existir, mas continuam existindo de tal maneira que eles têm direitos e deveres em relação aos familiares: serem lembrados, serem tratados e protegem os vivos»⁹¹.

Como é que isto sucede? Geralmente acontece quando as pessoas vão solicitar algum serviço de cura ou resolver questões culturais relacionadas com os antepassados. Se a família que foi solicitar o serviço ao curandeiro não tiver com que pagar (dinheiro), ele pedirá a paga por uma mulher. Geralmente são raparigas novas, crianças ou adolescentes, que passam a viver na casa do médico tradicional e posteriormente servirão de esposas do curandeiro. Esta prática continua a ser muito frequente em zonas rurais do sul de Moçambique.

⁹¹ A. LANGA, *Questões Cristãs à Religião Tradicional Africana, Moçambique*, Editorial Franciscana, Braga, 1984, 15.

Perguntemo-nos, porque não pode servir de pagamento um animal ou utensílios? Tem que ser necessariamente uma mulher e porque não um homem? Entendemos que é uma prática cultural e simultaneamente de conveniência e, ainda hoje, existem famílias que levam como garantia de pagamento meninas inocentes, menores de idade, na sua ingenuidade, para servirem de esposas do curandeiro. E como as pessoas temem o veredito da maldição por parte dos seus antepassados, acreditam na palavra do curandeiro e deixam as suas filhas, reféns de um homem velho, as quais veem o seu futuro comprometido e destruído.

O curandeiro vai juntando em torno de si muitas mulheres e sob a sua tutela, serve-se delas como suas esposas. No entanto, há um outro problema que surge. Se as mulheres forem, por exemplo, por volta de vinte, o curandeiro não terá capacidades físicas para satisfazer todas sexualmente, juntando a isso as limitações de idade. Nesses casos, os filhos do curandeiro, os mais velhos das primeiras mulheres, vão assumir e substituir o pai, mantendo relações sexuais com as esposas mais novas do pai (curandeiro), como forma de as cobrir a todas e garantir a descendência. Outro fator que contribui para esta prática é a falta de escolarização, sobretudo das raparigas, pois não têm outras escolhas a não ser sujeitarem-se à vontade da família e dos costumes. Contudo, constatamos nos últimos anos uma certa evolução, no que concerne à valorização e respeito pela dignidade da mulher, com a denúncia por parte de algumas organizações da sociedade civil a estas práticas nocivas à vida das raparigas.

3. Evoluções recentes

As diversas conquistas e os pequenos progressos que a mulher tem vindo a alcançar na nossa sociedade moçambicana, levam-nos a acreditar em sopros de mudança. Provocados, sem dúvida, pela influência da modernização social, pela urbanização e pelo consumismo, que tornam o mundo numa «aldeia global», influenciando assim o modo de ser, de estar e de viver dos indivíduos. Acerca destes fenómenos nos alerta Adriano Langa:

«Também é sabido como a industrialização e a urbanização são agentes poderosos de transformação social e, portanto, também cultural. Foi a industrialização que deu a actual

fisionomia à Europa e a todo o mundo industrializado e moderno [...] Em relação a Moçambique, se bem que a industrialização esteja ainda na sua infância, no entanto, ela avança a passos de gigante e os seus efeitos já se fazem sentirem toda a parte»⁹².

A partir dos anos oitenta, os efeitos da globalização e do progresso, começaram a fazer-se sentir na sociedade moçambicana. A «entronização» dos meios de comunicação social, sobretudo da televisão, trouxe consigo vários conceitos, como a afirmação da individualidade, das liberdades individuais, do crescimento das cidades, da busca pelo conhecimento, colocando em causa alguns aspetos da cultura tradicional. E, como dizíamos no primeiro ponto do presente capítulo, toda a cultura é dinâmica e está sujeita a transformações, muitas delas positivas, embora também possa cair em contravalores.

Toda esta dinâmica de mudanças tem influenciado na forma de viver dos moçambicanos, homens e mulheres, colocando em questão o que caracteriza os valores tradicionais e culturais. Os quais são confrontados com o mundo moderno e técnico, que prioriza e preconiza o bem-estar, o consumo, o imediato, o individualismo e o conceito liberdade trazido pela cultura ocidental.

Acreditamos que estes conceitos têm muita influência na mudança de paradigma, com que se depara a nossa sociedade. Há um crescer na tomada de consciência de que a educação, a formação integral e a vida urbana são fatores que contribuem para abrir horizontes. As novas realidades vivenciadas estimulam o desenvolvimento a vários níveis da sociedade, potenciam e garantem a integração progressiva e justa da mulher, nas diversas esferas da vida social, cultural e económica do país. A mulher sente-se, cada vez mais, no direito e dever de fazer as suas escolhas, de ter uma abordagem de rentabilidade, de sustentabilidade e de valorização de si mesma. Atualmente, principalmente nas zonas urbanas, elas procuram inserir-se no mundo do trabalho, tanto formal como informal.

É importante destacar que as nossas «mamãs», verdadeiras heroínas do quotidiano, procuram proporcionar à sua família uma vida condigna. Quando, às três da manhã, o silêncio da madrugada cobre a terra, elas vão com a sua bacia à cabeça, em direção a uma padaria local, comprar o pão para posteriormente revender, de casa em casa. Conseguem, dessa forma, o sustento para os filhos, pois a maioria delas têm filhos sem a presença responsável do companheiro. São, maioritariamente, mulheres solteiras, se tiverem companheiro, é de ocasião. Algumas, depois de fazerem a entrega do pão aos seus

⁹² A. LANGA, *Questões Cristãs à Religião Tradicional Africana, Moçambique*, 127.

clientes, têm ainda outro trabalho como empregadas domésticas, como forma de juntar mais dinheiro para a renda mensal.

Na conjuntura atual, muitas delas assumem o papel de mãe e pai em simultâneo, são chefes de família. Trabalham muito, dedicam-se e sacrificam-se pelos filhos, muitas vezes esquecendo-se de si mesmas, para tornar a vida melhor em prol dos outros. São mulheres de visão e de esperança, no seio de uma sociedade que as quer colocar de lado e, se possível, silenciá-las ou marginalizá-las.

O dia 8 de março, para a mulher moçambicana, acontece todos os dias. Temos ainda que lamentar porque em muitas nações, a mulher continua a ser explorada, desvalorizada e subjugada⁹³, por exemplo, na prática da mutilação genital. Moçambique não é exceção, porém, queremos enaltecer a força e resistência no desempenho do papel de mãe, pois a sua vocação essencial é promover a vida, devolvendo, desta maneira, sorrisos às pessoas da família e da sociedade. É um contínuo gastar-se pelos outros, sem esperar nenhuma recompensa. No entanto, há uma crescente tomada de consciência, da valorização de si própria e da dignidade que merece usufruir, como mulher comprometida com a família e com os outros. Vejamos o desafogo desta mãe:

«Abri os olhos e vi que não queria ser mais o pilão, onde o homem põe o que quer e bate como quer! O pouco que aprendi, rentabilizei e transmiti aos outros, principalmente às mulheres»⁹⁴.

A mulher é e sempre será mãe, cuidadora e geradora de vida. É chamada a germinar e a transformar vidas, no mais pequeno gesto e atitude que seja. Isto é uma realidade constatada nas nossas heroínas do quotidiano e com merecida dignidade. Como partilha uma mulher invisual, que é apoiada pelo projeto de microcrédito desenvolvido pelas MDR:

«Eu acredito que esta desordem irá criar vida. Eu acredito em ser outra. Eu ando na escola a aprender Braille e computadores na Associação dos Cegos, ali na Avenida Eduardo Mondlane. Nem sempre tenho dinheiro para o *chapa* e falto a muitas aulas, mas quero aprender e ter outro ofício. Eu agora vendo em casa carvão e gelados»⁹⁵.

⁹³ Cf. J. CHITTISTER, *Ser mujer en la Iglesia. Memorias espirituales*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2006, 2ª edición, 147.

⁹⁴ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 28.

⁹⁵ *Ibidem*, 55.

Sim, acreditar! E reiteramos quando dizemos que devem ser elas próprias, geradoras e protetoras de vida, independentemente da condição em que se encontram. As mulheres ocupam o lugar primordial de guardiãs da cultura, mas ao mesmo tempo, são doadoras de vida, permitindo deste modo que a vida circule e se materialize. Esta senhora, na sua incapacidade visual, foi deixada à sua sorte pelo marido, com filhos para alimentar e cuidar, mas ela acreditou na vida e seguiu em frente, sozinha, porque quer ser outra.

O trabalho continua. Esta é uma das nossas missões: realizar ações que visam encontrar a igualdade jurídica, social, cultural e humana entre homens e mulheres, construindo o bem-estar social de todos e para todos.

Existem em Moçambique muitas outras organizações que promovem a dignidade e a oportunidade das mulheres, como é o caso da Fundação *Girl Move*, fundada pela gestora portuguesa Alexandra Machado, em julho de 2012. Esta fundação tem como objetivo pôr fim ao ciclo de pobreza feminina e formar uma nova geração de líderes, capazes de transformar Moçambique. A fundação acredita no efeito multiplicador das raparigas que, conseguindo melhorar o seu desempenho e a sua vida através da educação, possam ser agentes de desenvolvimento do país. Isto é, formar para formar e ajudar outras raparigas. Congratulamo-nos por todas as mulheres que envidam esforços para apoiarem outras mulheres, na sua inclusão social.⁹⁶ Como é salientado no site da Fundação *Girl Move*:

«Um projeto que forma jovens mulheres para a liderança, enquanto aposta na prevenção do abandono escolar e da maternidade infantil»⁹⁷.

Para que estas jovens desabrochem o seu talento é necessário acreditar, liderar e transformar. Uma bela iniciativa uma vez que, muitas das raparigas de Moçambique, principalmente as que vivem em zonas rurais, ficam grávidas em idade precoce. Como consequência imediata, deixam de frequentar a escola e passam a dedicar a sua vida à maternidade. Essa fundação procura formar as jovens para inverter este tipo de situações.

Hoje em dia, são necessárias iniciativas como estas para ajudar as raparigas a irem mais além, para poderem sonhar e vencer os obstáculos impostos pela cultura e situação

⁹⁶ FUNDAÇÃO GIRL MOVE, Jovens líderes estão a mudar Moçambique, <https://executiva.pt//girl-move/jovens-lideres-estao-mudar-mocambique/>. Consultado a 31-07-2019 às 19.26.

⁹⁷ *Ibidem*.

social, que tendem a desfavorecer a sua participação ativa e efetiva na família e na sociedade. Como constata Amélia Bazima:

«A mulher, como mãe e educadora das novas gerações, tem um papel importante na transmissão dos valores culturais aos homens de amanhã. Fazer ouvir a voz da mulher, as suas preocupações, as realizações e os seus sentimentos é um imperativo do desenvolvimento»⁹⁸.

Concordamos com a afirmação acima referida. Pois o desenvolvimento deve abranger a inclusão de todos os moçambicanos, envolvendo também as mulheres. Aliás, nos dias que correm, vemos mulheres a desempenharem com brio, determinação e alto sentido de responsabilidade certas tarefas, referenciadas como de carácter masculino. A maneira como interpretamos a natureza e a cultura, por vezes, conduz a desigualdades ou até a injustiças no que respeita à dignidade e à humanização de cada ser humano. Ainda bem que encontramos muitas mulheres que abriram horizontes:

«Eu neguei o homem que o meu padrasto queria para casar comigo e também neguei o pai do meu filho que, entretanto, me quis recuperar, porque ele já tinha uma mulher no lar e eu não queria partilhar o mesmo homem»⁹⁹.

Muitas mulheres moçambicanas desejam orientar e concertar o seu destino. Para tal, a formação constante da mulher continua a ser um grande desafio, tanto nas zonas urbanas, como e, sobretudo, nas zonas rurais. É necessário investir na sua escolarização, formação e capacitação, como meio e forma de as enriquecer com ferramentas para uma equilibrada integração, no seio familiar e social.

Uma irmã da nossa Congregação, enfermeira, partilhou connosco uma experiência de cortar a respiração. Mas, simultaneamente cheia de coragem, firmeza e de uma grandeza sem igual.

Uma mãe encontrava-se internada na maternidade com o seu filho recém-nascido, prematuro, que necessitava de permanecer numa incubadora hospitalar para sobreviver. Infelizmente, a criança não resistiu e faleceu. Aquela mulher, mãe e pobre, sem recursos financeiros, fez contas à vida. Retirar o óbito das unidades sanitárias requeria recursos e

⁹⁸ A. BAZIMA, «Mulher e Desenvolvimento. A mulher na Realização do Direito ao Desenvolvimento», in A. AFONSO (coord.), *Eu Mulher em Moçambique*, 29.

⁹⁹ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 54.

dinheiro. Como não o tinha, dirigiu-se às enfermeiras e pediu-lhes um grande favor. Implorou que lhe permitissem levar o filho morto, às costas, muito cedo, sem que tivesse de atravessar todo o processo legal, do médico passar a certidão de óbito, porque não tinha condições para o fazer. Que dura realidade!

Vendo a situação angustiante e triste da mulher e simultaneamente injusta, as enfermeiras tiveram que a ajudar. Então, ela levou o seu filho morto, às costas, ainda cedo, sozinha como se estivesse vivo, para não chamar a atenção das pessoas. Rumou em direção à sua residência e só desatou a chorar quando chegou ao quintal da casa. Ora, onde está a debilidade desta grande mulher? Resolveu a situação dolorosa, sozinha. Não esperou pela chegada do marido nem de outros familiares.

Esta mulher é digna de uma *red carpet* (passadeira vermelha), mesmo sabendo que nunca passará por ela, aliás, nem sequer sabe que existe. Mas uma coisa é certa: a sua coragem, valentia, audácia e firmeza tornaram-na numa «medalhada heroica», embora anónima e esquecida naquela aldeia perdida e longínqua. Ela evidencia uma extraordinária capacidade para vencer e ultrapassar as complexidades injustas da vida, porque é mãe.

O que seria das famílias moçambicanas e da sociedade no seu todo, sem a existência das nossas «mamãs»? São elas o centro, onde a partir do qual se engendra a educação dos filhos e futuros cidadãos, que futuramente garantirão a estabilidade, a coesão familiar e social. O que falta à nossa sociedade para chegar ao reconhecimento e ao respeito pela dignidade da mulher? No mundo de hoje, a mulher só deve desempenhar e/ou restringir a sua atividade em ações do domínio doméstico?

Reconhecemos que ainda há um longo trabalho a fazer, na promoção e inclusão da mulher nos vários campos de ação na sociedade. É neste contexto e situação da mulher, que a Congregação das Missionárias Dominicanas do Rosário, desenvolve a sua ação evangelizadora em Moçambique e mais concretamente no bairro das Mahotas, como forma de contribuir para a formação e promoção integral da mulher.

4. Ação das MDR no bairro das Mahotas

4.1. Promoção da mulher na área da educação e no desenvolvimento das suas competências

Hoje, são as próprias mulheres que vão tomando consciência do seu valor e contributo como mães. Elas entendem que podem estender a sua ação a outros domínios da vida, embora sem defraudar nem dispensar a sua dimensão maternal. Recordamos, mais uma vez, que o trabalho com as mulheres está presente desde os primórdios do nosso Instituto:

«A mulher Ascensão Nicol teve, desde o princípio, uma grande clareza sobre o serviço a prestar à mulher. Por isso, para nós, a opção pela mulher pobre e marginalizada, constitui uma dimensão essencial da nossa identidade como Missionárias Dominicanas. A determinação de nos comprometermos na tarefa libertadora de mulher, arranca do mesmo tronco fundacional, onde está presente desde as origens»¹⁰⁰.

Desde os começos da Congregação, os fundadores Ramón Zubieta e Ascensión Nicol, tiveram a consciência e a clarividência de que a evangelização devia priorizar a educação e a promoção da mulher, como vetores para o progresso dos povos. Em Moçambique, enveredamos pelo mesmo caminho, investindo na formação integral de todos, com particular atenção na promoção da dignidade da mulher.

Em concreto nesta zona rural, para a materialização e continuidade do legado deixado pelos Fundadores, após a inserção e o conhecimento do lugar, as irmãs sentiram a necessidade e urgência em criar, nos anos noventa, o Centro Social Flori¹⁰¹. Situado no bairro das Mahotas, arredores de Maputo. Como nos revela este testemunho das monitoras do Centro:

«O Centro Flori das Mahotas não nasceu de uma ideia já feita pelas irmãs, nasceu de uma necessidade sentida por nós, sobretudo, as mães, que partilhávamos com as irmãs, nos Encontros de Formação que elas organizavam connosco nas comunidades cristãs. Dizemos que foi surgindo, porque não nasceu com as salas que hoje tem. Também muitas

¹⁰⁰ MISSIONÁRIAS DOMINICANAS DO ROSÁRIO, *O Tronco: Nossa Identidade*, MDR, Madrid, 2003, 2.

¹⁰¹ Cf. M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 Anos de presença em Moçambique*, 132.

das atividades foram mudando, conforme se ia avaliando se correspondiam ou não aos objetivos para as quais foram criadas»¹⁰².

O Centro surgiu com a intenção de ajudar as pessoas mais necessitadas e, por esse motivo, foram surgindo múltiplas valências, tais como: alfabetização de adultos, corte e costura, datilografia, cestaria, fabrico de blocos e de manteiga de amendoim. Estes projetos tinham como objetivo contribuir para a formação integral do povo que nos rodeava e para a sustentabilidade familiar, com vista a minorar os índices de pobreza e combater a desnutrição e o analfabetismo, que na altura era muito mais acentuado.

Antes de arrancar o próprio projeto no Centro Social Flori, as irmãs tiveram o compromisso de colaborar na projeção e criação da Escolinha (pré-escolar), que servia de centro nutricional para as crianças desnutridas e da Escola Comunitária no espaço da comunidade cristã, atualmente Paróquia de Todos os Santos das Mahotas. Como confirmam as atas da comunidade das irmãs:

«Organizou-se uma escolinha para as crianças que não tinham onde ficar, enquanto as suas mães trabalhavam na machamba. À finalidade pedagógica junta-se a possibilidade duma alimentação equilibrada e sã. Havia muitas mães que apresentavam as suas crianças em estado grave de má nutrição por causa da sua extrema pobreza. Outra das carências sentidas pelo povo era a falta de uma escola secundária, o que obrigava os adolescentes a percorrer diariamente longas distâncias para dar continuidade à sua escolarização»¹⁰³.

Atualmente, o Centro Social Flori impulsiona a formação e a educação para todos os que nos procuram. Esta é a nossa missão, mas como sempre, com particular atenção na promoção da mulher, nas seguintes áreas: alfabetização, corte e costura, olaria, aulas de informática, apoio em microcréditos, organização de palestras sobre diversos temas nacionais, consciencialização sobre as questões ambientais e outros temas de interesse nacional. Testemunha uma voluntária ao falar acerca do trabalho das irmãs no Centro:

«Dentro da organização do projeto comunitário, o meu “trabalho profissional” desenvolveu-se no Centro Social Flori. Promover e ver crescer este Centro com a Escola de alfabetização e promoção da mulher, conviver e trabalhar lado a lado com pessoas, sobretudo com mulheres de tanta coragem e valor, cujos rostos e nomes guardo na minha mente e no coração, apreciar como, com luzes e sombras, as pessoas vão passando a ser

¹⁰² M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 anos de presença em Moçambique*, 157-158.

¹⁰³ *Ibidem*, 134.

progressivamente protagonistas e animadoras do próprio desenvolvimento, é todo um desafio»¹⁰⁴.

Procuramos, através dos projetos sociais, realizados no Centro Social Flori, responder às situações históricas concretas na promoção integral dos povos, com quem partilhamos a vida e a missão. Procurando não só remediar os efeitos da injustiça, como também contribuir para a transformação das causas que a originam.

Ao longo de vários anos da nossa missão, tivemos o privilégio de termos conhecido e contactado com muitas mulheres, que continuam presentes na nossa memória e algumas ainda partilham a vida connosco. Fruto de uma longa caminhada com elas e, com o apoio de um grupo três voluntárias, surgiu a ideia de resumir num livro a vida e as experiências de algumas das muitas mulheres que as irmãs acompanham.

São histórias contadas na primeira pessoa, onde as mulheres partilham daquilo que as preocupa, no que diz respeito às suas dificuldades, anseios, desejos e pequenas vitórias. Nasceu assim a obra: «*Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*»¹⁰⁵, com vinte histórias de vida de mulheres simples, mas com uma grande e extraordinária valentia e coragem na forma como enfrentam as variadas vicissitudes da vida.

Destacamos situações concretas de luta e superação das mulheres, algumas contadas na primeira pessoa e, outras, confiadas em conversas de apoio e escuta. São mulheres que, graças à escolarização, vão ganhando em dignidade, autonomia e autoestima.

4.2. Escolarização da mulher

A escolarização da mulher é outro meio fundamental para o desenvolvimento da sociedade moçambicana. É cada vez maior o número de mulheres que têm a possibilidade de frequentar o ensino secundário e universitário, embora reconheçamos que há ainda um longo trabalho a fazer neste campo.

¹⁰⁴ M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 anos de presença em Moçambique*, 163.

¹⁰⁵ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*.

A instrução escolar pode habilitá-las a concorrerem, em pé de igualdade, com o varão, nos locais de trabalho. Adquirir níveis de habilitação similares, contribui para que desempenhem funções e usufruam de salários equivalentes. A formação escolar confere responsabilidade e legitimidade às mulheres, mesmo para as que não tenham um nível escolar relevante, porque não se sentindo excluídas e passam a ter uma vida melhor e mais digna.

A título de exemplo, a nossa irmã solteira vive com os dois filhos. O pai das crianças mandou-a embora de casa e ela teve que começar tudo do «zero». Professora numa escola do primeiro ciclo está, ao mesmo tempo, a tirar um curso superior na universidade, como forma de aumentar a renda mensal e dar uma boa educação aos filhos. Sai de casa muito cedo, às cinco da manhã, deixando os filhos menores a dormirem sozinhos, com todos os riscos que isso significa, porque tem um sonho: «Quero construir a minha casa e proporcionar alimentação e boa educação para os meus filhos»¹⁰⁶.

Recentemente, escutamos o comentário de um professor numa escola, onde uma das nossas irmãs é professora. O professor teceu uma observação que nos deixou perplexas, dizendo que as mulheres davam «dor de cabeça», porque faltavam muito ao trabalho, estavam sempre em licença de maternidade e quando não era uma, era outra.

Para aquele «senhor professor», a escola deveria contratar somente professores homens. No entanto, ele esqueceu-se de que elas são geradoras de vida e da futura sociedade. Segundo a visão do professor, as professoras-mulheres prejudicam o pleno funcionamento da escola. Por isso, deviam ficar confinadas ao domínio doméstico, a cuidar dos filhos e do marido, segundo o seu entendimento. Reiteramos a nossa pergunta: qual é o lugar justo da mulher na sociedade moçambicana?

Assume o papel de mãe e isso implica conceber a vida em todas as suas dimensões: gerar a vida biológica, familiar, social e participar ativamente para a sua concretização. Na educação dos filhos, na docência e formação de homens e mulheres, do futuro que começa hoje, não amanhã. Sentimos desproporcionalidade nesse tipo de atitude, contida no comentário do professor, dado que revela a intolerância e a indelicadeza de um machismo enraizado, difícil de se curvar e compreender o valor da complementaridade entre homem e mulher.

¹⁰⁶ Depoimento da senhora Cândida Fernando Panguana, Mahotas, 2017.

Nesse mesmo contexto, queremos destacar o investimento feito e que continuamos a realizar na área da alfabetização de adultos, abrangendo todas as pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar o ensino formal, por diversos motivos de ordem social ou cultural. A maior parte dos alfabetizados são raparigas jovens, mulheres e mães de família, apesar de nos últimos anos, começar a notar-se um equilíbrio de género, nos inscritos neste tipo de ensino.

Que satisfação ver uma mulher a conseguir escrever o seu próprio nome pela primeira vez! É motivo de grande alegria para a própria e uma conquista sem igual, vê-las a ler uma mensagem do telemóvel, sem ter que depender de terceiros ou do marido.

Lembramo-nos de uma mulher nova e elegante que frequentou a alfabetização de adultos e, no terceiro ano, já sabendo ler e escrever, rejubilava de alegria e comentava:

«Agora já posso ir ao banco, tratar do meu dinheiro e assinar os papéis com a minha mão, sem vergonha. Sou capaz de poder controlar as minhas poupanças, porque sei ler e escrever»¹⁰⁷.

Uma outra mulher comentava que pelo facto de saber ler, adquiriu a autonomia e a capacidade de interpretar e distinguir o número e o destino do *machimbombo*, porque aprendeu a ler e a escrever os números e o seu próprio nome.

Portanto, a libertação interior e exterior destas mulheres, por saberem ler e escrever, é enorme. Sentem-se «vencedoras», na perseverança de ver a sua vida transformar-se pela positiva. Sinal de que o desenvolvimento de uma nação passa pela via de educação a vários níveis. Passa pela promoção integral das pessoas, com vista a uma plena participação social, favorecendo assim, uma vida digna para todos, através de uma educação familiar e obviamente escolar. Chama a atenção a Irmã Celeste Braz, no mesmo sentido, dizendo:

«O mundo moderno no qual estamos inseridos, o bem do povo e a justiça social exigem que à mulher, como ao homem, devem ter toda a liberdade e possibilidade de aceder a uma escolarização e formação profissional compatível com as capacidades, sem discriminação baseada no sexo»¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Depoimento da senhora Joana Macamo, Centro Social Flori, Mahotas, 2011.

¹⁰⁸ C. BRAZ, «A mulher no mundo do trabalho», *Rumo Novo Revista católica de Inculturação e Reflexão Pastoral*, Gráfica Fagnani, Beira, 01 (1991), 54.

A força interior e a vontade de querer superar as várias dificuldades que as mulheres enfrentam, estão na sua força de serem agentes de transformação e fonte de vida, apesar de todos os contratemplos, permitindo desta forma, a sua realização. A educação escolar é um dos meios peculiares e necessários para o efeito.

4.3 Grupos de poupança (*xitique*) e pequenos negócios

As irmãs proporcionam ações de formação em matéria de gestão de pequenos negócios, com recurso a pequenos empréstimos, a grupos de poupança que lutam pela igualdade de oportunidades. São grupos formados por mulheres, que se juntam com perseverança e confiança, na esperança de serem respeitadas a sua autonomia e dignidade. No momento em que se juntam com outras mulheres, numa forma de poupança, a chamada *xitique*¹⁰⁹. Com o valor acumulado, elas conseguem ter uma certa independência económica.

É importante sublinhar este aspeto, porque revela que a mulher moçambicana, graças à *xitique*, vai adquirindo, progressivamente, a sua independência económica. Esta dimensão é benéfica, porque permite que ela contribua para a renda familiar e para a realização de alguns sonhos, sem demasiada dependência do marido. Assim se exprime esta mulher do Centro Social Flori:

«Eu faço *xitike* e já fui ao banco abrir a minha conta e assinei. Estou feliz. Agora tenho o meu dinheiro para o meu *caril* na minha conta, com a minha assinatura»¹¹⁰.

Temos visto algumas mulheres que, com base na *xitique*, alcançam patamares impressionantes como construir a própria casa, equipá-la com mobiliário, abrir pequenos negócios e ajudar nos estudos dos seus filhos. Tudo graças à força motivadora do seu empenho, coragem e determinação em favor da vida e do bem-estar dos seus e, consequentemente, da sociedade.

Entendemos que a persistência, a valorização de si própria, sem nunca desistir, são disposições que devem acompanhar a vida das mulheres. Por isso é fundamental e

¹⁰⁹ Forma de poupança realizado por grupos de pessoas, seguindo um sistema rotativo, no fim do qual cada um dos participantes, beneficia da totalidade do valor.

¹¹⁰ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 50.

necessário trabalhar em conjunto como sociedade para reduzir as barreiras, por vezes anacrônicas, entre homens e mulheres no respeitante a dignidade humana.

Há também mulheres *mukeristas*¹¹¹ que apostam num comércio transfronteiriço entre Moçambique, África do Sul e ESwatini, arriscando, por vezes a vida, as barreiras da língua e ultrapassando o preconceito, de que só os homens são feitos para grandes empreendimentos e trabalhos que exigem mais esforço e empenhamento. Escutemos esta humilde heroína:

«Arrisquei ser *mukerista* em África do Sul. A primeira vez fui sozinha de comboio. Não conhecia nada nem ninguém. Perseguiu as outras mulheres e fazia como elas. Até falava o inglês que elas falavam e fazia o câmbio como elas faziam»¹¹².

E esta mulher, lutadora incansável, vai assim gerando vida:

«Fui negociar carvão, mas o preço de venda estava muito baixo e o negócio caiu. Então fui vender capulanas, chinelos e terrinas de louça e andava com tudo à cabeça de um lado para o outro, uma loja ambulante! Fui estudar à noite na escola 9 de Agosto, pois só tinha a 4ª classe também gostaria de melhorar a minha *machamba*»¹¹³.

São elas as geradoras de vida, garantindo o sentido e a existência. As verdadeiras e sacrificadas heroínas do dia a dia trabalhando como ambulantes informais. O importante para as mulheres é mesmo garantir o sustento e a qualidade de vida das suas famílias. Trabalham incansavelmente pelo bem de todos, na transformação das dificuldades em oportunidades, às vezes, arriscando a própria vida, em função da vida dos outros.

A sociedade tende a afirmar a fragilidade das mulheres. Talvez algumas se enquadrem nessa fraqueza, porém, a maioria das nossas «mamãs», são verdadeiras «heroínas». Por essa razão a depressão não faz parte da lista de doenças que afetam o nosso povo, porque há que lutar pela vida, todos os dias. Talvez os estados depressivos afetem os mais abastados, os que têm as condições de vida garantidas.

Algumas mulheres nem sequer têm tempo para pensar em si, porque têm que buscar o sustento para os seus filhos, lutar pela sobrevivência. Por isso, em primeiro lugar, é fundamental que a mulher reconheça o seu valor e interiorize a sua missão de mãe e

¹¹¹ Pessoas que fazem negócio transfronteiriço numa transação comercial.

¹¹² M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 17.

¹¹³ *Ibidem*, 17-18.

trabalhadora. Ela sustentada pela força da coragem e da generosidade, consegue, no cotidiano, humanizar a vida.

4.4. Pastoral da escuta

As Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário, através do Centro Social Flori, têm a oportunidade de acompanhar o progresso e as conquistas das mulheres da zona e de estimulá-las para não desistirem dos seus sonhos. Para a concretização de algumas ações, incentivamos e escutamos as mulheres que lutam e desejam transformar as suas vidas, através da educação ou do empreendedorismo.

Parece haver um entendimento cultural de um certo pré determinismo, pois criou-se uma estrutura mental, social e coletiva de que a mulher está destinada e condicionada a fins domésticos. Contudo, quando o modelo tende a entrar em crise, surgem os conflitos e a tendência para a marginalização da mulher, cresce. Por exemplo, se uma mulher tenta sair do anonimato e sobressair, ocupando um lugar de destaque, muitas vezes não é bem vista, como partilha uma mulher do Centro Social Flori:

«Apesar do meu pai e do meu marido me terem negado as oportunidades de estudo, eu nunca desisti da escola e as Irmãs sabem disso e também da minha coragem e muito trabalho. Eu sonho em aumentar os meus conhecimentos. Quero saber sempre mais e apanhar outro e melhor emprego»¹¹⁴.

Algumas mulheres lutam e esforçam-se para serem elas mesmas, passando o «traço contínuo» cultural que não as permitiu frequentar a escola. Numa das tantas conversas que tivemos com algumas mulheres, uma contava-nos a sua experiência de como superou o preconceito e a carga da tradição cultural.

Esta mulher, já casada com filhos e marido, queria aumentar o seu nível escolar, mas o marido não consentia, chegando ao ponto de desfazer os seus livros e cadernos, como forma de a proibir de prosseguir com os estudos. Mas ela não desistiu, seguiu em frente. Não foi tarefa fácil, mas hoje é funcionária numa instituição bancária. Como fundamenta Filipa Baltazar a cerca da superação das mulheres:

¹¹⁴ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 74.

«Algumas mulheres já estão conscientes da marginalização, humilhação a que são submetidas, conseqüentemente abrem-se-lhes horizontes mais amplos, adquirem valores novos, educam-se com base nos conhecimentos positivos adquiridos na família»¹¹⁵.

Apresentamos outro testemunho positivo de quem conseguiu uma escolarização, que lhe concedeu oportunidade de ser colocada a trabalhar, também, num banco. A família, isto é, a mãe e os irmãos, não viam com bons olhos o «progresso» da filha, da irmã. Uma mulher bancária, com um carro e uma boa casa... não podiam entender. Resolveram acusá-la de feiticeira, porque uma mulher na conceção patriarcal não podia chegar àquele nível ou patamar socioeconómico.

A procriação e o cuidado doméstico têm relevância para as mulheres que optaram pelo matrimónio. Porém, algumas sentem o dever de se dedicarem na «luta» pela vida e subsistência da família, independentemente do trabalho que realizam, seja profissional ou informal. O fundamental para elas é serem portadoras e promotoras de vida.

A família da mulher acima referenciada resolveu consultar a AMETRAMO¹¹⁶, para perceber a origem daquela «desgraça». Embora atualmente se verifique uma certa deturpação, falsidade e oportunismo nesta área, todavia, aquele verdadeiro médico tradicional não encontrou motivos, nem suspeita de «feitiço» naquela mulher. Ela saiu ilibada da culpa, perpetrada pela própria família, só porque conseguiu vencer os limites de uma tradição marcadamente masculina e tradicional, apenas por ser uma bancária. Esta mulher com o seu grau de formação profissional e a vontade férrea de ter uma vida diferente, vista desde o estilo de vida da modernidade, entrou no mundo do trabalho em pé de igualdade com os homens. A família entendeu como que se de um desafio se tratasse.

A mulher ficou viúva e criou os seus filhos, sozinha. Inclusivamente foi ela quem cuidou da sua mãe, trazendo-a para a própria casa, porque esta se encontrava fragilizada e doente. Foi a única que cuidou da mãe, os irmãos não o fizeram. Não há homenagem, nem dinheiro que pague, a coragem, a força interior e a autodeterminação desta mulher.

Manuel Bernardo refere que, no sistema patriarcal, é o homem quem dita o que é a justiça e o direito, delineando a sociedade através das instituições concretas numa

¹¹⁵ F. BALTAZAR, «Mulher em situação difícil e a sua Educação no Desenvolvimento», in A. AFONSO (coord.), *Eu Mulher em Moçambique*, 63.

¹¹⁶ Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique.

sociedade predominantemente masculina, feita à sua imagem, uma vez que o varão é a norma universal, quer para o homem quer para a mulher¹¹⁷.

A mulher, no entender da sociedade patrilinear, como é o caso do sul de Moçambique, deve, por exemplo, continuar a ser mal remunerada, independentemente da qualidade do seu «saber fazer» e da sua competência laboral, pelo simples fato de ser mulher. É, por isso, que as mulheres normalmente são menos contratadas e mal pagas, pois parecem enfraquecer a «imagem» de uma sociedade masculina e dominadora.

Algumas mulheres são deixadas à sua sorte, contudo não desistem de viver e de lutar, contando com o auxílio das Missionárias Dominicanas, como é o caso desta mulher que enfrentou vários desafios para conseguir um trabalho decente:

«Fui trabalhar para a barraca, mesmo doente, com muitos caroços no pescoço. Depois fui despedida e já ninguém me empregava porque tinha muitos caroços. Até que fiz testes e comprovou-se: SIDA. Novamente na rua, uma amiga aconselhou-me a pedir ajuda às irmãs. Elas deram-me apoio, ajudaram-me a fazer o tratamento e confiaram em mim. Deram-me microfinanciamento que me permitirá iniciar um curso de cabeleireira e posteriormente um salão. Agora só quero ser cabeleireira e trançar os meus próprios caminhos»¹¹⁸.

Todo o esforço e desgaste das mulheres acontece porque têm um desejo: vencer as complicações que a vida lhes apresenta, serem elas próprias. O sonho de ter casa própria, construída na base da valentia e do empenho, embora isso possa significar dormir menos e sacrificar também o sono e os filhos. Não são elas umas verdadeiras guerreiras?

Encoraja-nos a música, na voz do cantor Robert Nesta Marley, mais conhecido como Bob Marley, um dos maiores cantores, guitarristas e compositores jamaicanos de todos os tempos. No seu álbum de 1979, o conceituado cantor de *reggae*, numa canção faz uma espécie de homenagem às mulheres cantando: «*No woman no cry*»¹¹⁹ (Não mulher não chore) e continua, «então enxugue suas lágrimas», lembrando-se de todas as coisas e momentos bons que passara com a sua irmã. Este estímulo do cantor parece fazer sentido para muitas mulheres. Reparemos nesta mulher ao declarar:

¹¹⁷ Cf. M. BERNARDO, *A mulher na sociedade e na Igreja*, 18.

¹¹⁸ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 114.

¹¹⁹ Cf. B. MARLEY, *No woman no cry*, [https://www.youtube.com/watch?v=m9LjIbPjIVTA &list=RDm9LjIbPjIVTA&start_radio=1&t=11&t=11](https://www.youtube.com/watch?v=m9LjIbPjIVTA&list=RDm9LjIbPjIVTA&start_radio=1&t=11&t=11). Consultado a 2-11-2020 às 16 h.

«Nunca mais estudei, porque o meu marido negou. Às vezes ele bate-me, quando está bêbado. Às vezes não. Pelo sofrimento que passamos do lado de trás, ele não podia vir fazer-me isso e na presença dos filhos, a vida é que me obriga a dar coragem»¹²⁰.

O cantor incentiva as mulheres a seguirem os seus sonhos, a acreditarem em si, numa vida melhor e por que não diferente? Chega de lamentos mulher, anima o cantor, arregaça as mangas e segue em frente, porque tu és capaz. Empenha-te, olha para o caminho com esperança e coragem, como te é característico, não te resignes no pessimismo da vida, caminha em direção ao futuro.

Como nos relata Marcos¹²¹, no episódio do encontro de Jesus com a mulher hemorroíssa, ao procurar tocar a orla da capa de Jesus de forma tímida e acabrunhada. Porém, a coragem da mulher hemorroíssa fez com que enfrentasse a multidão e o prejuízo social em prol da cura, da vida.

Numa das muitas «confissões» que temos escutado, uma mulher com os seus sessenta anos, desgastada pelo trabalho diário no cultivo do campo, partilhava connosco a preocupação em relação ao seu casamento. Pedia-nos para que conversássemos com o seu marido, porque não conseguia satisfazer o marido sexualmente, devido ao cansaço da jornada diária aliada à sua idade. Suplicava às irmãs para que sensibilizássemos o seu marido, no sentido de a poder compreender e respeitar.

Temos aqui o exemplo de uma mulher que se sente «obrigada» a satisfazer os instintos do seu marido, mesmo cansada e esgotada pelas tarefas da jornada. Sente-se violentada. Vê-se desrespeitada na sua integridade de mulher e de mãe. Desabafa, implorando ajuda pela sua dignidade ferida, sinal de que no seu entendimento, experimenta a necessidade de ser valorizada e estimada como mulher e ser humano. Por isso ganhou coragem e pediu apoio.

As mulheres são motivadoras de vida em todos os sentidos, apesar da forte tradição cultural que as quer manter domésticas, esta realidade parece ser transversal em muitas culturas, ontem e hoje¹²².

Afinal, o que conta? Somente o prazer ou a dignidade da pessoa humana? Infelizmente, muitas vezes prevalece o autoritarismo e o domínio masculino, que tende a

¹²⁰ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 65.

¹²¹ Cf. Mc. 5, 27.

¹²² Cf. M. BERNARDO, *A mulher na sociedade e na Igreja*, 43-45.

encurrular a mulher numa posição de impotência. Esta mulher demonstrou não conseguir tolerar mais a atitude de submissão total ao marido, porque sente que merece consideração e apreço por parte do seu esposo.

Trazemos também outro exemplo elucidativo, duma mãe do Centro Social Flori:

«Mas eu já estava no meu segundo lar e o meu marido não aceitou. Teve ciúmes. Repetiu-se a proibição do meu pai, há anos atrás e fugiu uma segunda oportunidade de eu voltar à escola. Agora o meu marido já não nega os meus pedidos. Já fui a Quelimane e Milange com as irmãs, mas continuo-lhe submissa. Ainda não sou capaz de só informá-lo do que vou fazer ou para onde vou. Continuo a estar a pedir»¹²³.

Adverte-nos, na mesma linha, France Quéré:

«Este reformular começa não pela cultura, mas pela natureza que merece correção. Se em primeiro lugar não se garantir à mulher a sua independência física, toda a reforma ulterior será vã. É preciso, antes de tudo, que ela conquiste a liberdade do corpo, da qual o homem desfruta»¹²⁴.

Para ultrapassar esses obstáculos é necessário investir na formação da mulher no âmbito educacional, para poder avançar na equidade do género, promovendo assim, a igualdade de oportunidades, identificando sinergias capazes de contribuir e melhorar o desempenho e a participação da mulher, em diversos espaços sociais.

O que deve prevalecer é o fato de sermos seres humanos, «sem vencedores e sem vencidos», numa atitude de respeito e compreensão pelo ser do outro. As diferenças biológicas do nosso sexo não podem diminuir nem anular, em circunstância alguma, a honradez da nossa humanidade, em que todos nos reconhecemos como Sua imagem no amor.

Podemos concluir afirmando que são cada vez mais as mulheres que já tomaram consciência de que todos, homens e mulheres, têm igual dignidade e são dignos de realização. Nós, as Missionárias Dominicanas, consideramos que a dignidade da pessoa humana é transversal a toda a nossa ação evangelizadora, isso implica um respeito sagrado pela pessoa humana, o qual deve prevalecer independentemente da condição sexuada.

¹²³ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 74.

¹²⁴ F. QUÉRÉ, *Mulher, ela mesma*, Edições Paulinas, São Paulo, 1987, 45.

CAPÍTULO III

AÇÃO PASTORAL COMO PROMOÇÃO DA MULHER EM MOÇAMBIQUE

No presente capítulo, procuramos identificar o lugar e a missão das mulheres nas nossas comunidades cristãs, através da ação pastoral. Num primeiro momento abordaremos de forma breve exemplos de vida de algumas mulheres que, ao longo da história do cristianismo, nos inspiram com o seu testemunho de vida, onde se incluem mulheres que frutificaram África com o seu martírio, entre elas quatro mártires da nossa Congregação, no Congo, e um grupo de catequistas do Guíua em Inhambane.

Apresentamos também a voz profética de Catarina de Sena no seio da Igreja. E, por último, destacaremos o sentido da ministerialidade da Igreja em Moçambique, depois do Concílio Vaticano II. Destacaremos particularmente a fundação de algumas comunidades cristãs, com o contributo dos missionários na formação dos leigos, onde se destaca a preciosa colaboração das mulheres, com a dimensão da *koinonia* em diferentes ministérios.

1. Mulheres cristãs que nos inspiram pelo seu testemunho de doação

1.1. Martírio de mulheres cristãs e catequistas

Inúmeras mulheres cristãs deixaram-nos exemplo de vida ao serviço da Boa Notícia. Algumas delas datam dos primeiros séculos do cristianismo e outras da era contemporânea. A vontade de Deus e o amor a Ele e ao próximo, fizeram dessas mulheres crentes, sinal de inspiração para quem deseja seguir Cristo. São uma fonte de admiração,

inspiração e entrega, pois deram-se sem medida pela causa do Evangelho. Como alude Fernando Rivas, ao falar das mártires dos séculos II e III:

«Por último, tanto em Blandina como em Perpétua e Felicidade, encontramos-nos perante uns testemunhos excepcionais de até onde pode chegar o acompanhamento de Jesus por parte das mulheres, dispostas a mostrar, não só com o seu corpo, mas com as suas opções e compromissos, a seriedade deste acompanhamento, que levaram até ao fim, ou melhor até ao final. Desta forma converteram-se em exemplo (modelo) a imitar pelas gerações posteriores, que verão nelas um modo particularmente significativo de viver o cristianismo»¹²⁵.

A vocação e missão de todo o cristão, e em particular da mulher, é a de germinar sementes de vida, viver o mandamento do amor. Assim o fizeram as primeiras mártires do cristianismo, numa disponibilidade sem igual, para servir o Senhor no próximo, com vista a uma transformação social e interior, de pessoas que tiveram o privilégio de as conhecer como modelos de vida a seguir.

Na nossa Congregação, temos igualmente exemplo de mártires, em pleno século XX. Quatro irmãs espanholas: María Justa, Maria del Buen Consejo, María Cándida e María Olimpia, que deram a vida pela causa dos que mais precisam. Identificaram Deus nos mais pobres, na vocação que abraçaram ao pertencerem às MDR. Foram enviadas para a missão de Stanleyville, no Congo, hoje República Democrática de Congo¹²⁶.

Nos anos sessenta, o país vivia momentos de grande confusão. Instalou-se uma complexa realidade política e social, logo após a declaração da independência do país. As irmãs passaram por muitos desafios, necessidades e, com os poucos recursos que tinham como enfermeiras, cuidavam dos doentes no hospital da região, numa entrega radical a favor dos mais necessitados. Um grupo de rebeldes, denominado por *simbas*¹²⁷, atacou a missão. Contudo, as irmãs não abandonaram a sua missão, que era a de cuidar dos feridos e doentes. Diziam elas:

«Nosso caminho é de Deus. Se temos que morrer, morremos, mas não podemos abandonar a missão»¹²⁸.

¹²⁵ F. RIVAS, *Desterradas hijas de Eva. Protagonismo y marginación de la mujer en el cristianismo primitivo*, San Pablo, Madrid, 2008.

¹²⁶ Cf. N. CAMPIÓN, *Una entrega a todo riesgo. Folletos Testimonio I*, MDR, Madrid, [s.d.], 50-62.

¹²⁷ Era um grupo de rebeldes da República Democrática do Congo, que provocou uma rebelião que começou em 1964, em resultado de alegações de abusos por parte do governo congolês, liderados por Pierre Mulele, Soumiatol Gaston e Christophe Gbenye.

¹²⁸ *Nuestras Mártires del Congo*, [https:// www. Hnasmdr.org/martires/](https://www.Hnasmdr.org/martires/). Consultado a 26-05-2020 às 18.00h.

No dia 25 de novembro de 1964, os rebeldes entraram novamente na missão. Depois de tanta humilhação, os missionários, entre eles, as nossas quatro irmãs foram obrigadas a alinhar junto à parede: mulheres de um lado e homens de outro. Em seguida, abriram fogo, disparando contra todos indiscriminadamente¹²⁹. Os que não morreram foram decapitados, como foi o caso da irmã María Olimpia. As nossas irmãs deram testemunho do amor de Deus e o seu sangue fortificou e fertilizou África. Hoje, continuamos, ainda que no meio de tantas adversidades, o legado que nos deixaram: ser sinal e presença de Deus para os nossos povos, sobretudo para os mais vulneráveis.

Trazemos, de igual modo, o testemunho do martírio cristão do nosso tempo em Moçambique. Depois da guerra colonial, que terminou com a Revolução do 25 de abril, poucos anos depois, iniciou-se uma guerra civil em Moçambique, que teve a duração de dezasseis anos. Esta guerra afetou e destruiu muitas infraestruturas e especialmente a vida da nossa população. A guerra nunca traz benefícios, só sentimento de dor, de angústia e consequências desoladoras, principalmente para quem viveu na carne os horrores de uma guerra injusta, fratricida e desumana¹³⁰.

Existe na Diocese de Inhambane, um Centro Catequético na localidade de Guiúia, que tem como objetivo proporcionar um espaço de formação para os agentes de pastoral, leigos provenientes de várias zonas e missões da Diocese. Num curso de longa duração participam, com as suas famílias, grupos de catequistas e de leigos comprometidos nas comunidades cristãs, para que, quando regressem às suas comunidades de origem, acompanhem e dinamizem as atividades pastorais das suas comunidades.

Numa noite fatídica, a 22 de março de 1992, um grupo armado, assaltou o Centro e foram barbaramente assassinados vinte e três moçambicanos, homens e mulheres, catequistas com os seus filhos¹³¹.

Queremos salientar o testemunho de fé de todos os mártires que perderam a vida naquela terrível noite, mas, em particular, queremos destacar a fé de Luísa Mafo, uma

¹²⁹ Cf. N. CAMPÍON, *Una entrega a todo riesgo. Folletos Testemunio 1*, 50-56.

¹³⁰ Cf. M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 Anos de presença em Moçambique*, 111-113.

¹³¹ Cf. CENTRO DE PROMOÇÃO HUMANA DE GUIÚIA, *Quem são os catequistas mártires do Guiúia*. [https:// www.centroguiua.com](https://www.centroguiua.com). Consultado a 01-11-2019 às 19.00h.

mulher que nasceu em Moduça, distrito de Massinga, uma das mártires daquela noite. Segundo dizem, alguns testemunhos:

«Luísa era humilde, muito simples. Foi mãe educadora nos bons costumes, na fé cristã e no zelo apostólico [...] foi catequista dedicada na sua comunidade de Kofi e membro da comissão paroquial de Leigos e Família. Mulher forte na oração, acompanhava assiduamente os membros da sua comunidade nos momentos de maior sofrimento, procurando proporcionar-lhes a consolação do Evangelho e apontando-lhes o caminho de Deus»¹³².

A catequista Luísa foi raptada e morta a golpes de baioneta, na companhia do seu filho e neto, que estavam com ela a participar na formação no Centro de Guiúá. Antes da sua morte, segundo algumas pessoas, já revelava «fama» de santidade. Alguns testemunhos relatam que ela demonstrava algo de especial e particular, aquela simples mulher do povo.

A Diocese de Inhambane e a Igreja de Moçambique propõem-na, e a seus companheiros mártires, como modelo de vida cristã, e estão no processo de Beatificação e Canonização. O povo de Deus da Diocese de Inhambane venera-os já como intercessores, «santos» e exemplo a seguir, por causa da sua fé. Eles revelaram ter um impressionante zelo apostólico e compromisso com a causa do Evangelho de Jesus Cristo.

Além destas mulheres mártires, temos o paradigma de tantas outras mulheres, que ao longo da história da humanidade, desabrocharam sementes de vida. Algumas foram «reconhecidas» e outras ficaram e permanecem no esquecimento.

1.2. Mulheres de Fé que congregam

Trazemos para a nossa consideração o exemplo de uma mulher do século XIV, mulher com letra grande, proclamada Doutora da Igreja, pelo Papa Paulo VI, no dia 4 de outubro de 1970¹³³: Catarina de Sena. Mulher iletrada, como a grande maioria das pessoas

¹³² CENTRO DE PROMOÇÃO HUMANA DE GUIÚÁ, *Quem são os catequistas mártires do Guiúá*.

¹³³ Cf. Proclamação de Santa Catarina de Sena a Doutora da Igreja. *Homilia de Paulo VI*, 4 de outubro de 1970, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19701003.pdf. Consultado a 28-12-2020 às 15. 40 h.

da sua época, embora mais tarde, segundo os testemunhos da sua vida, viesse a aprender a ler e a escrever. Como nos revela o prefácio do tradutor no livro, «O Diálogo»:

«Como se vê, foi uma atividade epistolar fantástica para uma jovem de 20-30 anos, que só aprendeu a escrever nos últimos dias de sua vida, e que viveu em tempos nos quais os meios de comunicação eram rudimentares»¹³⁴.

Catarina de Sena chegou a ter um conhecimento muito profundo das coisas de Deus. Viveu a experiência de Deus num compromisso com a história do seu tempo. Para ela, não importava o grau de literacia, mas sim, a capacidade de se colocar no lugar do próximo, comungar da sua sorte e trazer à verdade de Deus, homens e mulheres do seu tempo. E fê-lo com garra e firmeza, no impulso de se dar aos outros, sem medida.

Podemos dizer que a sua ação, dentro e fora da Igreja, teve o seu epicentro na grande pergunta existencial: Para quem sou eu? Questionamento dela e de todo o ser humano. Por isso, entregou-se sem reservas, deu-se totalmente aos outros, como «porta-voz» de Deus, no período em que lhe tocou viver. Ela foi, e será, verdadeiramente, mãe da humanidade e modelo de uma mulher incansável e lutadora, pelo bem da Igreja e da sociedade.

Como boa dominicana, rompeu com todos os esquemas e preconceitos da época, ao denunciar os atropelos perpetrados por membros da Igreja que aderiam às grandes comodidades, esquecendo-se do verdadeiro sentido do Evangelho ao serviço do próximo. Catarina apelou e conseguiu que o Papa Gregório XI deixasse Avinhão e regressasse a Roma e a uma vida evangélica. Fê-lo ao escrever, dando conselhos e advertências. Também, foi promotora de paz entre reis, príncipes, rainhas e imperadores¹³⁵.

¹³⁴ C. SENA, *O Diálogo*, Edições Paulinas, São Paulo, 1984, 2ª edição, 8.

¹³⁵ Cf. S. UNDSET, *Grandes Biografias, Catarina de Sena*, Editorial Aster, Lisboa, [s.a.], 129-161.

2. O sentido da ministerialidade da Igreja em Moçambique

2.1 *Ecos do Concílio Vaticano II em Moçambique*

As interpelações e recomendações do Concílio Vaticano II fizeram-se sentir em todas as regiões do mundo e nas Igrejas particulares, e não tardaram a chegar também a África. Os Bispos de Moçambique, impelidos e animados pelo Espírito Santo e pelo espírito do Concílio, reuniram-se para dar seguimento ao apelo conciliar e traçar as diretrizes e as linhas que norteiem a vida da Igreja, sobretudo nos caminhos da pastoral.

Para isso, realizou-se no ano de 1977, na cidade da Beira, centro do país, a Primeira Assembleia Nacional de Pastoral¹³⁶. Esta teve um sabor especial, porque estávamos a viver, a nível político e social, a frescura e os ânimos da Independência Nacional, celebrada em junho de 1975. Com maior razão, a Igreja em Moçambique, sentiu a necessidade de delinear, organizar e projetar as atividades e as linhas pastorais nas comunidades cristãs. As atas desta assembleia referem, no capítulo que diz respeito à comunidade, no ponto 3, a seguinte observação:

«O caminho que fomos chamados a percorrer compromete-nos na construção de comunidades em que se manifesta:

- a comum dignidade na diversidade de serviços; (cf. LG32)
- o empenho e corresponsabilidade de todos os membros;
- a Eucaristia, como centro e fonte da vida da comunidade;
- a abertura a todos os homens, sem discriminação»¹³⁷.

Estamos no capítulo em que se enfatiza a comum dignidade, entre todos os membros pertencentes a uma determinada comunidade, o sentido e o valor da corresponsabilidade. Todos somos chamados a ser membros ativos, em diferentes serviços ou ministérios na Igreja.

Em Moçambique, nas nossas paróquias e comunidades, as mulheres ocupam um lugar fundamental e necessário, como parte do povo de Deus. Aliás, como sustenta a Constituição Dogmática *Lumen Gentium (LG)*, no seu capítulo II, acerca do povo de Deus:

¹³⁶ Cf. ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE DA BEIRA, *I Assembleia Nacional de Pastoral*, Beira, 1977.

¹³⁷ *Ibidem*, 1-2.

«O povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo, difundindo o seu testemunho vivo, sobretudo pela vida de fé e de caridade oferecendo a Deus o sacrifício de louvor, fruto dos lábios que confessam o seu nome»¹³⁸.

Portanto, todos os fiéis participam do testemunho vivo da Palavra proclamada e recebida, quando se reúnem em volta da sua mesa. Nesta perspectiva, o cristianismo está presente no coração daqueles que creem em Jesus Cristo, o Filho de Deus. Por isso, somos chamados e impelidos a dar razões da nossa fé e esperança. É missão de todos os batizados: homens e mulheres. O livro dos Atos dos Apóstolos é muito claro nesse aspeto:

«Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e a Samaria, e até os confins da terra»¹³⁹.

Todo o cristão é enviado a ser testemunho do amor e do bem, onde quer que se encontre, a fazer conhecer Jesus, através de pequenos ou grandes sinais de caridade, transformados em gestos de humanização para todos os povos. Somos como alude Francisco uma «Igreja de portas abertas». Uma Igreja sem fronteiras que deseja que todos, e cada um, se sinta verdadeiramente acolhido e preferido, como filho amado de Deus. Onde todos se sintam parte integrante e necessária, numa dinâmica colaborativa e fecunda, com sentido de corresponsabilidade, tendo em consideração a diversidade de dons e de carismas, como sinal enriquecedor para a nossa Igreja.

2.2. Necessidade de uma evangelização participativa

Segundo a Exortação Apostólica pós-sinodal *Ecclesia in África*¹⁴⁰, a Igreja em África reitera a missão evangelizadora no continente. Focando-se na dimensão da corresponsabilidade, no compromisso de testemunhar Cristo, na sociedade africana e na edificação do Reino de Deus, onde cada membro da comunidade possa ser sinal de esperança e de fraternidade, na vivência da fé.

¹³⁸ Cf. CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, *Constituição dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1976, 7ª Edição, nº 12, 69.

¹³⁹ At. 1, 8.

¹⁴⁰ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal «Ecclesia in Africa», sobre a Igreja em África e sua Missão Evangelizadora, Rumo ao Ano 2000*, Rei dos Livros, Lisboa, 1995.

Num continente dilacerado pela pobreza, fome, doenças e guerras intermináveis, requer-se o envolvimento de todo fiel povo de Deus, onde estão incluídas as mulheres. Somos parte do rebanho. Os padres sinodais advertem o seguinte:

«Um dos sinais típicos da nossa época é a crescente tomada de consciência da dignidade da mulher e do seu papel específico na Igreja e na sociedade em geral [...] os seus direitos e deveres relativamente à plena participação no desenvolvimento da Igreja e da sociedade foram vigorosamente salientados»¹⁴¹.

Entendemos que os Padres, reunidos em Sínodo, tomaram maior consciência da dimensão da *Koinonia* (participação) na comunhão. Portanto, o mandato de Jesus «Ide por todo o mundo e anunciai a Boa Nova»¹⁴², é destinado a todos os batizados (homens e mulheres). Todos somos chamados a ser sinais vivos da mensagem cristã, na participação fecunda de cada membro, respeitando a particularidade e a diversidade de dons, como nos relata a carta de Paulo à comunidade de Coríntios:

«Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos»¹⁴³.

Na mentalidade judaico-cristã, as mulheres deviam estar à distância dos acontecimentos fundamentais, pelo simples facto de serem mulheres. Paulo apela ao exercício e à participação de todos nos diversos ministérios da comunidade. Hoje, o Magistério ensina e reconhece esta diversidade de dons, de todos, homens e mulheres.

3. Contributo das MDR na dinamização e formação de comunidades cristãs

Como seguidoras de Jesus, e trilhando o caminho e o ideal dos nossos Fundadores, que há cem anos atrás iniciaram com um pequeno grupo de mulheres na selva amazónica, um projeto de evangelização, em Moçambique, a Congregação das MDR continua a lançar a «Semente do Reino», em fidelidade criativa ao Carisma, no meio dos sem vez nem voz. Dia após dia, buscam a frescura e os sinais do Evangelho, numa sociedade

¹⁴¹ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal «Ecclesia in Africa», sobre a Igreja em África e sua Missão Evangelizadora, Rumo ao Ano 2000*, 130.

¹⁴² Mc. 16,15-16.

¹⁴³ 1Cor. 12, 4- 7.

confrontada por grandes assimetrias a vários níveis. Acerca disso comenta a nossa irmã Maria Auxiliadora Hernández:

«Queremos recordar aquilo que o Senhor nos permitiu e permite realizar entre os povos *nandja, txuabo, tswa e ronga*, a quem amamos profundamente, porque tentamos viver com eles e eles connosco, os valores evangélicos. E o Evangelho de Jesus Cristo vivido, é a história que sempre se torna atual. É simplesmente, vida»¹⁴⁴.

Desde a chegada das primeiras irmãs a Moçambique, estivemos sempre presentes na vida do povo e inseridas nas comunidades cristãs das periferias e das zonas rurais. As irmãs, desde o primeiro momento, acompanharam com muita dedicação, a formação dos agentes de pastoral, orientando os cursos de catequistas, animadores das comunidades e animadores da Palavra. Ajudaram, inclusivamente, no surgimento e formação de algumas comunidades cristãs.

Nas linhas que se seguem, iremos refletir sobre a missão de pastoral que as mulheres têm realizado, no passado e no presente, augurando e perspetivando a continuidade da mesma no futuro. De que modo germinam sementes de vida, ou ainda, como se sentem chamadas a promover a vida, comprometidas com o Deus da existência?

3.1. Fundação das comunidades: Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário

Nas primeiras comunidades cristãs as mulheres tinham um papel muito relevante. Recordemos o destaque e o testemunho de algumas mulheres que aderiram à fé cristã, no livro dos Atos dos Apóstolos, certamente que havia muitas, mas é mencionada uma em particular, a Lídia:

«Sentados, começamos a falar às mulheres que se tinham reunido. Uma delas chamada Lídia, negociante de púrpura da cidade de Tiatira, e adoradora de Deus, escutava-nos»¹⁴⁵.

Esta mulher converteu-se ao Deus vivo, seguindo as pegadas do apóstolo das gentes. A Palavra pregada por Paulo foi recebida com fé e entusiasmo por ela e por muitos

¹⁴⁴ M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 anos de presença em Moçambique*, 14.

¹⁴⁵ At. 16, 13-14.

outros, tanto homens como mulheres. Mas Lúdia é referenciada particularmente pelo nome, possivelmente pela importância que teve na comunidade doméstica. Ela mostra ter assumido o papel de liderança e de impulsionadora na igreja familiar e na expansão da fé cristã.

Tal como Lúdia, que disponibilizou a sua casa, lugar de reunião para a escuta da Palavra, muitas mulheres em Moçambique também, na atualidade, desempenham um papel importante na organização, participação e animação da vida das comunidades.

As mulheres, desde os primórdios, estão conscientes da sua missão. Recordemos o episódio do nascimento de Moisés. Na verdade, dá-se muito relevo à figura de Moisés, personagem importantíssima na história de salvação de Israel. Deus interveio para proteger o menino, porém, foi por intermédio das mulheres que a criança foi salva. Elas ficaram na «retaguarda», mas arriscaram tudo, inventaram e engendraram formas de salvar a criança: «A mulher recebeu a criança e a criou»¹⁴⁶.

O «poder», a capacidade interior e a iniciativa daquelas mulheres, foram decisivas para o futuro de uma nação: Israel. Elas puseram em marcha toda a criatividade, para poderem defender a criança, que veio a tornar-se o libertador do povo. Foi salvo das águas, por Deus, através da intervenção e instinto maternal, a favor da existência. Foram elas as grandes medianeiras e geradoras de vida.

Acreditamos estar perante protagonistas diferentes, mas com igual dignidade, sem competição e sem exaltação de um, em detrimento de outras. Encontramos diferentes campos de ação, mas com uma missão comum: sermos «filhos no Filho». Cada um com a sua especificidade, singularidade e criatividade. Amador dos Anjos, quando fala sobre Jesus e a dignificação da mulher, expressa-se desta forma:

«O princípio da igualdade radical do homem e da mulher, como pessoas, era de molde a transformar as diversas estruturas sociais vigentes, em que essa igualdade estava longe de ser reconhecida. Mas tal transformação, como todas as transformações pacíficas, foi lenta e podemos dizer que ainda vai a caminho»¹⁴⁷.

Guardamos na memória o empenho e entusiasmo de muitas mulheres, em diversos ministérios pastorais, por isso podemos afirmar que na nossa realidade moçambicana, o reconhecimento do papel da mulher na Igreja, já iniciou nas nossas comunidades.

¹⁴⁶ Ex. 2, 1-10.

¹⁴⁷ A. ANJOS, *S. Paulo e a Condição da Mulher. Um desafio à Igreja de hoje*, Edições Salesianas, Porto, 1990, 19.

Queremos destacar a participação de algumas mulheres na fundação da comunidade do Divino Espírito Santo, na Arquidiocese de Maputo, no bairro de Laulane. Esta comunidade deu os seus primeiros passos debaixo de uma árvore, em casa da «vovó Luísa», como carinhosamente era chamada. Ela tinha cedido um pequeno espaço, no seu quintal, para que as pessoas se pudessem reunir para escutar a Palavra do Senhor, tal como a Lídia de Tiatira. A «vovó Luísa», juntamente com a avó Aurora, foram verdadeiros alicerces nos começos da comunidade do Divino Espírito Santo. Mulheres incansáveis, perseverantes e de oração, que contavam com o apoio das Missionárias Dominicanas do Rosário, na pessoa da irmã Teresa Eguillor, que participava na pastoral das comunidades.

Do mesmo modo nasceu no bairro, a Comunidade de Nossa Senhora do Rosário, com objetivo de encurtar as distâncias e facilitar o acesso dos crentes mais idosos. Esta comunidade deu os primeiros passos no quintal do senhor Alfredo, com um número insignificante de pessoas, com o apoio das irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário, na pessoa das noviças Idalina Filipe e Manuela Francisco. As irmãs apoiavam e dinamizavam a pastoral da pequena comunidade, essencialmente nos grupos de catequese e na celebração da Palavra, porque ainda não havia pessoas preparadas ou casadas pela Igreja para realizarem esses serviços.

A semente caída na boa terra foi dando fruto. O senhor Alfredo aceitou ser o coordenador da comunidade e a avó Jacinta adjunta coordenadora. Como o número de crentes ia aumentando, e porque nos dias de chuva era uma complicação rezar ao relento, o senhor Alfredo cedeu no seu quintal, um espaço para a construção de uma pequena barraca de caniço, que servisse de capela, para albergar os fiéis que, aos poucos, iam aumentando consideravelmente. Testemunha a nossa irmã Idalina:

«Nos primeiros grupos de catequese éramos todos catequistas (mulheres). Mais tarde, juntaram-se a nós alguns homens e jovens para nos ajudarem na catequese»¹⁴⁸.

A comunidade foi batizada com o nome de Nossa Senhora do Rosário, em reconhecimento pelo trabalho e dedicação das irmãs MDR. A semente continuou a espalhar o «pólen» e a novidade do Evangelho. Atualmente é uma paróquia muito grande e ativa e conta com muitos cristãos, inclusive religiosas e presbíteros, filhos desta

¹⁴⁸ Depoimento de Ir. Idalina Filipe, Lisboa, Janeiro, 2020.

comunidade. Um dos presbíteros foi catequizando da irmã Idalina Filipe, na altura. Eis o testemunho das irmãs:

«É de salientar que algumas destas comunidades foram conservadas pela coragem e valentia das mulheres. [...] E, pouco a pouco, isto deu origem a um lento crescimento de fiéis que se iam reintegrando progressivamente nas comunidades»¹⁴⁹.

Aquela e outras comunidades, que foram surgindo nesta zona, tinham como objetivo encurtar a distância e congregar mais os crentes. Por outro lado, a fé, a entrega e a dedicação daquelas mulheres, e o crescimento exponencial da população nas periferias da cidade de Maputo, contribuíram para o surgimento de novas comunidades.

3.2. Animação das comunidades cristãs, pelas MDR e padres do IEME na formação dos leigos

Após a independência de Moçambique, e com o objetivo de dinamizar as comunidades cristãs e dar a conhecer Jesus nas periferias, deu-se um novo dinamismo na Igreja moçambicana, como referimos anteriormente. A zona do bairro das Mahotas, começou a contar com a colaboração dos missionários na pastoral, primeiro com os padres Sacramentinos e mais tarde com as MDR e dos padres do IEME (Instituto Espanhola de Missões Estrangeiras) que, desde o princípio, partilharam as dificuldades e alegrias com este povo.

A presença dos missionários não se fazia sentir todos os domingos, porque eram muitas as comunidades e poucos os presbíteros. Por isso, houve a necessidade de investir na formação dos agentes da pastoral, para que pudessem na sua ausência, continuar com a vida e atividades nas comunidades, em diversos ministérios tais como: a celebração da Palavra, a liturgia e a catequese. Fazem memória as atas da comunidade das irmãs:

«Nós fomos acompanhando o crescimento destas pequenas comunidades cristãs e participando na sua vida [...] estivemos atentas para não substituir os leigos em nenhum momento, antes pelo contrário, procuramos reforçar o seu compromisso cristão através da formação»¹⁵⁰.

¹⁴⁹ M. HERNÁNDEZ, *Memória Histórica - 50 anos de presença em Moçambique*, 124.

¹⁵⁰ *Ibidem*, 126.

Desde os começos tivemos, nestas comunidades, uma presença significativa e responsável de mulheres, como animadoras e presidentes da Palavra, isto é, na ausência dos missionários. As pessoas preparadas, tanto homens como mulheres, orientavam a celebração da Palavra e o ministro/a extraordinário da Comunhão, distribuía a Sagrada Comunhão aos batizados, que estivessem devidamente preparados.

Algumas mulheres assumiram o ministério de animadoras das comunidades, como servidoras da Palavra de Deus. Não foi tarefa fácil, uma vez que estamos perante uma sociedade e cultura em que os homens pensam que sabem e percebem de tudo, e que também, ditam as regras sobre tudo. Observa João Paulo II, ao comentar sobre esta realidade:

«O facto, na verdade, de ser homem ou mulher não comporta aqui nenhuma limitação, como não limita em absoluto a ação salvífica e santificante do Espírito no homem o facto de ser judeu ou grego, escravo ou livre, segundo as palavras bem conhecidas do apóstolo: “todos vós sois um só em Cristo Jesus” (*Gál 3,28*). *Esta unidade não anula a diversidade*»¹⁵¹.

As mulheres, desde sempre, foram grandes animadoras e continuam a exercer os ministérios, com zelo e dedicação. Como é o caso do testemunho de uma mulher, que foi responsável e coordenadora da comunidade cristã de São Carlos de Lwanga em Albasine, Maputo. Através da sua entrega e dinamismo e, com o apoio dos crentes, a comunidade cresceu de tal modo que o espaço da igreja se tornou pequeno, e foi necessário construir uma nova capela¹⁵². Atualmente é uma comunidade viva e dinâmica que conta com a participação de todos, nos diferentes ministérios. Importa referir que o testemunho dos cristãos da comunidade contribuiu para despertar a fé em muitas pessoas, que aderiram à fé cristã. Encorajam-nos os bispos sinodais ao escreverem:

«Um verdadeiro testemunho por parte dos crentes é, hoje essencial em África, para proclamar de forma autêntica a fé. De modo particular, é preciso que eles ofereçam o testemunho de um amor recíproco sincero»¹⁵³.

¹⁵¹ JOÃO PAULO II, *Carta Apostólica «Mulieris Dignitatem» sobre a Dignidade e a Vocação da Mulher por ocasião do Ano Mariano*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1988, 68.

¹⁵² Cf. Testemunho das Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário, Mahotas, 2020.

¹⁵³ JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós -Sinodal «Ecclesia in Africa»*, 89.

Algumas dessas mulheres crentes, de que temos memória, já faleceram. Mas queremos destacar a fé e o testemunho de uma grande cristã e catequista, a «vovó Teresa», como era chamada e respeitada por todos, com muito carinho e estima. Foi nossa catequista e recordamos como nos ensinava a fazer o sinal da Cruz. Aquela mulher de fé transmitia-nos serenidade e santidade. Aproximava-nos de Deus, como «uma santa à porta de casa», como nos revela Francisco:

«A propósito de tais formas distintas, quero assinalar que também o “génio feminino” se manifesta em estilo de santidade indispensáveis para refletir a santidade de Deus neste mundo. [...] lembrar tantas mulheres desconhecidas que sustentaram e transformaram, cada uma a seu modo, famílias e comunidade com a força do seu testemunho»¹⁵⁴.

A «vovó Teresa», na sua humildade, é uma das tantas santas anónimas, pelo testemunho de fé que nos deixou. Recordamos que trazia sempre consigo um saco que, para além do catecismo, continha umas goiabas trazidas da sua casa, para no fim da catequese distribuir a todos os seus catequizados. Ninguém faltava à catequese devido ao modo como a nossa «vovó» nos acolhia e tratava. Amava-nos a todos, mostrando-nos o caminho para Jesus. Além de ser catequista, era anciã da comunidade, exercendo a missão de conselheira e era um ponto de referência, para os que animavam as atividades pastorais, na comunidade cristã de Todos os Santos das Mahotas.

3. Missão das mulheres nas comunidades cristãs, à luz da Sagrada Escritura

Neste ponto faremos referência a algumas situações concretas, vividas pelas mulheres nas comunidades cristãs, e iluminaremos a reflexão fazendo alusão a alguns textos bíblicos, para uma maior compreensão e enquadramento.

Todos somos necessários na construção do projeto do Reino de Deus, com as nossas diferenças e riquezas, na diversidade de dons e de capacidades, pois somos pedras vivas na edificação do Reino, numa fé vivida na alegria e na esperança. Segundo testemunha Francisco:

¹⁵⁴ FRANCISCO, *Exortação Apostólica «Gaudete et Exultate»* (alegrai-vos e exultai), (19 de março de 2018), 12: AAS 12 (2018), 11.

«A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens»¹⁵⁵.

Temos a missão de ser como a Verónica de que nos narra o Evangelho¹⁵⁶. Ela, por ser mulher, não deveria tocar no Homem. Contudo, o verdadeiro Varão Jesus Cristo, deixou-se tocar e que uma mulher Lhe limpasse o rosto, ensanguentado e desfigurado. Verónica é símbolo de tantas mulheres que, com amor, dedicação e compaixão, vão limpando rostos das suas famílias e da sociedade. Elas, na comunidade cristã, entregam-se generosamente ao serviço eclesial, com o seu ser de mulheres e de mães.

Olhando para o relato sacerdotal da Criação, no livro do Génesis:

«Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou»¹⁵⁷.

Como constatamos, Deus confia a humanidade aos dois, homem e mulher. Não referencia a separação de tarefas, o que é exclusivo para cada sexo, mas incumbe a ambos o cuidado da natureza e do mundo que os rodeia. Não parece, também, colocar a mulher na retaguarda ou numa posição de inferioridade, em relação ao varão, mas no mesmo plano de dignidade criacional, de filhos do mesmo Criador. A ideia é destacada pela teóloga France Quéré ao declarar:

«Criou, juntos, o homem e a mulher. Ou melhor, ele o criou homem e mulher. É o mesmo ser, dotado de uma qualidade masculina e feminina [...] Enfim, homem e mulher juntos, sempre juntos, recebem a bênção de Deus que lhes confia uma obra comum: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”...»¹⁵⁸.

Logo, todos, homens e mulheres, fazemos parte integrante da Criação, nos diversos serviços das nossas comunidades cristãs. Pois, juntos recebemos a missão de cuidar da humanidade, cada um segundo a sua singularidade, independentemente da sua condição sexuada. A Igreja é constituída por todos os batizados, sendo que, cada um, deve contribuir para a sua edificação, segundo o seu comprometimento e carisma próprio.

¹⁵⁵ FRANCISCO, *Exortação Apostólica «Evangelii Gaudium»* (A alegria do Evangelho), (24 de novembro de 2013), 103; AAS 105 (2013), 74.

¹⁵⁶ Cf. Jo. 34, 9.

¹⁵⁷ Gn 1, 26-27.

¹⁵⁸ F. QUÉRÉ, *Mulher, ela mesma*, 40.

Acreditamos na força e determinação das mulheres, na tomada de consciência da sua dignidade e missão, como mães e cristãs. Elas são a reserva espiritual e moral da Igreja e da sociedade, na medida em que lutam por causas perdidas e, por vezes, perplexas. As mulheres experimentam a presença do amor de Deus nas suas vidas, quando se sentem acompanhadas, animadas e motivadas pela fé, que as impulsiona seguir em frente. Como diz esta humilde mulher:

«A vida é que me obriga a dar coragem. Entrego-me à Igreja e ao grupo coral para não ter pesadelos na cabeça e não sofrer. [...] À 3ª feira vou ao núcleo religioso, à 4ª feira vou aos ensaios do grupo coral, à 5ª feira tenho Adoração do Santíssimo, à 6ª feira vou à missa dos defuntos, ao domingo vou à missa e vou visitar a minha família»¹⁵⁹.

Esta mulher, cristã, funcionária e/ou camponesa, enfrenta vários desafios na sua caminhada, entre os quais destacamos: o peso da tradição cultural e a injustiça social. Infelizmente, muitas vezes na sociedade, continua-se a pensar que ela é e deve permanecer, numa situação de «doméstica», porém ela encontra razões para viver na fé em Jesus, quando se doa aos outros, participando nos diversos ministérios e atividades paroquiais.

As verdadeiras discípulas nunca abandonaram o Mestre, nem na vida nem na morte. O que interessava àquelas mulheres que seguiam Jesus, de que nos narram os Evangelhos? Cativava a sua mensagem libertadora, a fresca e a novidade da Palavra dada por Ele, que as tocou profundamente e transformou as suas vidas. Como aconteceu com a mulher samaritana, de que nos fala João:

«A mulher, então, deixou seu cântaro e correu à cidade, dizendo a todos: “vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Cristo?” Eles saíram da cidade e foram ao seu encontro»¹⁶⁰.

A verdadeira vocação da mulher cristã é a de ser para os outros, num contínuo gastar-se pelos outros, sem esperar recompensa alguma. É a de se libertar junto à cruz, para ser sinal de sanção para os outros. O próprio Senhor Jesus teve a ousadia de se aproximar da mulher (a samaritana). Uma mulher meia pagã, «pecadora social», para a libertar do peso a que era sujeita socialmente, através de uma conversa profética, profunda e, ao mesmo tempo, libertadora. Encontrou em Jesus a água viva, o sentido para viver.

¹⁵⁹ M. SILVA, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, 65.

¹⁶⁰ Jo. 4, 28-30.

Fazemos memória de uma mulher idosa, dos seus setenta anos, de nome Magombo que, com coragem e sacrifício, caminhou cerca de dezasseis quilómetros com um saco à cabeça, contendo uma singela doação de roupas e utensílios de cozinha. Era a sua humilde contribuição para ajudar aqueles que perderam tudo com a passagem do ciclone Idai, que assolou o centro do País, em março de 2019¹⁶¹. Uma autêntica heroína anónima, com este magnífico gesto, do «óbolo da viúva», feito com amor e sinceridade, faz lembrar o exemplo de Rute:

«Respondeu Rute: “não insista comigo para que te deixe, pois para onde fores, irei também”»¹⁶².

Como Rute, a avó Magombo, ofereceu a sua fiel amizade, dedicação e amor ao próximo, para os que tudo perderam pela força da tempestade. Este é um gesto que não tem preço. Só o amor é capaz de tal grandeza, naqueles que se doam pelas verdadeiras causas, de forma corajosa e tenaz. Porque acreditam no verdadeiro sentido da vida, em pequenas atitudes, mas realizadas com a profundidade de uma verdadeira caridade e sentido do outro.

Como bem nos recordamos a salvação da humanidade realizou-se por intermédio de uma mulher, como nos lembra Lucas:

«“Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus”»¹⁶³.

Confortam-nos as palavras de João Paulo II ao dizer:

«Muito significativo é, por sua vez, que em meio desta realidade, esteja renascendo a autêntica teologia da mulher. É redescoberta a sua beleza espiritual, o seu génio particular: estão se redefinindo as bases para a consolidação da sua posição na vida não apenas familiar, mas também social e cultural e a esse respeito, deveríamos voltar à figura de Maria. A figura de Maria e a devoção p’ra com Ela, vivida em toda a sua plenitude, torna-se assim uma grande e criativa inspiração para este caminho»¹⁶⁴.

¹⁶¹RPA, *Bilionário recompensa idosa que andou 16 quilómetros para ajudar vítimas de ciclone*, <https://razões para acreditar.com/idosa-ajuda-vitimas-ciclone/>. Consultado a 05-01-2021, às 16.15h.

¹⁶²Rt. 1, 16 ss.

¹⁶³Lc. 1, 30-31.

¹⁶⁴JOÃO PAULO II, *Atravessar o Limiar da Esperança*, Editado por Vittorio Messori, Edições Temas da Actualidade, S.A., Lisboa, 1994, 202.

Como Maria, que recebeu de Deus a missão de ser a Mãe do Redentor, semeadora de esperança, geradora de vida e de transformação social; a mulher moçambicana é vocacionada a uma vida criativa, vivida com sentido e entusiasmo, apesar de, por vezes, não compreender muito bem os planos de Deus, como também acontecia com Maria de Nazaré.

Por isso, depois de uma longa jornada de trabalho, a mulher ainda tem a obrigação de cuidar da família, isto é, dos filhos, da casa e do marido. E, em alguns casos, para não dizer muitos, ela deve estar disponível para satisfazer os desejos e necessidades do homem, com ou sem o seu consentimento. É uma realidade dura e, por vezes, insuportável para a maioria das mulheres moçambicanas. Para muitas dessas mulheres, Jesus é a sua força, não se resignam no desespero, mas ancoram a sua fé Naquele que as fortalece.

Olhando para o relato de Jesus sobre o testemunho da ressurreição, Maria Madalena foi a primeira a testemunhar o acontecimento e a anunciá-lo:

«Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena»¹⁶⁵.

Jesus, segundo a descrição de Marcos, apresenta uma mulher a dar testemunho, em primeira mão, do Senhor ressuscitado. Porque é que a palavra dela não teve credibilidade junto dos outros discípulos? Possivelmente por ser mulher, além disso, pecadora, numa condição de indignidade, «de quem havia expulsado sete demónios»¹⁶⁶. Com estes critérios e entendimento, dificilmente os homens dariam crédito ao que Maria Madalena comunicara. Contudo, Jesus pretendia romper com uma ideologia machista, cultural e exclusivista, marcante na sua época. Evidenciando, deste modo, a dimensão de atenção, dignidade, interioridade e participação feminina, quando «dispõe» de uma mulher para dar a «Notícia», em primeira mão. O que importa é a salvação em Cristo, como aponta Anne Carr¹⁶⁷.

Não se trata de serem as mulheres dadas ao falatório, como se tenta justificar. A verdadeira razão é porque, na tradição judaica, a mulher não devia tomar dianteira em

¹⁶⁵ Mc. 16, 9-14.

¹⁶⁶ Mc. 16, 9.

¹⁶⁷ Cf. A. CARR, *A Mulher na Igreja*, Tradução de António J. Pinto Ribeiro, Círculo de Leitores, [s.l.], 1994, 256-258.

relação ao homem e o testemunho das mulheres não tinha credibilidade¹⁶⁸. Principalmente quando era o momento de dar uma «Notícia» importantíssima, como a da Ressurreição do Mestre. Seria um direito reservado ao varão, porque elas não usufruíam desse direito, nem tinham liberdade para tal. Confirma-o Amador, ao descrever o papel da mulher no mundo judaico:

«Como nas civilizações, entre os judeus a mulher não gozava em geral de grande liberdade e apreço [...] Aos tempos de Jesus (judaísmo tardio) tal degradação atingira o auge, quer no campo social quer no religioso»¹⁶⁹.

Para dizer que elas não contavam muito¹⁷⁰, não tinham espaço para exercerem nenhuma tarefa pública ou religiosa. Todavia, Jesus rompe com esta tradição patriarcal, aparecendo em primeiro lugar a ela (mulher). Ele quis assim inaugurar e flexibilizar, o papel e o lugar da mulher, num contexto predominantemente masculino e de cariz judaico.

Também hoje, tal como Maria Madalena, as mulheres nas nossas comunidades cristãs estão sempre na dianteira para o que for necessário e mostram-se disponíveis e atentas para apoiar e colaborar nos diferentes ministérios, como Maria nas Bodas de Caná¹⁷¹.

Queremos destacar a presença das mulheres nos núcleos. Pequenas comunidades, formadas por mais ou menos vinte famílias, com o intuito de uma maior aproximação, partilha e conhecimento dos fiéis, circunscritos à área paroquial. Em cada núcleo os encontros são realizados uma vez por semana, na casa dos fiéis e de forma rotativa.

O encontro semanal, nos núcleos, está aberto à participação de todos os crentes, homens, mulheres, jovens e até crianças, mas, a maioria das pessoas que frequentam com assiduidade e dinamismo, são as «nossas mães». Os homens contam-se a dedo. A maior parte dos encontros são orientados por elas, que preparam de forma rotativa, com dedicação e criatividade, as orações semanais e a liturgia. Algumas mulheres têm a responsabilidade de serem as coordenadoras dos mesmos.

¹⁶⁸ Cf. M. MONIZ, *Tese de mestrado: Mulheres Discípulas no Ministério da Igreja, ontem e hoje. Carisma e Missão das Missionárias Dominicanas do Rosário*, UCP, Lisboa, 2020, 33.

¹⁶⁹ A. ANJOS, *S. Paulo e a Condição da Mulher. Um desafio à Igreja de hoje*, 16-17.

¹⁷⁰ Cf. *Ibidem*, 11-17.

¹⁷¹ Cf. Jo. 2, 1-12.

Elas dinamizam a vida do núcleo através da visita aos doentes, vivem com muita alegria e entusiasmo os acontecimentos das famílias, tais como a preparação dos matrimónios, batizados e confirmações. Também são muito solidárias com as famílias enlutadas, quando a irmã-morte bate à porta, de algum membro do núcleo. Importa referir que elas estão sempre disponíveis e atentas, prestando o seu apoio de vários modos, seja com dinheiro, alimentos e sobretudo com a sua presença.

As mulheres estão presentes como ministras extraordinárias da Comunhão, levando a Sagrada Comunhão aos doentes. Depois de uma longa celebração que, à maneira africana, às vezes se prolonga por duas horas ou mais. Lá vão elas, palmilhando ruas e caminhos, após as celebrações, levando o Senhor da Vida aos doentes e moribundos, das nossas paróquias ou comunidades. Ao mesmo tempo, visitam e acompanham aqueles irmãos e irmãs que, por motivos de saúde não podem deslocar-se à comunidade, levando-lhes o conforto e a presença do Senhor.

Elas, como sacristãs, zelam pelas indumentárias e alfaias litúrgicas, mantendo-as limpas e organizadas. Ao longo da semana, depois de uma jornada de trabalho, lá estão elas, à noite, a preparar a liturgia do domingo seguinte, segundo o costume de há muitos anos.

O serviço de limpeza da Igreja e do recinto paroquial é distribuído pelos núcleos e efetuado de forma rotativa. O núcleo organiza-se para que, ao sábado, os membros pertencentes ao mesmo, segundo a escala pré-estabelecida, efetuem a limpeza. Observamos que o número das pessoas que participam na limpeza varia muito, mas, temos a ressaltar a participação massiva das mulheres. Elas marcam sempre a presença nesta missão e em maior número, para não dizer que os homens, mais uma vez, se contam a dedo.

Tanta disponibilidade para servir o Senhor e a sua Igreja, como catequistas. Recordemos que o nosso ABC da fé começou em casa, com a mãe ou a avó, nossas primeiras catequistas. Lembremo-nos como elas nos ensinavam o sinal da cruz, antes das refeições, e a oração do anjo da guarda, antes de deitar, e sempre nos diziam que tínhamos que rezar e agradecer a Deus, pela vida e pelo prato de comida presente na nossa mesa. Como nos recorda João Paulo II:

«Tal apostolado desenvolver-se-á, antes de mais no seio da própria família, com o testemunho da vida levada em conformidade com a lei divina em todos os aspetos, com a formação cristã dos filhos, com ajuda dada ao seu amadurecimento na fé»¹⁷².

Agradecemos pela fé, entusiasmo e devoção das mulheres Legionárias de Maria e as «mamãs» do Apostolado de Oração. Verdadeiras «Marta e Maria»¹⁷³. Com as mãos de Marta, depois da oração em conjunto, rumam à sua *machamba* buscar o sustento para suas famílias. E, como Maria, servem ao Senhor, servindo a sua família.

Elas são, também, motivo de apoio e encorajamento para outras mulheres da comunidade que passam por momentos de dificuldade, sofrimento, desânimo de natureza familiar, social ou matrimonial. Encontram na reunião semanal do seu grupo, um espaço onde podem sentir conforto, alento, compreensão e, juntas, rezam a oração do terço, pedindo com fé, ajuda e proteção à Mãe do céu.

4. Mulheres de oração e de confiança em Deus

A oração é uma grande força e incentivo para as mulheres, que confiam a Deus as suas mágoas e preocupações. Quando por exemplo, descobrem que o marido tem outra ou outras mulheres para além delas, os homens nem imaginam o grande sofrimento que causam às suas esposas. Por vezes, estes varões até são cristãos ativos que participam nos ministérios (serviços) da comunidade. Esta forma de proceder dos seus companheiros ou esposos, impede muitas mulheres de participarem plenamente nos sacramentos, em particular no do Batismo e da Comunhão. Pois, segundo as orientações pastorais da Arquidiocese de Maputo, encontram-se numa situação «irregular». Porém é, muitas vezes, devido às ações e atitude dos maridos, embora elas permaneçam fiéis aos seus compromissos com eles.

Esta situação de impedimento é muito dolorosa e injusta para as mulheres, que ficam à espera da boa vontade, libertação e consentimento dos companheiros, para acederem aos sacramentos, quando não estão casadas pela Igreja. Alguns desses homens

¹⁷² JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica «Familiaris Consortio» sobre a Família Cristã*, Editorial A.O.-Braga, Lisboa, 1981, 2ª edição, 99.

¹⁷³ Cf. Lc. 10,38-42.

não frequentam a comunidade cristã e, há outros, que até participam, mas não dão o passo. Talvez não queiram comprometer-se com a Igreja, «prejudicando» assim a vida das mulheres, que se sentem excluídas do «banquete» com o Senhor.

Essas mulheres ficam à espera de alguma compreensão, por parte da Igreja ou do pároco, para acederem aos sacramentos que as unem plenamente a Cristo e à Igreja. Talvez por essa razão, as mulheres, que se encontram neste tipo de situações, se «agarrem» a grupos de oração, como os que referimos anteriormente, como forma de apaziguar o desgosto que vivem por dentro.

Isto faz-nos lembrar o episódio de Jesus com a «mulher surpreendida em adultério»¹⁷⁴. É curioso que a mulher foi encontrada a praticar a infidelidade de forma flagrante. Surge-nos a pergunta: com quem praticou o vergonhoso, público e escandaloso adultério? Porque é que a culpa incide somente na mulher?

Humanamente falando, este tipo de ato é praticado por um homem e por uma mulher, ela não o fez sozinha. E ainda acusam os homens: «nós temos uma lei e segundo a nossa lei, esta mulher deve morrer apedrejada». Estamos perante um conceito cultural rígido, expresso numa lei que favorece uns em detrimento de outros. Os fariseus vaidosos e triunfalistas, aferrados a uma «lei», são desafiados por Jesus a desmontar a sua lógica e a si mesmos, pois Jesus remete-os para uma ética do amor a (divinização). Sublinha Amador dos Anjos:

«A mensagem de Jesus, apesar da sua universalidade, tinha como destinatários privilegiados os que menos contavam na sociedade da época: as crianças, os pobres, os doentes, as mulheres, enfim as vítimas de qualquer tipo de injustiça»¹⁷⁵.

Podemos dizer que Jesus «desrespeitou a lei», ao olhar para a mulher como seu semelhante, digno de respeito, em prol da vida, e vida em abundância como diria João¹⁷⁶, enquanto os fariseus permaneciam ferrados na sua mesmidade. Por sua vez, à mulher acabrunhada, rejeitada e sem possibilidade de se defender perante a lei, valeu-lhe a calma, a justiça e o cumprimento espiritual, da lei da caridade (amor): «Aquele que de entre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra». Segundo o relato, ninguém tomou a iniciativa, ou seja, ninguém se atreveu a apresentar-se como inocente.

¹⁷⁴ Jo. 8,1-11.

¹⁷⁵ A. ANJOS, *S. Paulo e a Condição da Mulher. Um desafio à Igreja de hoje*, 21.

¹⁷⁶ Jo. 10,10.

Então, Jesus salva a mulher, inaugurando o novo tempo da graça. Somos salvos pela graça divina. Fez entender à mulher que o que fizera não era digno. Não enalteceu a sua fragilidade, mas também não a condenou: «vai e não tornes a pecar».

Jesus ofereceu uma ocasião à mulher de viver, de se libertar e de ser ela própria, apesar de ter sido, na visão dos homens, a «pecadora social». Não sabemos o que aconteceu depois com ela, mas Jesus deu à mulher a possibilidade de voltar a gerar vida, abriu-lhe uma oportunidade para o futuro, tanto para ela como também para os homens que a condenavam.

Deus oferece-nos e a abre-nos caminhos para o futuro. Jesus foi o grande ativista dos Direitos Humanos, o primeiro a respeitar a humanidade e a dignidade dos outros. Revelou-nos que Deus é Amor e a todos ama de igual modo. No amor, todos temos lugar, voz e vez.

Recordamos uma mulher que tinha já uma certa idade e que pertencia à Legião de Maria. Que tristeza sentia aquela mulher, por não poder receber nas suas mãos a Sagrada Comunhão. O seu marido não rezava e não a libertava. Isto é, não queria realizar o matrimónio cristão, para que ela pudesse participar da Comunhão.

Regras pastorais, são regras! Também ela se encontrava numa situação dita «irregular», só que, às vezes, esquecemo-nos de que os dogmas, as normas, os sacramentos, são caminhos e não a plenitude rumo à pátria celeste. As irmãs, juntamente com os conselheiros da comunidade, foram conversar com o marido, o qual acabou por aceitar «libertar» a pobre mulher.

Casaram num sábado, na comunidade. Não imaginam a felicidade e alegria daquela mulher quando recebeu a Comunhão. No fim da celebração, dançava e cantava de alegria e dizia-nos: «Agora sim, posso morrer. Sinto-me plenamente cristã»¹⁷⁷. A verdade é que esta senhora durou pouco tempo e faleceu. Acreditamos que aquela mulher gozou da felicidade eterna, antes de lá chegar, pela sua perseverança e fé num Deus que nos chama a amar e ao amor.

Numa mulher, verdadeiramente progenitora e cristã, a sua confiança em Deus é traduzida na oração em favor dos outros. Nalguns casos, dirigida intensamente aos filhos, para que enveredem pelo «bom caminho», mesmo que isso signifique o próprio sacrifício.

¹⁷⁷ Testemunho de vovó Maringuise, Albasine, 1999.

Recordamos um convite que foi dirigido às irmãs, para um almoço numa família de uma jovem amiga. Chegada a hora do almoço, a senhora e dona da casa, não partilhou o almoço connosco, para nosso espanto! Questionamo-la por que razão não estava a almoçar connosco. Disse o seguinte:

«“Não posso comer”, disse a mulher, “porque estou numa batalha de oração”. “Batalha de oração?” Perguntamos. Respondeu a mulher: “Sim, irmã, estou a fazer jejum, pela vida e mudança de vida e comportamento dos meus filhos”»¹⁷⁸.

A batalha, referindo-se à privação (jejum) de alimentos, foi a forma que ela encontrou, para que Deus a ajudasse na transformação da conduta dos filhos.

Uma verdadeira mãe a sacrificar-se pelo bem dos filhos e da família. Que lugar ocupa esta mãe na sua família? O amor de uma verdadeira mãe é capaz de tudo. A vocação da mulher é a de libertar junto à cruz, com persistência e perseverança. Às vezes, a cruz é entendida como lugar de sofrimento, de desânimo e de drama; mas é, também, lugar e sinal de salvação, de libertação, de vida, de apoio e conforto.

À medida que Jesus se aproxima da cruz, os homens tendem a afastar-se do Mestre. Ora vejamos: Judas trai-O, entregando-O com um beijo; Pedro, quando se encontra perante a multidão furiosa, nega-O; encontrado pelo caminho, Simão de Cirene, é solicitado e obrigado a ajudar Jesus, carregando a cruz, apesar de não ser por iniciativa própria. Todavia, algumas mulheres aproximaram-se, mesmo de longe e timidamente e seguiram-No até ao calvário¹⁷⁹:

«Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena»¹⁸⁰.

Maria e outras mulheres estão ao pé da cruz, com lágrimas, apesar das circunstâncias difíceis e do risco que envolvia a morte de Jesus. Permanecem firmes, com a esperança de um amanhã de luz, o dia de Páscoa. Quantas batalhas não têm que enfrentar as «nossas mães», no seu peregrinar, para chegar à celebração da vida?

¹⁷⁸ Depoimento da senhora Ana Maria Langa, Mahotas, 2015.

¹⁷⁹ Cf. Lc. 23, 27-29.

¹⁸⁰ Jo. 19, 25.

5. *Koinonia* das mulheres em diversos ministérios e serviços

Nas nossas paróquias e comunidades de Moçambique, os serviços encontram-se distribuídos por vários ministérios, como referenciamos anteriormente, para um melhor funcionamento dos mesmos. As pessoas são escolhidas, de forma democrática e por voto secreto, onde participa cada crente. Os serviços são por três anos e podem ser renováveis. De entre os quais, encontramos um ministério chamado de Esperança, que consiste em acompanhar as famílias enlutadas, rezar e fazer as exéquias, na ausência do presbítero.

São pessoas preparadas para o efeito e na sua maioria mulheres. São chamadas «ministras de esperança» que colaboram neste serviço, como sinais de esperança num Deus que nos chama à vida que não tem fim. Partilhamos da opinião de Amador dos Anjos ao dizer:

«Se elas participarem ativamente na pastoral onde faltam os sacerdotes, pouco a pouco lhes serão confiadas as tarefas que serão de facto ministeriais. E não tardará a reconhecer-se que o seu contributo é não só válido, mas enriquecedor»¹⁸¹.

É o que constatamos na nossa realidade pastoral. O apoio que as mulheres dão, quando participam e acompanham as orações durante a semana, rezando na e com a família do defunto, depois de um dia de trabalho, do calor intenso que, por vezes, se faz sentir em Moçambique e nesta zona.

As ministras da Esperança participam e orientam a oração, juntamente com todos os membros do núcleo e da comunidade. Como partilham elas a Palavra! Um verdadeiro conforto para quem perdeu o seu ente querido.

Afinal, o Nosso Deus diz-se também de forma feminina. Porém, muitas vezes, parece que a complementaridade entre homem e mulher ficou esquecida. Será que a humanidade, ao longo dos séculos, tem vindo a interiorizar a figura exclusivamente masculina de Deus? É simpático observar como o próprio Deus se revela de maneira maternal, pela boca do profeta, ao consolar o seu povo:

«Pois sereis amamentados e saciados pelo seu seio consolador»¹⁸².

¹⁸¹ A. ANJOS, *S. Paulo e a Condição da Mulher. Um desafio à Igreja de hoje*, 115-116.

¹⁸² Is. 66, 11 ss.

«Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esqueceria de ti»¹⁸³.

Deus, na sua bondade e proximidade, transmite-nos sentimentos de maternidade. As mulheres que pertencem a este ministério têm a missão de escutar e consolar as famílias que perderam os seus, e fazem-no com muito esmero e solidariedade.

Queremos deixar claro que, para nós, não é fundamental nem constitui preocupação a «imposição das mãos». Daí que pedimos desculpas e compreensão às nossas irmãs que lutam por esta causa. Se isso vier a acontecer no futuro, muito bem. Todavia, para nós, o fundamental é viver o sentido de participação e colaboração na construção do Reino de Deus, onde quer que estejamos, com o nosso pequeno grão de areia. Que isso nos leve a testemunhar o amor de Cristo, num contínuo esforço em sermos pequenas «Sementes do Verbo», começando pelas nossas famílias e no mundo, fazendo brotar sinais de justiça, paz, solidariedade, comunhão e harmonia entre os diferentes intervenientes da nossa comunidade e sociedade. Elucida-nos ainda Anjos ao afirmar:

«O sacerdócio comum do povo de Deus, do qual as mulheres participam, é muito mais importante que o sacerdócio ministerial. O mais importante não é ser padre, bispo ou mesmo papa, mas sim ser cristão»¹⁸⁴.

Pois é, desejamos sublinhar que, nas nossas paróquias e comunidades, a participação das mulheres nos diversos serviços é uma realidade. O que importa é a dimensão da ministerialidade, pois as mulheres entregam-se e dedicam-se com muito empenho e entusiasmo. Como é o caso das senhoras da Legião de Maria, que se dividem em pequenos grupos, durante a semana, visitando os doentes nos hospitais e as suas famílias, levando sempre o testemunho da mensagem cristã e, por vez, alguns alimentos, fruto da sua contribuição, para alentar quem está fisicamente debilitado, é sua a vocação de gerar vida.

A caridade e o amor fraterno são o que nos identifica e nos aproxima da semelhança com Deus. O serviço prestado ao outro de forma desinteressada é expressão reveladora de que a mensagem de Cristo vai-se tornando realidade entre nós. Como cristãos partilhamos o nosso tempo e presença junto daqueles que precisam da nossa dedicação e solidariedade. Colocar a Palavra ao serviço do próximo, procurando praticar

¹⁸³ Is. 49, 15.

¹⁸⁴ A. ANJOS, *S. Paulo e a Condição da Mulher. Um desafio à Igreja de hoje*, 124.

o bem, é caridade. Faz sentido este pequeno trecho de Paulo à comunidade de Roma, ao escrever:

«Com amor fraterno, tendo carinho uns para com os outros, cada um considerando o outro mais digno de estima. Sede diligentes, sem preguiça, fervorosos de espírito, servindo ao Senhor, alegrando-vos na esperança, perseverando na tribulação, assíduos na oração»¹⁸⁵.

É importante dizer que este grupo de mulheres, da Legião de Maria da nossa paróquia, todas as semanas e muito cedo, se encontra para recitar a oração do terço. Muitas delas têm situações familiares complicadas. Contudo, esquecem-se de si e dos seus problemas, por um momento, para se dedicarem aos demais de forma desinteressada. Quando dão o melhor de si em prol da vida dos outros, fazem-no de forma gratuita e com generosidade. Como identifica Susan Ross, ao afirmar:

«Finalmente, todos os dias, milhões de mulheres servem a Igreja através dos seus ministérios a nível da educação, da caridade e da liturgia, [...]»¹⁸⁶.

Diria o apóstolo Paulo aos coríntios: «a caridade é prestativa, tudo suporta, tudo crê»¹⁸⁷. Como batizados, somos uma missão, porque somos de todos e precisamos de todos. Somos todos necessários, homens e mulheres. Somos pedras vivas na edificação da comunidade, quando nos abrimos às dores e às necessidades dos outros.

De entre vários serviços paroquiais, encontramos o Ministério da Pastoral Caritativo Social-Sector da Mulher que de entre muitos trabalhos que realizam, tem como identidade:

«Ser um setor da Pastoral Caritativo Social que, contribui na promoção, evangelização e dinamização da mulher, inserindo-se no serviço e no testemunho materno dos mais necessitados e em particular da mulher»¹⁸⁸.

A Pastoral Caritativa deste setor visa, à luz do Evangelho, prestar maior atenção e ajuda à mulher. Pretende ajudá-la a redescobrir o seu valor e dignidade na família e na sociedade, que passa por proporcionar ações de formação, debates de temas inerentes à

¹⁸⁵ Rom. 12, 10-12.

¹⁸⁶ S. ROSS, «Prefácio», in G. MACY - W. DITEWIG - P. ZAGANO, *Mulheres diáconos Passado-Presente-Futuro*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2019, 14.

¹⁸⁷ 1ª Cor. 13.

¹⁸⁸ ARQUIDIOCESE DE MAPUTO, *Ministério Caritativo Social-Manual Sector da Mulher*, 4.

mulher, à família e à sociedade, como forma de integrá-la progressivamente nas diversas atividades da Igreja e na sociedade. Procura combater as situações de marginalização, discriminação e maus tratos contra a mulher, promovendo, desta forma, a sua dignidade e consideração.

Importa salientar que a maioria dos membros deste setor são mulheres, que querem ajudar outras mulheres a tomarem consciência da sua dignidade, procurando encontrar o lugar justo e digno, numa sociedade marcadamente patriarcal. Existe, de facto, uma colaboração substancial e preciosa das senhoras, nas nossas comunidades cristãs. Elas sentem que fazem parte integrante do povo de Deus, dão o seu testemunho, nem que seja num pequeno gesto ou no serviço paroquial e comunitário. Salienta no mesmo sentido Luciano Ferreira:

«As orientações Pastorais dos últimos anos, particularmente as saídas da Assembleia Nacional da Pastoral, indicam não apenas um novo modo de relações entre todos os agentes de pastoral e outra maneira de atuar nas comunidades, mas ainda a passagem a uma Igreja baseada sobre a iniciativa e a responsabilidade de todo o povo de Deus»¹⁸⁹.

O nosso ser cristão convida-nos a uma nova ordem das coisas. O «Nosso ser e viver em Cristo», segundo a espiritualidade paulina, impele-nos a sermos novas criaturas em Cristo, a viver *jesusmente*, isto é, à maneira de Jesus, onde não existem privilegiados nem prejudicados. O nosso ser de criaturas encontra a sua razão de ser na Pessoa de Cristo. A dignidade é uma questão dos direitos fundamentais da pessoa humana, tanto para o homem como para a mulher.

Como seres humanos, o importante é sermos luz e irradiarmos essa luz à nossa volta, e darmos «bom sabor» nas nossas relações humanas. Jesus, no Evangelho de Mateus, desafia-nos a sermos sal e luz do mundo: «Vós sois o sal da terra [...] vós sois a luz do mundo»¹⁹⁰. Significa dizer que os cristãos são promotores do Reino de Deus, aqui e agora, independentemente da sua condição sociocultural ou do seu sexo. Importa sermos pequenos e visíveis sinais de luz, não importa a intensidade de luz que transportamos. Assim adverte Francisco:

¹⁸⁹ L. FERREIRA, *Igreja Ministerial em Moçambique. Caminhos de hoje e de amanhã*, Imprimi Potest, Lisboa, 1987, 432.

¹⁹⁰ Mt. 5, 13;14.

«Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra»¹⁹¹.

Nas nossas comunidades, a Santa Igreja oferece-nos a possibilidade e a oportunidade de irmos sendo pequenos sinais da presença luminosa de Cristo, porque temos a missão de sermos reflexos da verdadeira luz, Jesus Cristo, que a todos ilumina com a sua graça.

Concluimos com as palavras de Francisco, que enfatizam a dimensão do testemunho de cada cristão. Somos todos chamados a dar razões da nossa fé, na construção do Reino. Deus olha para todos com o mesmo amor.

A nossa sociedade moçambicana deve reconhecer e valorizar o cuidado familiar, social e eclesial da mulher, no que respeita à sua vocação de promotora de vida, na responsabilidade de velar pelo bem-estar de todos. Somos instados a reconhecer o trabalho abnegado de tantas mulheres, que dão o seu melhor rumo ao caminho da complementaridade, à luz de Deus.

¹⁹¹ FRANCISCO, *Exortação Apostólica «Gaudete et Exsultate»*, 12.

CONCLUSÃO FINAL

A promoção do ser humano, no seu todo, faz parte da herança carismática que os nossos Fundadores nos deixaram. Por isso, redobramos esforços em todas as nossas missões, em proporcionar uma formação integral, com o intuito de desenvolver a dignidade de todos, com maior ênfase à mulher. Para que esta encontre caminhos e meios que a possibilitem na abertura de novos horizontes para um futuro digno, sem ter que permanecer numa dependência excessiva de outros.

Depois do itinerário feito nesta modesta reflexão, tomamos maior consciência de que a realidade cultural e tradicional continua enraizada numa ordem sociocultural patriarcal, fortemente estabelecida. Não é tarefa fácil mudar de mentalidade, que permanece vigente no seio da sociedade moçambicana. Tão relevante é, que continua a colocar a mulher num lugar de retaguarda, de tal modo que, ainda hoje, paira na nossa memória individual e coletiva, a noção de que a mulher existe para ser apenas mãe e dona de casa. Esta atitude conduz-nos a uma situação de desfavorecimento e de fragilidade, porque a cultura moçambicana não está habituada a colocar a mulher num lugar de dianteira.

Estamos perante uma cultura que se mostra inflexível, no que respeita à participação efetiva da mulher, em lugares de decisão e a outros níveis. Os homens continuam a pensar que percebem tudo e são eles que ditam as normas. Infelizmente, as mulheres ainda não usufruem das oportunidades, em igualdade de circunstâncias com os homens, que por vezes, não permitem que sejamos «atrizes» proactivas e responsáveis, na construção de uma sociedade mais justa e equilibrada. Por outro lado, parece haver falta de confiança das próprias mulheres, muitas vezes, elas próprias, não acreditam nas suas potencialidades, ficando sempre à sombra protetora do homem.

Todavia, encontramos também mulheres que lutam afincadamente e se desdobram para manter as suas famílias, provendo alimentos, educação e saúde para os seus. Investindo e vendendo o que quer que seja, para dar uma vida melhor aos filhos. O pouco que ganham é bem gerido por elas, para o benefício de toda a família, ao passo que o homem, quando tem dinheiro no seu bolso, pensa logo numa «cerveja».

As mulheres contribuem em grande parte para a redução da pobreza e da miséria que assolam o nosso país, elas são o rosto invisível, mas, simultaneamente, necessárias e imprescindíveis para o equilíbrio social. A realidade mostra-nos que levam consigo uma enorme responsabilidade e preocupam-se em manter a chama da vida acesa. Fazem tudo o que estiver ao seu alcance, para promover a vida no seu todo, contribuindo, assim, para o bem de Moçambique.

Importa referir que, uma sociedade justa e humanizante será uma realidade em Moçambique, apenas quando houver uma justa e verdadeira valorização do papel e da missão da mulher na sociedade. Lamentavelmente, constatamos que as mulheres continuam em desvantagem em relação aos homens, no acesso à educação, sobretudo as que vivem nas zonas rurais ou mesmo na periferia das cidades e vilas.

Queiramos ou não, as mulheres são parte da humanidade. Contudo, a sociedade moçambicana tende de maneira acentuada, a perpetuar uma socialização da submissão da mulher, privilegiando, sempre que possível, o varão como garante da funcionalidade social.

Ora, se somos imagem e semelhança de Deus, todas as categorias humanas relativas ao género, sexo, classe social, cultura, etc..., deixam de ter relevância, numa ética cristã, segundo a qual, «o nosso ser, estar e viver em Cristo», tem primazia. É fundamental porque, o que nos torna semelhantes e próximos de Deus, não é facto de sermos melhores, mas o sermos diferentes uns dos outros, na caridade. É o que conta para a eternidade.

Olhemos para Cristo, protótipo, e paradigma de todo o ser humano. Nele, encontramos o valor e o sentido da nossa existência, quando agimos, na medida em que formos humanos, valorizando os outros como seres dotados de dignidade, independentemente da condição baseada na diferença sexual ou cultural. A Igreja nasceu pela força e virtude do Espírito Santo, é o mesmo Espírito que impulsiona a ação da Igreja. Ela constrói-se com a presença de todos, homens e mulheres.

Como Missionárias Dominicanas do Rosário e mulheres que somos, não podemos ficar indiferentes à sorte de tantos irmãos, homens e mulheres, no esforço de lutar pela sua dignidade e bem-estar. Por isso, trabalhamos em toda nossa ação pela sua materialização, procurando ser voz, sobretudo dos mais desfavorecidos da terra e descartáveis, em particular da mulher. Através do Centro Social Flori, temos a

oportunidade de acompanhar o progresso e conquistas de muitas mulheres e estimulá-las para não desistirem dos seus sonhos. Para a concretização de algumas ações, incentivamos e escutamos as mulheres, que lutam por melhorar as suas condições de vida, através da educação, da escuta, da formação e do apoio a pequenos projetos.

Para Deus, todos temos valor, pois em cada ser, há maravilhas e sinais do Criador, quando as mulheres se dedicam em diversos ministérios eclesiais em Moçambique, vivendo o serviço desinteressado em favor dos outros, manifestando assim o mandamento do amor, captam a presença de Deus, nas pequenas coisas e serviços comunitários.

Como linhas de investigação futura, há uns cinco anos atrás, sensivelmente, surgiu um fenómeno que se alastrou por várias províncias do país. Para se dirimir conflitos conjugais, como a infidelidade ou o adultério, as mulheres recorrem ao óleo ou água fervidos, atirando-os contra o cônjuge. Em alguns casos, chega-se ao ponto de tirar a vida do cônjuge. Qual é a mensagem que querem as mulheres transmitir à sociedade? O que está por detrás desta atitude extrema e reprovável?

Outro fenómeno degradante para a vítima, são as recorrentes violações sexuais de mulheres, com maior destaque contra raparigas e crianças menores de idade, perpetrado por homens adultos. Que prática é esta, numa sociedade em que havia ou dizia-se respeitar a vida dos semelhantes? O que está a acontecer aos homens, para chegarem a este nível? Estamos a falar de raparigas e crianças indefesas, que ficam marcadas negativamente para o resto da vida. Conscientes de que não basta prendê-los e encarcerá-los, seria necessário realizar um estudo aprofundado das possíveis causas, para uma melhor compreensão e o seu combate pela raiz.

Uma outra situação preocupante é quando o marido morre. A viúva fica expropriada de tudo, com ou sem o *lowolo*, em alguns casos até dos próprios filhos. Ela fica reduzida à miséria e entregue à sua sorte, pois nada lhe sobra. Mais uma vez, é a mulher que fica em desvantagem, num acentuar do seu desfavorecimento e precariedade.

Finalizamos a nossa reflexão, afirmando que devemos trabalhar para suprimir as barreiras e assimetrias entre homens e mulheres, no que respeita à dignidade humana, pois é uma questão dos direitos fundamentais da pessoa humana, criados homem e mulher, à imagem de Deus. O matrimónio e o espaço familiar devem ser um lugar de realização, de encontro entre ambos, no sentido da complementaridade e não de domínio, em favor de um, para o prejuízo do outro.

Somos cientes de que mudar comportamentos, é um processo difícil e complexo, contudo, acreditamos que algum dia tornar-se-á realidade a valorização e o desenvolvimento de todo o ser humano, seja ele, homem ou mulher. Torna-se um imperativo moral, a promoção e valorização do papel da mulher na sociedade e na Igreja moçambicana.

Apesar das sucessivas discriminações, a que a sociedade sujeita a mulher, desejamos continuar com perseverança o nosso empenho em gerar vida, embora o trabalho seja, muitas vezes, invisível e, por vezes, sentido com sentimento de fracasso. No entanto, acreditamos na força interior que nos impulsiona a lutar pela nossa dignidade de mulheres e filhas do Altíssimo. Juntos, homens e mulheres, «parceiros de cooperação» e companheiros de caminho, somos desafiados a desenvolver ações que visam contribuir para o bem-estar da própria mulher, da família, da sociedade e da Igreja em Moçambique. Para que isso seja uma realidade, é necessário favorecer e conceder espaço à mulher: camponesa, operária, funcionária, vendedora informal, crente, para que seja ela mesma, participando nos diferentes domínios do viver em Moçambique. No entanto, são cada vez mais as mulheres que já tomaram consciência de que todos, homens e mulheres, têm igual dignidade e são dignos de realização.

Nós, as Missionárias Dominicanas do Rosário, consideramos que a dignidade da pessoa humana é transversal a toda a nossa ação evangelizadora, o que implica um respeito sagrado pela pessoa humana, o qual deve prevalecer independentemente da condição sexuada.

Acreditamos na força e determinação das mulheres, na tomada de consciência da sua dignidade e missão, como mães e cristãs. Elas são a reserva espiritual e moral da Igreja e da sociedade, na medida em que lutam por causas perdidas. As mulheres experimentam a presença do amor de Deus nas suas vidas, quando se sentem acompanhadas, movidas pela fé, que as anima no seu compromisso cristão.

Constatamos também que o lugar e a missão das mulheres, nas nossas comunidades cristãs, é já uma realidade na nossa ação pastoral. O sentido da ministerialidade da Igreja em África está presente na *koinonia* em diversos ministérios e serviços. Em Moçambique, nas nossas paróquias e comunidades, as mulheres ocupam um lugar fundamental e necessário, como parte do povo de Deus. Guardamos na memória o empenho e entusiasmo de muitas mulheres, em diversos ministérios pastorais. Elas

destacam-se pelo seu sentido de corresponsabilidade e no compromisso em testemunhar Cristo. O que seria das nossas comunidades sem o seu contributo?

A nossa sociedade moçambicana deve reconhecer e valorizar o cuidado familiar, social e eclesial da mulher, no que respeita à sua vocação de promotora de vida, na responsabilidade de velar pelo bem-estar de todos. Reconhecemos o trabalho abnegado de tantas mulheres, que dão o seu melhor, em prol dos outros na sociedade e na Igreja.

BIBLIOGRAFIA GERAL

I. Documentos do Magistério

ARQUIVO DA ARQUIDIOCESE DA BEIRA, *I Assembleia Nacional de Pastoral*, Beira, 1977.

ARQUIDIOCESE DE MAPUTO, *Ministério Caritativo Social-Manual Sector da Mulher*, Maputo, 2018.

BENTO XVI, *Carta Apostólica do Sumo Pontífice sobre a beatificação de duas servas de Deus*, Libreria Editrice Vaticana, 14 de maio de 2005, https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_benxvi_apl_20050514_beatifications-gonicope.html. [Consultado a 15-02-2020].

-----, *Constituição Dogmática, (Lumen Gentium)*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1976, 7.^a EDIÇÃO, 59-116.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE MOÇAMBIQUE, *Família Cristã na Igreja de Moçambique*, Tipografia do Carvalhido, Porto, 1981.

FRANCISCO, *Exortação Apostólica «Evangelii Gaudium» (A alegria do Evangelho)*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2013.

-----, *Exortação Apostólica «Gaudete et Exsultate» (Alegrai-vos e exultai)*, Paulus Editora, Lisboa, 2018.

JOAO PAULO II, *Atravessar o Limiar da Esperança*, Editado por Vittorio Messori, Edições Temas da Actualidade, S.A., Lisboa, 1994.

-----, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal «Ecclesia in África» (sobre a Igreja em África) e a sua missão evangelizadora rumo ao ano 2000*, Reis dos Livros, Lisboa, 1995.

-----, *Exortação Apostólica «Familiaris Consortio» (sobre a Família Cristã)*, Editorial A.O.-Braga, Lisboa, 1981, 2ª edição.

-----, *Carta Apostólica «Mulieris Dignitatem» (A dignidade e a vocação da mulher)*, Editora Reis dos Livros, Lisboa, 1988.

PAULO VI, *Proclamação de Santa Catarina de Sena a Doutora da Igreja. Homilia de Paulo VI*, 4 de outubro de 1970, http://www.vatican.va/content/paulvi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19701003.pdf. [Consultado a 28-12-2020].

II. Documentos da Congregação

CAMPIÓN, Nieves, *Uma mulher que faz história*, MDR, Lisboa, 1990.

-----, *Una entrega a todo riesgo. Folletos Testimonio I*, MDR, Madrid, [s.d.].

Constituciones de las Hermanas Misioneras Dominicadas do Rosário, Berguio, Madrid, 1986.

HERNÁNDEZ, Maria Auxiliadora, *Memória Histórica - 50 anos de presença em Moçambique*, CIEDIMA, SARL, Maputo, 2008.

LAPIEDRA, Aurora, *Reciprocidade Fundacional. Ascensión Nicol e Ramón Zubieta*, MDR, Madrid, 2020.

MARTÍN-TEZORERO, Isabel, *Madre Ascensão Nicol Goni. Pioneira na promoção da mulher*, Lisboa, MDR, [s.d.].

-----, *Historia de las Misioneras Dominicadas Del Rosário, Identidad (Primeira Parte: 1918-1944)*, Grafinat, Madrid, 1999.

-----, *Madre Ascensión Nicol, Cofundadora de la Congregación de las Misioneras Dominicadas del Rosario*, Grafinat, Madrid, 2001.

-----, *Monsenhor Ramón Zubieta e Lés, ao Serviço da Igreja Missionária*, tradução de Armindo de Carvalho, O.P., MDR, Lisboa, [s.d.].

MISSIONÁRIAS DOMINICANAS DO ROSÁRIO, *Plano de Formação*, MDR, Lima, 1992.

-----, *As Raízes: o Fundamento da vida*, MDR, Madrid, 2003.

-----, *O Tronco: Nossa Identidade*, MDR, Madrid, 2003.

-----, *Breve historia de las Provincias*, MDR, Madrid, 1995.

-----, *M. Ascensión Nicol Goñi. Reflexiones sobre su vida y misión*, Grafinat, Madrid, 2005.

----- *Nuestras Mártires del Congo*, <https://www.hnasmdr.org/martires/>. [Consultado a 26-05-2020].

VALBUENA, Cecília, *O Nosso Fundador Mons. Ramón Zubieta y Lés*, MDR, Madrid, 1996.

III. Estudos

AFONSO, Ana Elisa (coord.), *Eu Mulher em Moçambique*, Editores: Comissão nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos, República de Moçambique, 1994.

ANJOS, Amador, *S. Paulo e a Condição da Mulher*, Edições Salesianas, Porto, 1990.

ARISTÓTELES, *Ética a Nicómaco*, Tradução, prefácio e notas de António de Castro Caeiro, Quetzal Editores, Lisboa, 2015.

BERNARDO, Manuel, *A mulher na sociedade e na Igreja*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1987.

BLOOM, Allan, *A Cultura Inculta, Ensaio sobre o declínio da Cultura Geral*, prólogo de Saul Bellow, Publicações Europa-América, Lda., Mira-Sintra -Mem Martins, 1990, 3ª edição.

BRAZ, Celeste, «A Mulher no Mundo do Trabalho», *Rumo Novo, Revista Católica de Inculturação e Reflexão Pastoral*, Gráfica Fagnani, Beira, 01 (1991), 49-56.

CENTRO DE PROMOÇÃO HUMANA DO GUIÚA, *Quem são os catequistas mártires do Guiúa*. [https:// www.centroguiua.com](https://www.centroguiua.com). [Consultado a 01-11-2019].

CARR, Anne, *A Mulher na Igreja*, Tradução de António J. Pinto Ribeiro, Círculo de Leitores, [s.l.], 1994.

CHITTISTER, Joan, *Ser mujer en la Iglesia. Memorias espirituales*, Editorial Sal Terrae, Santander, 2016, 2ª edición.

FERREIRA, Luciano, *Igreja Ministerial em Moçambique. Caminhos de hoje e de amanhã*, Imprimi Potest, Lisboa, 1987.

FUNDAÇÃO GIRL MOVE, *Jovens líderes estão a mudar Moçambique*, [https:// executive .pt/girl-move-jovem-estao-mudar-Mozambique/](https://executive.pt/girl-move-jovem-estao-mudar-Mozambique/). [Consultado a 31-07-2019].

LANGA, Adriano, *Questões cristãs à Religião Tradicional Africana Moçambique*, Editorial Franciscana, Braga, 1984.

-----, *o “Lobolo”*, Coleções Cultura e Evangelização 1, [s.e., s.l.], 1990.

MACY, Gary – DITEWUIG, William – ZAGANO, Phyllis, *Mulheres Diáconos. Passado, presente, futuro*, Paulinas, Prior Velho, 2019.

MALÔA, Miqueias, «Liturgia e Cultura», *Rumo Novo, Revista Católica de Inculturação e Reflexão Pastoral*, Gráfica Fagnani, Beira, 01 (1991), 22-34.

MARLEY, Bob, *No woman no cry*, https://www.youtube.com/watch?v=m9LjIBpIVTA&list=RDm9LjIBpIVTA&start_radio=1&t=11&t=11. [Consultado a 02-11-2020].

MONIZ, Mafalda, *Tese de mestrado: Mulheres Discípulas no Ministério da Igreja, ontem e hoje. Carisma e Missão das Missionárias Dominicanas do Rosário*, UCP, Lisboa, 2020.

PASINYA, Laurent Monsengwo, *O espírito Comunitário africano*, Edições Formação, Maputo, 1991.

QUÉRÉ, France, *Mulher, ela mesma*, Edições Paulinas, São Paulo, 1987.

RIVAS, Fernando, *Desterradas hijas de Eva. Protagonismo y marginación de la mujer en el cristianismo primitivo*, San Pablo, Madrid, 2008.

RUIZ ASÚA ALTUNA, Raul, *Cultura Tradicional Banto*, Edição do Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, Luanda, 1985.

SENA, Catarina, *O Diálogo*, Edições Paulinas, São Paulo, 1984, 2ª edição.

RPA, *Bilionário recompensa idosa que andou 16 quilômetros para ajudar vítimas de ciclone*, <https://razões para acreditar.com/idosa-ajuda-vitimas-ciclone/>. [Consultado a 05-01-2021].

SILVA, Maria Clara, *Kulungwana. Mulheres na primeira pessoa*, CIEDIMA, SARL, Maputo, 2011.

UNDSET, Sigrid, *Grandes Biografias, Catarina de Sena*, Editorial Aster, Lisboa, [s.a.],

IV. Depoimentos e testemunhos

FAUSTINO, Maria Elisa, Maputo, 2020.

FILIFE, Idalina, Lisboa, 2019.

LANGA, Ana Maria, Maputo, 2016.

MACAMO, Joana, Mahotas, 2011.

MAGAIA, Luísa Filipe, Mahotas, 2019.

MARINGUISSE, Vovó, Albasine, 1999.

MISSIONÁRIAS DOMINICANAS DO ROSÁRIO, Mahotas, 2020.

PANGUANA, Cândida Fernando, Mahotas, 2017.

V. Consultados, mas não citados

BENTO XVI, *Synodus Episcoporum Ii Coetus Specialis Pro Africa* www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20091023_elenco-propfinali_po.html. [Consultado a 12-05-2019].

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Pastoral, (Gaudium et Spes)*, Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, Braga, 1976, 7.^a EDIÇÃO, 345-418.

Dicionário Bíblico, Obras Básicas 3, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1983.

DOMINGUES, Bernardo, *Pessoa e Solidariedade*, [s.e.], Porto, 2006.

GRELOT, Pierre, *Homem quem és tu? As Origens do homem (os onze primeiros capítulos do Génesis)*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1980.

LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.), *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Tradução de Fr. Simão VOIGT, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, Rj, 2.^a Edição, 1977.

MERCABÁ, *Enciclopédia Hispano-Católica Universal*, https://mercaba.org/LITURGI A/NDL/K_vocabulario_liturgico.htm#kóluba. [Consultado a 20-04-2019].

MISSIONÁRIOS COMBONIANOS, *Cultura Africana y Cristianismo, Ponencias I Encuentro de Antropología y Misión*, Editorial Mundo Negro, Madrid, 1988.

GLOSSÁRIO

Alanguices: mulheres responsáveis, escolhidas e preparadas para orientar a cerimónia do rito de iniciação feminina que têm como papel, transmitir através de cantos, danças e conselhos os valores culturais e específicos de um determinado grupo étnico ou região.

A tinguene tipondo: expressão em ronga que significa «que entre dinheiro».

Caril: em linguagem popular designa o molho que acompanha o arroz, massa ou chima.

Girl move: movimento das raparigas.

Hoyo-hoyo mati: expressão em ronga que significa «bem-vinda a água».

Lowolo: costume existente no sul do país, onde segundo a tradição, a família da noiva recebe um valor e bens materiais, pela perda que representa o seu casamento e a sua saída para outra família.

Machamba: campo de cultivo.

Machimbombo: autocarro para transporte público de passageiros.

Mukerista: pessoa que faz negócio entre dois países, realizando uma transação comercial.

No woman no cry: expressão na língua inglesa que significa «não mulher não chore».

Koinonia: (comunhão) palavra frequente nos escritos de Paulo e João; indica a comunhão entre as pessoas da Trindade e, por participação, aquilo que une a Igreja.

Kulowola: é o ato de um noivo tirar algum valor ou outros bens, para dar à família da noiva, adquirindo, assim, o direito de casar com ela.

Kulungwana: grito de exaltação e alegria que se emite, para manifestar o momento culminante de um ato ou de uma celebração social.

Kuxava: verbo comprar em ronga, no sentido de adquirir alguma coisa numa transação comercial.

Thambi: o mesmo que *lowolo*.

Red carpet: expressão inglesa para designar a passadeira vermelha.

Reggae: estilo de música de origem jamaicana, surgido na década de 60, que se caracteriza pelo uso de melodias simples e de ritmos sincopados e repetitivos.

Ronga: grupo étnico habitante na zona sul de Moçambique, Maputo, e língua deste mesmo grupo étnico.

Self: expressão inglesa para significar o «eu».

Simbas: grupo de rebeldes da República Democrática do Congo, que provocou uma rebelião que começou em 1964, em resultado de alegados abusos por parte do governo congolês, liderados por Pierre Mulele, Soumiatol Gaston e Christophe Gbenye.

Xitique: forma de poupança, feita por um grupo de pessoas, seguindo um sistema rotativo, no fim do qual cada um dos participantes beneficia da totalidade do valor poupado.

ÍNDICE

Resumo e Palavras-chave	3
Abstract key words	4
Agradecimentos	5
Dedicatória.....	6
Siglas e Abreviaturas	7
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – AS ORIGENS DE UM INSTITUTO PARA OS MAIS VULNERÁVEIS	12
1. Fundação e Carisma da Congregação.....	12
1.1. Quem foi Ramón Zubieta?	13
1.2. Ascensión Nicol Goñi, itinerário de uma vida	16
1.3. Fundação do Instituto	20
2. Expansão e atualidade	21
3. Presença da Congregação em África	23
4. Missionárias Dominicanas em Moçambique.....	25
4.1. Vida e missão das MDR e a formação das comunidades em Moçambique	25
4.1.1. Missão de Milange	25
4.1.2. Missão na Comunidade dos Bons Sinais de Quelimane	28
4.1.3. Abertura da comunidade no bairro do Chirangano	29

4.2. Presença das MDR em Maputo	31
4.2.1. Começo da primeira comunidade em Namaacha	31
4.2.2. Comunidade na cidade de Maputo	32
4.2.3. Fundação da comunidade de S. Domingos das Mahotas.....	33

CAPÍTULO II – O LUGAR DA MULHER NA CULTURA MOÇAMBICANA E OCONTRIBUTO DAS MDR NESTE CONTEXTO

1. Conceito de cultura.....	34
1.1 Sentido da pessoa na cultura bantu.....	36
2. Raízes culturais tradicionais da mulher moçambicana, à procura da sua identidade..	37
2.1. O ritual de nascimento	37
2.2. O que se espera de uma mulher na cultura tradicional moçambicana.....	39
2.3. <i>Lowolo (thambi)</i> e o seu significado	42
2.4. Casamentos prematuros, uma realidade de penumbra na vida das mulheres.....	49
3. Evoluções recentes	50
4. Ação das MDR no bairro das Mahotas.....	56
4.1. Promoção da mulher na área da educação e no desenvolvimento das suas competências	56
4.2. Escolarização da mulher.....	58
4.3. Grupos de poupança (xitique) e pequenos negócios	61
4.4. Pastoral da escuta.....	63

CAPÍTULO III – AÇÃO DA PASTORAL COMO PROMOÇÃO DA MULHER EM MOÇAMBIQUE

1. Mulheres cristãs que nos inspiram pelo seu testemunho de doação.....	69
---	----

1.1 Martírio de mulheres cristãs e catequistas	69
1.2 Mulheres de Fé que congregam	71
2. O sentido da ministerialidade da Igreja em Moçambique	73
2.1 Ecos do Concílio Vaticano II em Moçambique.....	73
2.2. Necessidade de uma evangelização participativa.....	74
3. Contributo das MDR na dinamização e formação das comunidades cristãs.....	76
3.1. Fundação das comunidades: Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Rosário ...	77
3.2. Animação das comunidades cristãs, pelas MDR e padres do IEME na formação dos leigos.....	79
4. Missão das mulheres nas comunidades cristãs, à luz da Sagrada Escritura	81
4.1. Mulheres de oração e de confiança em Deus	89
5. <i>Koinonia</i> das mulheres em diversos ministérios e serviços	92
CONCLUSÃO.....	98
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	103
I. Documentos do Magistério.....	103
II. Documentos da Congregação	104
III. Estudos	105
IV. Depoimentos e testemunhos.....	107
V. Consultados, mas não citados.....	108
Glossário.....	109